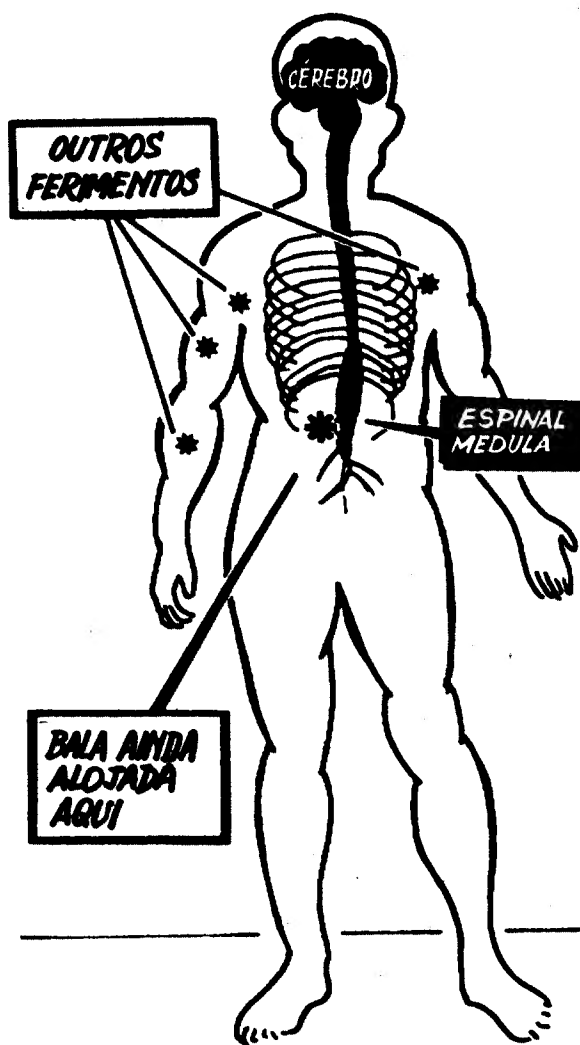


Wallace continua com a bala na coluna



No hospital de Silver Spring, Maryland, onde está internado, o governador George Wallace parecia hoje estar a melhorar, tendo os médicos deixado de considerar o seu estado como crítico. A bala que se alojou na sua coluna vertebral ainda não foi removida. O neuro-cirurgião Garber Galbraith, que observou Wallace, disse que a bala não impedia a circulação do líquido raquidiano. Mas só depois de retirada a bala se poderá dizer se a espinal medula foi ou não ofendida e, consequentemente, se o ferido ficará paralizado para sempre. Ontem, Wallace obteve dupla vitória nas eleições primárias do Michigan e do Maryland. McGovern ficou em segundo no Michigan, mas foi superado por Humphrey no Maryland.

HOJE 36 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Novo diploma propõe

CORRECCÃO DAS RENDAS DE TRÊS EM TRÊS ANOS NAS CASAS ECONÓMICAS

Actualização das rendas de três em três anos e inovações quanto ao modo como as casas de renda limitada devem ser oferecidas, quanto ao processo de garantia do pagamento da renda e quanto ao processo de despejo, são estabelecidas por um projecto de decreto-lei enviado pelo Governo à Câmara Corporativa: o diploma legislativo a aprovar altera parcialmente o regime jurídico vigente, constante dos decretos-lei n.ºs 36 212, de 7/4/1947, e 41 532, de 18/12/1958.

O projecto estabelece que as Câmaras Municipais devem organizar um programa de cedência

de lotes de terreno de que disponham em cada ano civil, por forma que, de acordo com as características e necessidades do concelho, uma parte das habitações construídas nesses terrenos seja oferecida no regime de renda limitada. Para atribuição dos lotes abrir-se-á concurso público e a respectiva cedência será feita por sorteio entre os candidatos inscritos, sendo atribuído o direito de superfície sobre o terreno sempre que este haja sido adquirido com recurso à expropriação sistemática ou o direito de propriedade nos demais termos.

Viagem-relâmpago de Agnew a Saigão

O vice-presidente Spiro Agnew dos EUA, efectuou hoje uma visita-relâmpago, rodeada do maior segredo, ao Vietname do Sul, onde conferenciou com o presidente Thieu. Agnew partiu de Bangkok, Tailândia, às 2 horas (de Lisboa) e regressou sete horas depois. Ao todo esteve duas horas no palácio presidencial de Saigão. Não fo-

ram revelados pormenores das conversações, mas admite-se que foi feito o balanço da actual ofensiva da FNL e dos efeitos das medidas de represália tomadas por Nixon.

Entretanto, a ofensiva intensificou-se nas últimas horas. A região de Saigão e o centro do país foram as zonas onde se verificaram mais ataques. Nos arredores de Pleiku foi

destruído um paiol das forças governamentais. Em Kontum foram destruídos dois aviões e danificados helicópteros norte-americanos. Uma importante ponte na estrada que liga Hué a Da Nang foi destruída após um ataque dos guerrilheiros.

Esta destruição afectará ainda mais o abastecimento de Hué, já muito precário.

LEIA HOJE



Londres propõe o estilo campestre para a moda feminina. Mais pormenores no «DL/Mulher» de hoje, que apresenta também o guarda-roupa de Lolobrigida e uma reportagem sobre crianças em liberdade.

Nova corrida ao ouro

LONDRES, 17 (FRDL) — O ouro sobe vertiginosamente no mercado londrino. Hoje o preço da onça ouro atingiu 53 dólares contra os 55,25 de ontem.

DL/OPINIÃO

A visita a Lisboa do ministro dos Assuntos Exteriores de Espanha, a convite do ministro dos Negócios Estrangeiros, embora referida no comunicado conjunto como «continuação das entrevistas celebradas por ambos os ministros em cumprimento do estabelecido no protocolo adicional do Tratado de Amizade e Não Agressão entre Portugal e Espanha, assinado em Madrid, em Maio de 1970», não se pode considerar puramente como rotineira. O actual momento da Europa, e as relações entre os dois países, justificam toda a importância de que se revestiu a visita de Lopez Bravo.

Os ministros começam por recordar a adesão das duas nações aos mesmos

princípios», e o propósito de «impulsionar a cooperação hispano-portuguesa». Foi feita referência particular à Conferência Europeia de Segurança e Cooperação e ao estado actual das negociações de cada um dos países face à Comunidade Económica Europeia. No ano de 1962 a Espanha pediu a associação ao Mercado Comum com vista a uma total integração, e em Outubro de 1970 foi assinado um acordo comercial. Portugal, como membro do que se começa a chamar mini-FTA tem, desde Novembro de 1970, negociações que visam, como objectivo, chegar a formas de associação. Recorde-se que as modalidades de ligação ao Mercado Comum podem ser de

A VISITA DE LOPEZ BRAVO

adesão, de associação, de acordo comercial. A posição da Espanha, relativamente a Portugal, pode considerar-se de avanço uma vez que já concretizou uma ligação de acordo comercial, oito anos após ter pedido a associação com vista a uma total integração; Portugal oferece a experiência de um outro arranjo, de zona de trocas livres, através da FTA. A troca de experiências aparece da maior necessidade na situação que se atravessa, sobretudo se se procuram soluções mais adequadas, animadas pela cooperação hispano-portuguesa.

Nas relações entre os dois países, foi referido, no

comunicado, o estudo da institucionalização das relações económicas além de outros aspectos. As relações económicas, reflectidas no comércio português, terão sido encaradas, parecendo de salientar que as importações de Espanha têm significado, representando 4,7 por cento das importações totais de 1971, enquanto as exportações para Espanha tem peso muito menor, não passando de 1,7 por cento do total. Daqui resulta que, depois do Japão e antes dos países da «Europa Oriental», a Espanha é o país com que Portugal tem pior taxa de cobertura das importações pelas exportações.



Opinião

AS PALAVRAS
E AS REALIDADES

Foi muito grande o interesse suscitado pela realização da Expomafer-72 (sigla enigmática que significa Exposição de Máquinas-Ferramentas...), concretizado tanto na afluência de público como nos negócios contratados e contactos preparatórios. Houve mais de uma centena de visitas guiadas, o que acentuou o carácter didáctico do certame, e, paralelamente, com o patrocínio do Fundo de Fomento da Exportação, organizaram-se colóquios sobre problemas da indústria e do comércio das máquinas-ferramentas.

Este brevíssimo resumo mostra que a organização usou métodos dinâmicos, orientados adequadamente para a captação dos naturais interessados, em primeiro lugar, mas não esquecendo o público em geral curioso destas manifestações.

Teme-se, contudo, que as recomendações aprovadas nos colóquios sejam por certo automatismo verbal que se sobrepõe à realidade, mesmo quando essa realidade parece abordada de frente. É o caso, por exemplo, da primeira recomendação, que diz: «A indústria portuguesa de máquinas-ferramentas terá de se preparar para uma concorrência cada vez mais áspere, tanto no mercado interno, como no internacional». A prevenção poderia ser igualmente aplicada, «mutatis mutandis», a qualquer outra indústria particular, foi-o já mil vezes, e tantas, que terá perdido a sua força de convencimento...

Mas (dir-nos-ão) estas palavras não são mais do que um limiar de carácter geral, simples preâmbulo às proposições fundamentais. Seja assim. Vejamos então o que diz a segunda recomendação: «O sector deverá igualmente preparar-se para tirar partido de um mercado alargado de 250 milhões de consumidores, constituído pela Europa dos Dez, em que a nossa integração irá processar-se».

Ora, quando se conhece (e apenas fragmentariamente, por alusões dispersas) a que ponto está sendo embaraçada a nossa integração, quão difícil é a nossa actual posição no concerto económico europeu, já de si pouco pacífico — há-de parecer utópico falar em tirar partido de um mercado de 250 milhões de consumidores, como se a integração nesse mercado fosse já para amanhã, como se ao penetrarmos nele pudessemos logo proferir a frase histórica: «Chegámos, vimos, vencemos»...

Ao cabo, sabe-se que assim não será. Di-lo indirectamente uma outra recomendação dos mesmos colóquios: «O actual contróle de qualidade das máquinas-ferramentas trouxe enormes vantagens aos utilizadores e influiu na maioria do fabrico. Esse contróle não é, contudo, suficiente para que as máquinas portuguesas possam ter êxito em mercados internacionais. O contróle de qualidade dos materiais utilizados, dos órgãos das máquinas, da rigidez destas, é um passo para se atingir um estádio, o da viabilidade do seu funcionamento». Por estas palavras se avalia como estamos longe de poder efectuar (no tal mercado alargado de 250 milhões de consumidores) a preconizada e evidentemente necessária penetração.

Não significa o nosso comentário que nos devamos considerar vencidos logo à partida. Pelo contrário, onde se possa e deva concorrer, nesta corrida em que já arrancámos tarde, lute-se sem hesitações nem pausas. Mas tenhamos o equilíbrio suficiente para não abusarmos das palavras. Quando tal sucede, sempre se acaba por embalar múnias, em vez de se participar no movimento das sociedades vivas. Pôr e tirar palavras, lançá-las em circulação, pode servir utilidades de pouco alcance, mas não modifica as realidades. E estas, digamo-lo uma vez mais, são pouco animadoras. Os 250 milhões estão longe de nós.

Demografia
e desenvolvi-
mento

Há muito tempo que os organismos das Nações Unidas reconheceram a estreita relação existente entre o aumento demográfico e o desenvolvimento; mas até então era sobretudo no quadro de outras actividades que eles forneciam a sua assistência em matéria demográfica. Assim, durante alguns anos, a Divisão de População da Organização das Nações Unidas constitui uma das principais fontes de informações demográficas no mundo.

Além disso, instituições especializadas, como a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a Organização Mundial de Saúde (OMS) introduziram elementos respeitantes à população em vários dos seus programas relativos à mão-de-obra, à agricultura, à educação e à saúde.

O Fundo para as Actividades em Matéria de População serve de catalisador, dando mais recursos à disposição dos programas de população, ajudando os países a empreender grandes projectos neste sector, assegurando a coordenação dos esforços das Nações Unidas e informando os governos das formas de assistência de que podem dispor. O Fundo começa igualmente a desempenhar um papel importante na coordenação dos programas das Nações Unidas e os programas bilaterais, governamentais e particulares.

Futuro
carregado

A desproporção entre o número de seres humanos e os meios de os manter preocupa desde há muito o homem que se esforça por melhorar o nível de vida da sua família, e os governantes que procuram utilizar da melhor maneira os orçamentos nacionais. Mas a inquietação universal engendrada pela multiplicação rápida dos habitantes da Terra em relação aos recursos que esta Terra pode oferecer-lhes, é um fenómeno recente. Resulta da aceleração constante do ritmo de crescimento da população, desde 900.

No princípio do século, avaliava-se a população mundial em 7 bilhão de pessoas. Em 1950, atingia 2,5 bilhões. De 1950 a 1970, deu um salto, para passar a 3,6 bilhões; 2,5 bilhões destes habitantes vivem naquilo a que se chama regiões desamparadas.

A situação actual é, pois, razoavelmente alarmante. Ameaça tornar-se mais alarmante ainda. A Organização das Nações Unidas fez duas projecções significativas. Segundo a primeira, se a fecundidade humana continua a ser o que é, a terra contará, em menos de trinta anos, uns 8 bilhões de habitantes. Segundo a outra projecção, mais moderada, prevendo uma diminuição sensível da fecundidade, a população do mundo, no ano 2000 elevar-se-á a 6,5 bilhões de habitantes, 5 bilhões dos quais nas regiões em vias de desenvolvimento.

Planificar
a família

No Cairo, os funcionários governamentais, inquietos por verificarem que o aumento demográfico anulava os progressos realizados na agricultura, na indústria, na educação e no levantamento dos níveis de vida em geral, decidiram ampliar os serviços de planificação familiar de que dispunha já a República Árabe Unida. Para esse fim, foi pedida a assistência do Fundo para Actividades em Matéria de População.

JOSE HIPOLITO RAPOSO

OS "TÉCNICOS"
SEM TÉCNICA

Em artigo anterior («Diário de Lisboa» de 24 de Abril de 1972) referimo-nos, dando exemplos, a algumas faltas de adaptação de muitos técnicos às realidades da agricultura na sequência de outras considerações a propósito da impossibilidade de impor esquemas teóricos iguais para toda a exploração da terra. E comentávamos ainda uma crítica também vinda aqui (Diário de Lisboa de 19 de Abril de 1972) aos cursos de formação de empresários que, segundo o crítico enfermavam desse defeito de esquemas taxativos (vid. Diário de Lisboa 11-4-72).

E se no último artigo comentamos alguns casos individuais curiosos com esses erros de base, prometíamos, como agora estamos fazendo, um comentário a esses erros nos grandes empreendimentos já à escala nacional e cujos prejuízos são já de grande monta. Muitos dos empreendimentos desse género já pertencem a um passado longínquo e por isso não lhes fazemos referência.

Começaremos por alguns menos remotos que nos impressionaram muito quando andávamos pelos vinte anos.

Referimo-nos à ideia muito antiga de substituir tanto o «pousio» alentejano de pastagem natural, como o número de cereais utilizados na rotação das explorações do Sul, por pastagens semeadas e fertilizadas com predomínio das leguminosas, possibilitando assim um grande aumento dos efectivos pecuários e o aumento da produção de cereais consequente. Encontramo-la pela primeira vez em Alexandre Herculano e seguindo essa esteira, em Ezequiel de Campos. Ambos acreditavam nessa *revolução técnica*.

É curioso referir que ambos, homens cheios de civismo e de dedicação pelo bem comum, fizeram a sua experiência de lavradores procurando experimentar as suas teorias. E é curioso ainda referir que estamos documentados e ligados por tradição familiar à experiência desses homens. Alexandre Herculano quando se retirou para Vale de Lobos e se fez agricultor, trocava larga correspondência com meu trisavô materno, lavrador alentejano, culto e prático. Ezequiel de Campos, apesar de ter, por sua vez, como opositor político e agrário o bisneto daquele lavrador, soube manter com ele sólida amizade.

Alexandre Herculano escreveu a sua experiência de lavrador, a ponto de se poderem pôr de lado a lado os textos do político teórico investindo os lavradores (entre muitos exemplos) porque o clima era um pretexto para nada fazerem, e textos do lavrador prático queixando-se do «maldito clima». Ezequiel de Campos, ao contrário, não deixou largos escritos da sua experiência de lavrador mas tivemos o gosto de ouvir as suas confidências em casa desse seu antigo adversário político e agrário mas sólido amigo.

Se é louvável o entusiasmo destes dois homens por um esquema de exploração das terras do Sul que podia ser uma grande riqueza para o país, eles já merecem crítica quando antes de experimentarem investiram os lavradores chamando-lhes rotineiros porque não o queriam adoptar. Tinham todavia ambos uma desculpa: não eram agrónomos.

Imagine agora o leitor a esperança (aliás tocada de uma ponta de cepticismo) com que observamos nessa altura o lançamento com fanfarras, de uma grande experimentação com o mesmo esquema, em postos experimentais instalados já com critério, abrangendo solos de diversa natureza.

A esperança baseava-se no facto de ser a primeira vez que os nossos agrónomos dos serviços oficiais experimentavam em grande com todas as potencialidades de que dispunham. A ponta de cepticismo provinha de se indicarem excelentes resultados mas as experiências tinham começado. (Tínhamos as nossas próprias pequenas experiências em campos totalmente limitados sempre com apuramentos de rendabilidade negativa). Mas a desilusão apareceu em breve quando ao fim de alguns anos de experimentação, verificamos com mágoa que esses agrónomos estavam muito entusiasmados com o aumento das produções obtidas *mas não tinham apurado os resultados económicos* o que quer dizer que foram anos e anos completamente perdidos.

Um lavrador alentejano e um agrónomo da brigada técnica de Beja por sua iniciativa, nessa altura, tentaram extrair alguns resultados para não se perder tudo, procurando, baseados na contabilidade de uma exploração privada, imaginar todas as operações a esses custos.

A conclusão foi de que o esquema não era rentável, embora advertissem de que era muito

difícil conjugar os dois elementos utilizados e recomendavam a continuação das experiências em cultura mais larga (os postos experimentais tinham áreas muito pequenas) e com um apuramento directo dos resultados económicos. (Vid. Mariano Feio e Joaquim Sampaio, 2.ª edição. Beja 1960 — Possibilidades da Agricultura de Sequeiro).

E o primeiro não deixou de comentar duramente o defeito passado e presente de muitos agrónomos a propósito deste e de outros casos, ao quererem separar os aspectos técnicos dos aspectos económicos, como se a técnica sendo a aplicação da ciência à vida prática não incluisse necessariamente os aspectos económicos. E comentava, a propósito, certas frases espantosas que se escreviam e talvez se escrevem ainda: *técnicamente recomendável mas economicamente impraticável*. (Os *Técnicos e a Administração Agrícola*, in «Voz da Lavoura», 2/62).

Esse desconhecimento (ou desprezo?) dos aspectos económicos também quando se faz experimentação, longe de se curar com esta experiência parece que requintou e se multiplicou com o decorrer dos anos. É já conhecido de muitas pessoas esclarecidas o estudo económico do Plano de Rega do Alentejo onde se gastaram e ainda vão gastar alguns milhões. O esquema de aproveitamento (o que quer dizer, o justificativo da rentabilidade das obras) baseou-se em 70 a 80 por cento da área dedicada a prados de regadio para a criação de gado ovino e principalmente bovino. Este esquema não é rentável ao menos aos preços actuais do gado, entre nós e em todas as regiões mediterrânicas. Não é adoptado por nenhuma exploração privada embora tenha havido numerosas tentativas, algumas dando lugar a ruína dos entusiastas.

Os primeiros regadios a entrar em funcionamento foram quase totalmente aproveitados com arroz e tomate, as únicas culturas de que dispunham os lavradores, capazes de pagar os investimentos e as taxas de rega. O arroz ameaça agora ser excedentário com excedentes mundiais também e o tomate (que não pode ser cultura exclusiva devido às pragas e acidentes fisiológicos que se desenvolvem) enfrenta hoje a concorrência desleal de outros países mediterrânicos que subsidiam as suas exportações. Acresce que apenas estão em regadio — por causa da pobreza de base desses solos — as áreas menos pobres. A medida que o plano prossegue aumenta a percentagem a regar de solos muito pobres de xistos delgados assentes em rocha.

A barragem da Idanha terminada há trinta anos é um exemplo em pequeno do que provavelmente irá acontecer no Alentejo. Os canais dominam cerca de oito mil hectares dos quais se vão aproveitando cerca de mil e quinhentos a dois mil. Na restante área até cresce mato e do posto experimental lá instalado os agricultores não encontram (nem talvez encontrem alguma vez) qualquer orientação.

Nos esquemas do Alentejo nem sequer esses postos existiam. Só ultimamente, com um grupo de agrónomos luso-alemão, se faz uma tentativa de procurar alguns esquemas para esse aproveitamento, até agora sem resultado.

Quando pensávamos que estes empreendimentos louváveis em si próprios, (qual é o lavrador que é contra a rega em *si própria*?) seriam uma lição para que no futuro e finalmente se pensasse na rentabilidade dos esquemas «técnicos», estávamos enganados.

Com o decreto-lei que promulgou o regime jurídico da colonização interna, a Junta de Colonização Interna ficou apta legalmente a criar os seus «casais agrícolas» nos perímetros de rega. Com essa finalidade e para um dos casos (o perímetro de rega de Elvas) esse organismo encarregou o Centro de Estudos da Economia Agrária da Fundação Gulbenkian de estudar as áreas viáveis para essas pequenas explorações.

Este centro utilizou para esse estudo a programação linear, sistema que se utilizou pela primeira vez na Holanda no estudo do aproveitamento dos novos «polders» (Vid. Edição da Fundação Gulbenkian — Lisboa 1962). Mas enquanto naquele país, as produções previstas se baseavam em dados de estações experimentais e em inquérito a agricultores de reconhecida experiência, no caso português não havia dados experimentais e não se procurou fazer qualquer inquérito aos agricultores da região de reconhecida experiência. (E também os havia entre nós. Na altura contámos em Elvas 43 lavradores *também* técnicos agrícolas, seguindo o dia-a-dia das suas explorações agrícolas, sem contar com aqueles com outros cursos

Continua na pág. 10

DI/NACIONAL

CARÊNCIA DE PSICÓLOGOS EM PORTUGAL

O I.S.P.A. não quer ser uma escola-fantasma

Quase não existem psicólogos em Portugal enquanto os advogados e economistas são paus para toda a colher. O I.S.P.A., fundado há dez anos, tem sido uma escola-fantasma, apesar dos seus 600 alunos e de ministrar um ensino de nível superior em cinco anos. Não está oficializado nem tem qualquer reconhecimento oficial. Quem nasce enfeitado alguma vez se endireita? Qual o futuro do Instituto Superior de Psicologia Aplicada? Qual o futuro da Psicologia em Portugal?

Noutros países os psicólogos clínicos são tão necessários e importantes como os psiquiatras, e os psicólogos de empresa como os engenheiros ou economistas. Aí a psicologia é o curso universitário mais em voga e uma profissão muito requisitada pelos diversos mercados de trabalho (hospitais psiquiátricos, escolas, fábricas, gabinetes de investigação...).

Quando a preparação exigida, a Associação Americana de Psicologia (APA) recomenda 10 anos de estudos para determinadas especialidades como a psicologia clínica. Nos Estados Unidos existem faculdades de Psicologia desde o princípio do século e na França desde 1947. Em Portugal, em 1911, o Estado fez da Faculdade de Letras a madrastra da psicologia, e hoje tudo continua a reduzir-se oficialmente a duas cadeiras e uma tese no curso de Filosofia daquela Faculdade. Fora do quadro das Universidades nasceram algumas iniciativas entre nós. Mas o I.S.P.A. foi a única com cabeça, tronco e membros.

NÃO À «PSICOLOGIA CATÓLICA»

A integração do ISPA numa instituição estatal de base multidisciplinar e com ramificações em várias faculdades parece-nos ser a perspectiva que maiores garantias oferece, não só do ponto de vista do ensino como do económico — afirma-nos a direcção da pró-associação — De imediato, pretendemos no entanto o reconhecimento legal do ISPA pelo Ministério da Educação Nacional. Só depois afrontaremos as vias possíveis de evolução, que são além da anterior, a integração na Universidade Católica e a existência de um instituto de psicologia autónomo, e que por razões sobretudo económicas nos parece de difícil viabilidade. Mas não pretendemos uma «psicologia católica».

Os nossos esforços têm-se centrado sobretudo na pressão feita junto do Corpo Directivo e Docente do Instituto com vista à satisfação de todas as exigências que nos foram apontadas pelo Ministério.

O ISPA foi uma escola fundada inicialmente para os religiosos e religiosas que se dedicam ao ensino. A pouco e pouco, um público mais vasto começou a frequentá-la e hoje é constituída por seis centenas de alunos, a maioria pertencente ao sector feminino (não são concedidos adiantamentos militares...) Dos 224 inscritos pela primeira vez neste ano, 24 são antigos seminaristas e 54 provêm de outras

faculdades. Há quatro anos era, no entanto, mais fácil afirmar que a população do ISPA formava uma salada russa constituída por meninas-família, antigos seminaristas e empregados bancários. Hoje a maioria dos alunos fez as alíneas de Letras ou Medicina do sétimo ano e reparte-se pelos cursos diurnos e nocturnos. Como proprietários foram ficando entretanto as Congregações Religiosas que escudaram a existência do Instituto nas leis da Concordata.

INTEGRAÇÃO

Actualmente, o director do ISPA é o prof. Schneeberger de Athaide, que também é professor extraordinário de Psiquiatria na Faculdade de Medicina e Médico-Chefe do Dispensário de Higiene Mental Infantil. Pedimos-lhe que nos esclarecesse acerca da situação daquela escola:

O plano do Curso foi modificado, procurando-se satisfazer as exigências da Junta Nacional de Educação, e um projecto de regulamento, memória justificativa do mesmo, plano actual de estudos, programa detalhado de cada Cadeira, curriculum dos professores e motivação da escolha de cada um para a respectiva docência. Encontram-se entregues há cerca de dois meses no Ministério de Educação Nacional.

Enquanto aguarda a sua legalização, o ISPA, continua, já dentro do novo plano de estudos, a ministrar aos alunos um curso de Psicologia que considera ao nível de Ensino Superior.

Conferências e Cursos de pós-graduação, feitos aquelas e orientados estes por personalidades de elevada categoria intelectual e cultural, nacionais e estrangeiras, têm sido efectuados. Trabalhos de investigação estão também a ser feitos, por professores e alunos.

Assim, o ISPA não é somente uma escola em que se ministra ensino de Psicologia a nível superior, mas procura evoluir como centro cultural e de investigação.

E nossa convicção que neste momento nada se oporá à legalização da Escola.

Mais de um milhar de pessoas que frequentaram ou frequentam aquela instituição têm a sua entrada no mercado de trabalho duplamente dificultada. Primeiro, porque o estatuto de Psicólogo não está suficientemente definido nem aceite, e depois porque quem não tem canudo, nesta terra não pode ser rei. A este propósito, o prof. Simões da Fonseca, que dirige o sector de Psicologia na faculdade de Medicina declarou-nos: Os argumentos por base a resolução de um problema profissional de um grupo de pessoas não devem ter prioridade sobre o uso de critérios que exijam uma inteira idoneidade da instituição que os prepara.

Numa perspectiva semelhante encontram-se os alunos com quem trocámos impressões.

«Não pretendemos pugnar pelo Instituto como tal, nenhum de nós cá tem acções... Interessa-nos defender os 5... anos de estudos que aqui fazemos, e que não foram noutro lado, porque

não havia onde, assim como a existência de uma psicologia científica em Portugal, ao lado da Sociologia e de outras Ciências Humanas interditas...

No entanto, o prof. Simões da Fonseca vai mais longe.

Não se deveria permitir que continuasse a preparação de profissionais por uma instituição não julgada como idónea a nível profissional. Quanto à competência a atribuir aos formados nas actuais circunstâncias deve ser definida a nível sindical pelo sindicato ou ordem a criar.

IMPASSE?

À espera pela terceira vez da sua legislação, o ISPA tem um passado não muito famoso. Começou por se integrar «na municipalidade cristã», e a falta de psicólogos portugueses preparados para regerem no ensino superior ou uma insuficiente escolha dos mais capazes criaram-lhe uma imagem não muito agradável. Se a isto acrescentarmos as suspeitas para com a psicologia, vindas dos diversos sectores, temos um quadro expressivo da aceitação do ISPA nos diversos meios.

A idoneidade científica do Instituto não é independente das estruturas culturais, económicas e políticas da sociedade portuguesa. Não há uma tradição psicológica em Portugal, nem, entre nós existiram personalidades criadoras como Wundt ou Michotte. O Instituto nada mais faz que reflectir o condicionalismo geral. Esquecer isso é um erro. — esta a posição do dr. Bairrão Ruivo, director do centro de Observação Pedagógica e professor do I. P. A.

Foi neste impasse que encontramos também os alunos do ISPA: por um lado a necessidade de defenderem a estrutura, por outro a análise crítica dos limites do ensino que lhes é ministrado. Conversámos com antigos alunos de outras faculdades e nenhum considerou o ensino no ISPA inferior ao das outras escolas por onde passaram; alguns apressaram-se mesmo a dizer o contrário. «As sucessivas alterações exigidas pelo MEN não deixaram de nos ser úteis na eliminação de deficiência e dum statu que alimentava pessoas sem valor à frente da nossa escola — afirmam os elementos associativos.

AUTONOMIA

O dr. Armando de Castro, conhecido economista e professor de Epistemologia das Ciências Humanas naquela Escola diz-nos por seu lado:

Creio que o esforço central do ISPA consiste em fugir a uma psicologia filosófica ou especulativa. A estrutura do curso revela-nos uma perspectiva científica, na medida em que há cadeiras ligadas não só a Biologia e Fisiologia como ainda a Sociologia e às Matemáticas, para além das cadeiras que evidentemente tratam da especificidade do fenómeno psíquico.

Perguntámos ainda na pró-associação se o facto do ISPA ser propriedade das Congregações Religiosas não lhe valia um colorido ideológico determinado?

— Nos começos do Instituto, sim. Hoje não encontramos a mais pequena tendência teologizante. O que nos falta são melhores condições de trabalho, um laboratório à altura das nossas necessidades, uma biblioteca muito melhor apetrechada que a actual. Um ensino gratuito ou com propinas muito menos caras e dois ou três professores indispensáveis aqui.

Não quisermos de momento exemplificar nomes. Pusemos, então, ao director do ISPA, a questão da contratação de novos professores.

Conheço o curriculum de todos os professores que actualmente leccionam no ISPA e tenho por eles a maior consideração, como cientistas e pedagogos. Todos requereram o seu reconhecimento oficial, como professores do Ensino Superior Particular; se esse reconhecimento lhes não for conferido, não poderão continuar a exercer ensino nesta escola. É evidente que não posso discutir a maior ou menor competência de outros psicólogos que não trabalham no ISPA, mas posso dizer, sim, que as portas estarão abertas para os melhores.

Nesta perspectiva se encontra também o dr. Rodrigues do Amaral, secretário-geral da Sociedade Portuguesa de Psicologia, única entidade que reúne os profissionais, pois que não há sindicato de Psicologia.

O ISPA é actualmente o curso mais bem apetrechado embora não eu não pertença ao Instituto, as poucas pessoas que conheço oferecem garantias de idoneidade científica e pessoal, estando já esse curso formado, é de aprová-lo e melhorá-lo e não de o destruir. Em Portugal há poucos psicólogos e não devemos desperdiçá-los. Como todas as instituições, o ISPA não pode permanecer estático.

Balança-se assim entre o desejo de acabar com as actuais deficiências da Escola, e a sua integração numa estrutura mais ampla que possibilite essa melhoria.

Deste modo a problemática do ISPA aparece correctamente equacionada, pois não pode ser independente da problemática da psicologia científica em Portugal.

A Sociedade Portuguesa de Psicologia pretende que seja criado um curso autónomo de Psicologia, conforme proposta enviada ao Secretariado da Reforma — esclarece ainda o dr. Rodrigues do Amaral.

OS DIPLOMAS

Estivemos também na Faculdade de Letras conversando com o prof. Ferreira Marques, professor extraordinário de Psicologia naquela Escola:

A Faculdade de Letras de Lisboa — diz-nos — desde 1949 vem solicitando ao Ministério da Educação Nacional a criação duma licenciatura e repetidas vezes tem insistido sobre o assunto. Consta-me que as Faculdades de Letras de Coimbra e Porto também têm assumido a mesma atitude.

As razões que levaram no passado o Ministério da Educação Nacional a não aderir às propostas feitas entre nós não são do domínio público mas estarão desligadas da conjuntura económico-política portuguesa e das ilações que daí decorreram para todas as Ciências Sociais e Humanas em Portugal. O dr. Veiga Simão prometeu a formação dum curso oficial de Psicologia, mas não nos foi possível saber em que etapa decorrem os trabalhos que levarão à formação de tal curso. Parece-nos mesmo que ainda nada estava definido. Daí as perguntas que fizemos ao prof. Simões da Fonseca, da Faculdade de Medicina: qual a Instituição mais adequada ao ensino de Psicologia em Portugal?

Um instituto interdisciplinar em que haja a participação de instituições já existentes ou a criar, como sejam as Faculdades de Ciências, Medicina, Le-

tras, Economia e Sociologia. Este projecto supõe também a existência dum departamento nuclear a ser definido e com um grupo docente próprio.

O dr. Bairrão Ruivo parece concordar:

Não há em Portugal muitos valores e parece-me errado desperdiçá-los por vários institutos. O Estado deveria tomar a iniciativa de congregar os valores existentes nas várias facções existentes e instituir. Sabe-se isso deve ser feito na Universidade Católica, estatal ou particular parece-me secundário.

Do mesmo modo não pensa o prof. Ferreira Marques:

A licenciatura deve ser criada na Faculdade de Letras embora com a colaboração das Faculdades de Ciências e Medicina nos domínios da Biologia Psicológica e Psicopatologia. A exemplo do que acontece já em outras faculdades.

A favor da sua argumentação, o prof. Ferreira Marques cita o exemplo de outros países, como seja o da França em 1948 e também o apetrechamento e actividade desenvolvida pelo Centro de Estudos de Psicologia anexo à faculdade «elementos de apoio muito importantes para a instituição da nova licenciatura».

Ao inquirirmos os drs. Miranda Santos e Armando de Castro, ambos professores no ISPA, acerca da Psicologia em Portugal e futuro do ISPA, responderam ainda de maneiras diversas, mas acentuando a oposição da psicologia científica ao psicologismo das Ciências literárias:

O ISPA, a ser oficializado, deveria entrar para uma Universidade de Ciências Humanas — pensa o dr. Miranda e Santos — Para mim o fundamental está em separar definitivamente a Psicologia enquanto Ciência na sua inserção na cultura filosófica, seja ela positivista, biológica ou espiritualista.

Por sua vez o dr. Armando de Castro afirma-nos:

Parece-me que desde que tivéssemos condições materiais de subsistência, o melhor ainda seria a autonomia do ISPA, embora apoiado material e financeiramente pelo Estado ou pela Universidade Católica.

Encontramo-nos assim numa encruzilhada. Da situação de rarefação poderemos passar à da inflação. O Estado pretende criar um curso de Psicologia, a Universidade Católica, através do seu departamento de Ciências Humanas também, e além disso existe (um curso de 3 anos no Instituto Superior de Organização Científica do Trabalho) o ISPA em vias de se legalizar. Para grandes males, multiplicam-se os remédios.

Pusemos essa questão ao prof. Ferreira Marques, da Faculdade de Letras:

A existência de dificuldades na colocação de diplomados por cursos de psicologia é um problema que surgiu nalguns países. Penso que em Portugal o assunto se põe actualmente de maneira inversa. Há falta de psicólogos...

De modo complementar raciocina o prof. Schneeberger de Athayde director do ISPA: Os inconvenientes que pode ter a existência de cursos superiores paralelos são, quanto a mim, sobejamente compensados pelo estímulo e competição que uns sobre os outros exercem. Desde a França ao Brasil, dos Estados Unidos à Bélgica e à Polónia, tais cursos existem e não só nos principais centros universitários. É assim que por exemplo em Curitiba (Paraná) existem pelo menos duas (julgo que três) Faculdades de Psicologia, como existem em S. Paulo ou em Varsóvia.

Já o secretário-geral da Sociedade Portuguesa de Psicologia, dr. Rodrigues do Amaral, que antes se pronunciara a favor do ISPA nos declarou «que se deveria evitar a proliferação de cursos de Psicologia, sob pena de a oferta de diplomas se tornar maior que a procura no mercado e a própria profissão

acabar por se degradar».

Restava pôr a questão da entrada do ISPA para a Universidade Católica. O vice-reitor, dr. José Bacelar e Oliveira foi no entanto circunspecto:

De momento não existem negociações. Sabemos que a escola pretende legalizar-se e só depois poderemos saber do interesse dos proprietários, professores e alunos.

Ficou no entanto no ar a impressão de que gostaria que dessemos uma boa imagem do ISPA.

COOPERATIVA

Embora o processo do ISPA seja de certo modo o processo da Psicologia em Portugal, não poderíamos menosprezar a intenção dos actuais proprietários daquela escola. Falámos com o presidente das Congregações Religiosas, padre António Monteiro.

As Federações não têm a intenção de conservarem indefinidamente o Instituto, porque isso lhes não interessa.

Neste momento enfrentamos qualquer das hipóteses que se podem levantar. Inicialmente, a Santa Sé foi de parecer que deveríamos entrar em contacto com o sr. cardeal Patriaca, o qual manifestou interesse em que o Instituto se integrasse futuramente na Universidade Católica. E é essa a hipótese mais viável.

Sobre a hipótese do Instituto ser reabsorvido totalmente pelo Ministério da Educação Nacional, teríamos de aguardar uma iniciativa do próprio. A nós interessa-nos oferecer à Nação aquilo que mais lhe convier. Pessoalmente também penso que em Portugal deve bastar um Instituto, porque o que tem de se exigir é a profundidade.

Nenhum grupo económico tentou até agora apropriar-se do ISPA? — perguntámos.

Não, nada nos foi proposto. Nem mesmo os alunos nos falam em autogerir-lo. As propostas merecerão todas evidentemente a nossa atenção.

Toda a gente preocupada com o nível científico do ISPA não será um convite ao grupo CUF, Champalimaud ou outro qualquer? Mas aí, diríamos nós que a Psicologia tem implicações sociais demasiado evidentes para ficar entregue à iniciativa privada, ou mesmo a qualquer entidade que lhe respeite o estatuto de ciência não confessional e neutra.

Não se pode deixar arrastar por mais tempo a situação ambígua em que o ISPA se encontra. Cumpridas que parecem estar as exigências impostas pelo Ministério competente importa regularizar a situação da escola ou fechá-la. Não faz sentido que na Sorbonne ou em Lovaina se aceitem equivalências de estudos que na nossa terra não significam nada.

Mas a questão da Psicologia, não pode ser vista em termos de capelinhas, que não fazem sentido num país em que os psicólogos com personalidade criadora ainda se não manifestam. A Sociedade Portuguesa de Psicologia tomou a iniciativa da promoção de reuniões entre os interessados das várias facções. Mas a casa em que não há pão todos ralham e ninguém tem razão: os esforços parece que se foram água abaixo.

Caberia ao Ministério da Educação Nacional retomar a iniciativa em outros termos. O trabalho da Sociedade Portuguesa de Psicologia, a experiência didáctica do ISPA, da Psicologia nas Faculdades de Medicina e Letras, mais o laboratório desta última Faculdade, podem e devem ser um ponto de partida para a futura instituição de Psicologia. A orientação defendida pelo dr. Miller Guerra na Assembleia Nacional tem aqui ocasião de se fazer valer.

De outro modo, as pressões vencerão a Psicologia e mais uma vez se cumprirá o velho adágio de que neste país, as pessoas como as instituições ocupam sempre os lugares para que não estão preparados.

DL/ESPECTACULOS

TV/MÚSICA/TEATRO

MÚSICA A SÉRIO

Está a passar-se alguma coisa no que respeita à música de conjunto em Portugal, mais concretamente em Lisboa, no Hot Club, todas as sextas-feiras. Refiro-me às exibições públicas do grupo «Status», a tocar muito bem, a fazer, música a sério, a dar-nos a exacta medida da diferença que há entre os vulgares conjuntos ligeiros que pululam por aí e um bom grupo, formado por músicos de bom nível. Na «agenda» dos espectáculos de Lisboa, o «Status» vem preencher uma lacuna, com suas exibições semanais. Sabe-se das dificuldades que existem para a manutenção de um grupo destes, desde a substituição de músicos que passam e não ficam, até à conquista de um público que, embora esteja a despertar para este tipo de música, ainda não lhe adere como seria de desejar. Por tudo isso e, principalmente, pela boa música que o «Status» nos oferece, nunca será demais apoiar o grupo. Aqui fica o alvitre para quem estiver interessado (ou se venha a interessar), sexta-feira é dia de «Status», em Lisboa.

NUNO GOMES DOS SANTOS

DL show

Os autores teatrais Anibal Nazaré, Henrique Santana e Henrique Parreirão já começaram a trabalhar na nova revista «Cá vamos Pagando e Rindo», destinada à abertura da próxima época (Setembro do Teatro Maria Vitória).

No dia dois de Junho começa a grande cartada da revista «Prá Frente Lisboa». Com estreia marcada para essa data, a revista é a grande esperança do espectáculo teatral da época de Verão. Em breve saberemos se a expectativa é justificada. Tudo parece indicar que sim.

Como foi largamente noticiado, quatro grandes «estrelas» encabeçam o cartaz dessa revista. Eis alguns dos números que interpretam: Irene Isidro — «Sucata de Luxo»; Raul Solnado — «Parque Rolante»; José de Castro — «Cangalheiro Muito Especial»; Flórela Queiroz — «Cantiga Folclórica Mal Comportada».

Chico Buarque de Holanda, o célebre autor-compositor-intérprete brasileiro está em Lisboa onde vem actuar para o programa de Carlos do Carmo «Convívio Musical». Dará, ainda vários outros recitais, falando-se insistentemente na «boite» Van Gogo, em Cascais e numa sala de espectáculos do Porto.

Marsans

EXCURSÕES DE AUTOCARRO
PARTIDAS DE LISBOA
LOURDES, ANDORRA E MADRID
9 dias 3.950\$00
CALIZA E COSTA CANTÁBRICA
9 dias 3.850\$00
LOURDES, ANJOURRA, BARCELONA, VALENCIA E MADRID
12 dias 4.950\$00
LOURDES, PARIS, ANDORRA E MADRID
15 dias 5.950\$00
PARIS, LONDRES E MADRID
16 dias 8.500\$00
BELGICA, HOLANDA, FRANÇA, VALE DO RENO, SUÍÇA E ANDORRA
20 dias 9.950\$00
SUÍÇA, AUSTRIA E ITALIA
24 dias 12.500\$00
— VIAGENS DE FÉRIAS
— CRUZEIROS
— VIAGENS IT
— APARTAMENTOS
— BILHETES
— PASSAPORTES
PEÇA CATALOGOS
INFORMAÇÕES E RESERVAS
AV. DA LIBERDADE, 72-A
Telef. 32 31 42 - 37 00 00

Marsans

Susy Paula lançou no mercado mais um disco.

Pedro Osório começou a trabalhar com o «Intróito». Motivo: será ele o autor dos arranjos do «single» que o quarteto gravará, muito em breve, para a Sasseti.

Paulo de Carvalho vai ter, dentro em breve, mais um disco no mercado. Adiantamos, desde já, que a gravação se



Paulo de Carvalho

processou em Madrid e que João Henrique acompanhou Paulo de Carvalho, pois gravou, também na capital espanhola, o seu segundo disco.

EM LISBOA, NÃO, EM MUNIQUE, SIM...

Tomek e o seu cão, a fitinha checoslovaca. Episódio muito semelhante a outros que temos visto, oriundos dos Estados Unidos, da Austrália: o animal que vai em socorro dos meninos perdidos, que transporta a mensagem salvadora. História que já muitas vezes vimos, que muitas vezes ainda veremos, porque isto de animais, racionais ou irra, será sempre uma comunidade. Bom, mas se vocês não se importam falaremos um dia com mais vagar deste Tomek e o seu cão. Merece conversa mais prolongada.

Poderíamos, por exemplo, falar a respeito do episódio de «Casei com uma feiticeira». Poderíamos se eu fosse um tipo sem vergonha na cara.

Se não isso, ao menos daquele «Momento Desportivo». Repararam? Ultimamente, esta rubrica dedicava-se à discussão (não sejam tão ambiciosos: à apresentação) de problemas relativos a diversas modalidades, na sua actualidade pungente. Algumas emissões ficaram célebres, a do Remo, por exemplo, ou de Badminton, ou a de Andebol... De nenhuma se pode dizer, **benze-te Deus**. «Momento Desportivo» estava a tornar-se, ou em vias disso, num programa incómodo. E incómoda toda a posição que tenda, mesmo no espírito geralmente conhecido pela alcinha de «crítica construtiva», a apontar os desequilíbrios de uma realidade. Porque quando chegamos ao território do desporto o desequilíbrio tem cá uns destes balanços...

Pois «Momento» encontrou a solução ideal: durante cinco semanas as soluções param. Dá-se repouso à língua. Tudo ficará a cargo da reportagem sobre os Jogos Olímpicos a realizar em Munique. Reportagem de excelente nível (alemã, pois claro!, com o senão da locução brasileira de que também mais tarde falaremos, porque merece capítulo à parte)

estamos a par de tudo quanto se faz e se faz para que, dentro de poucos meses, tudo possa principiar. Trabalhos ciclóplicos se fizeram. Entretanto, lá se vai infiltrando o «venenozinho» turístico: cidade maravilhosa onde «por toda a parte reina a alegria de viver». Palavra, só por isto valerá a pena dar um salto a Munique, isto de a alegria reinar por todo o lado pensava eu que fosse só em Lisboa e a rênar, infelizmente vejo agora que outras cidades querem (debalde, debalde!) arrancar-nos o ceptro. Em guarda, portugueses em geral e alfacinhas em particular!

Terá sido uma boa solução, para não sei quem. Para os telespectadores, não foi. Estes poderiam ver o documentário a outra hora, sem prejuízo do figurino do «Momento Desportivo». Por que razão as rubricas atingidas pelo raio são sistematicamente aquelas que se apresentam um rosto sério e uns olhos voltados para a realidade portuguesa? Será obrigação? Ou será fatalidade?

CARTA FECHADA A EUGÉNIO DE ANDRADE

Eugénio de Andrade, meu amigo, venho confessar-te que tive medo quando Manuel Poppe anunciou o teu nome. Eu sei que o responsável de «O livro à procura do leitor» estivera no Porto, para lá viajara como quem viaja aos bancos da Gronelândia, para a faina da pesca. Lá pescou um bacalhau pesado (Agustina Bessa Luís) e um pechelim (Rebordão Navarro). Ambos vieram dizer ninharias em conversa amável com Poppe. Houve quem dissesse que também tu caíras na rede, mas não acreditei nunca. E para me convencer, para te defender na minha memória, ia

50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES (Subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian)

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
a mais moderna e confortável de Lisboa
DE TERÇA A SÁBADO
às 21 h. e às 23 h.
DOMINGO AS 16 H. E AS 21.45 HORAS
Segundas-feiras descanso da companhia
RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEMOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de «Dorina»
DIVERTIDÍSSIMO!!!
M/18 anos

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS — TEL. 28 09 19
O Teatro Experimental de Cascais
SÓ ATÉ DOMINGO
às 22 horas
IVONE
PRINCESA DE BORGONHA
M/18 de GONBROWICZ



Por MARIO CASTRIM



repetindo, repetindo, repetindo até à mecanização como os meninos esquecidos que a mãe mandou aos recados.

É urgente destruir certas palavras
ódio, solidão e crueldade
alguns lamentos,
muitas espadas

Eu dizia para mim. «Era tão bom, tão bom se ele pudesse vir dizer-nos isto, se ele viesse falar-nos do tempo difícil e das palavras por onde a vida navega em seus barcos invisíveis...»

Mas não virias dizer isso, se viesses, Amigo. Se viesses, só conversarias amavelmente com o Poppe, como quem o toma a sério. Nesse instante, eu taparia os ouvidos, atirava-me da janela a dizer, a gritar sobre a cidade.

Nada podeis contra o amor.
Contra a cor da folhagem
contra a carícia da espuma
contra a luz, nada podeis.
Podeis dar-nos a morte,
a mais vil, isso podeis
e é tão pouco...

Ou então afivelava a minha máscara mais dura, a das grandes ocasiões, simbiose de aço e de indiferença, e recordava-te o poema e dizia-to como um epitáfio.

Tigre adormecido
coração do dia
puro e violento
incêndio de alegria

Não vieste. Eu sabia. Mas não evitaste que Poppe falasse de ti, sem nada saber de ti, que falasse de ti pensando que estava a falar de ti, pensando que te conhecia, isto é, que te trazia no latejar dos pulsos.

O pobre do Poppe, a perder tempo na mais ingénuo e infrutuosa das fotomâncias, a rebuscar na tua obra os versos mais inocentes — os mais inocentinhos, mais para meninos abaixo de 12 anos — e ainda por cima a assassiná-los com a sua dicção incapaz de descer um palmo na água à tua procura. Só com um momento de razão, aquele em que convidava os espectadores a conhecer a tua poesia. Estaria, porém, a ouvi-lo alguém, a não ser eu?

Eu, enquanto o dia morria (para oeste, que é quando a morte é natural) a invocar-te, a doer-me, a construir-me.

E a noite cresce
apaixonadamente
nas suas margens nuas,
desoladas,
cada homem tem apenas
para dar
um horizonte de cidades
bombardeadas

Eugénio de Andrade, minha ausência — minha presença — amiga...

AINDA O VICENTE...

Com o pedido de publicação, recebemos do sr. V. Sanches a seguinte carta.

«Então você queria que eu, a propósito da sua crítica, em vez de rebaçados a brincar lhe mandasse argumentos a sério? Homem, noutro dia ofereci-lhe os rebaçados; mando-lhe hoje um pequenino espelho. Mire nele o seu espírito, mire a cara ou careta das suas críticas; mire a careta ou carantonha daquela que você me dedicou... Olhe, e não se zangue comigo, que não lhe desejo mal. Nem se zangue com o espelho, que até lhe deseja bem.»

Vicente Sanches
Comentário: Não há. M.C.

no TIVOLI

grupo 4
APRESENTA

HOJE, AMANHÃ E DEPOIS

DEFINITIVAMENTE ÚLTIMAS
DE UM NOTÁVEL ESPECTÁCULO

ESPECTÁCULO ÚNICO

GRUPO D
18 ANOSO ACONTECIMENTO TEATRAL DA TEMPORADA
AS PEÇAS DE DORST E MROZEK**A CURVA**
e NO ALTO MAR

ENCENAÇÃO DE fernando gusmão



desconto de 50% a estudantes

PEQUENOS CONCERTOS
Olga Pratts
Piano
Manuel
João Afonso
Violino
Ivo Cruz
Croner
de Vasconcelos
Lopes Graça
Beethoven
DOMINGO
21 DE MAIO
AS 18 HORAS
GRUPO A — M/6 ANOS
BILHETES DESDE 10\$00
TEATRO MUNICIPAL DE
SÃO LUIZ

TEATRO MUNICIPAL DE
SÃO LUIZ
TEATRO INFANTIL
A METRUL
APRESENTA
TEATRO
DO ARCO DA VELHA
A GATA BORRALHEIRA
NOVA VERSÃO
EM 2 ACTOS DE
MARIA CLARA
MACHADO
COM MÚSICA DE
CARLOS LYRA
SÁBADO
20 DE MAIO
AS 15.30 H.
(MAIORES DE 4 ANOS)
BILHETES DESDE 10\$00
CRIANÇAS
ATÉ 10 ANOS
50% DE DESCONTO

50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES (Subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian)
VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
a mais moderna e confortável de Lisboa
DE TERÇA A SÁBADO
às 21 h. e às 23 h.
DOMINGO AS 16 H. E AS 21.45 HORAS
Segundas-feiras descanso da companhia
RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEMOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de «Dorina»
DIVERTIDÍSSIMO!!!
M/18 anos
TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS — TEL. 28 09 19
O Teatro Experimental de Cascais
SÓ ATÉ DOMINGO
às 22 horas
IVONE
PRINCESA DE BORGONHA
M/18 de GONBROWICZ

DL/ESPECTACULOS

TEATRO/BALLET



Teresa Sotto-Mayor Lima e Carlos Daniel num «Momento de Poesia»



Maria Germana Tânger lê uma carta de Torga, que não pôde estar presente

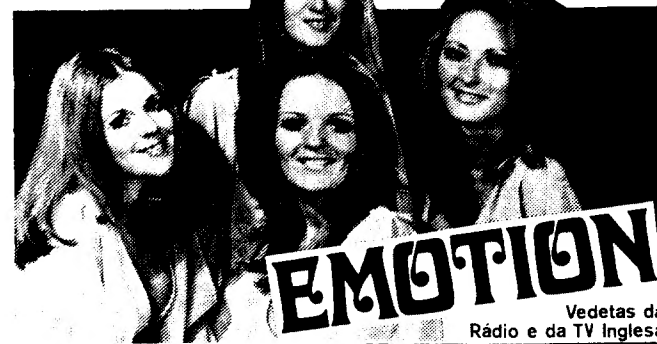


Um grupo de alunos de «Arte de Dizer», na audição efectuada no Conservatório Nacional

NOVO CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS



RUDI HORN

FAMOSA
ATRACÇÃO
MUNDIAL

LIDIA RIBEIRO

COM RAUL SILVA NOBRE COSTA

FASCINATION REVUE

PRODUÇÃO DE
JOSÉ MONTES



«NUEVOS AMIGOS» «OS MOZAMBEAT'S»

FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

DUNYA DI BORA

SÓ NO
WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

ASSIM VAI O TEATRO no Conservatório Nacional

No Conservatório Nacional estão a realizar-se audições escolares (públicas) das várias secções. «DL» esteve lá e constatou que algo vai mal por aquelas bandas, no que diz respeito à secção de Teatro. Os alunos dessa secção disseram Miguel Torga. Isabel de Castro viu assim a audição:

Poesia de Miguel Torga. Não percebo, em primeiro lugar a razão da escolha de um único poeta... Foi homenagem? De qualquer maneira não me pareceu certo. Os alunos pouco deram de si — salvo Teresa de Sotto-Mayor Lima e Carlos Daniel, os dois com uma bela voz e uma certa maneira de estar «deles» e era natural, um único poeta, e uma só professora... A maior parte dos alunos pecou por se parecer entre si como grãos de areia, na maneira de dizer, copiando-se uns aos outros, — mesmo sem querer —; são novos, começam agora, e o talento só por si não chega.

De resto... não será demasiado óbvio, a música de Beethoven sublinhar o poema «Beethoven» e coisas no estilo?! É o final?!... O poeta

de facto não morre, mas assim morre qualquer, mesmo sem ser poeta! É difícil dizer poesia, todos nós o sabemos, e mais difícil ainda ensiná-la; a Maria Germana Tânger é uma mulher inteligente, mas desta vez algo falhou o que aliás é humano, ela deve sabê-lo bem.

P. S. Uma nota curiosa. Quando Maria Teresa Sotto-Mayor Lima «com a sua certa maneira de estar» coube, e não acreditamos em coincidências, o melhor poema da noite, «Prece», tocou lá fora no corredor o telefone. Tocou para quem ou para quê? Não chegámos a sabê-lo. Desculpe Maria Germana Tânger, mas uma noite em que não houve imaginação, entramos nós na imaginação. Não terá sido um aviso, para que de futuro, o melhor aconteça também no melhor...?

COMUNA é casa aberta

Depois do sucesso (é este o termo exacto) alcançado com «O Circo Imaginário de Superbasílio» em todo o país, «Os Bonecreiros», por razões que de momento não consideram oportuno revelar, dividiram-se em dois grupos autónomos. Dum lado ficaram os «Bonecreiros» (com o título e algum dinheiro); do outro «A Comuna — Teatro de Pesquisa», com o nome escolhido durante uma sondagem radiofónica promovida pelo «Tempo Zip».

Composto por quinze pessoas que assumem uma multiplicidade de funções, o grupo propõe-se rever criticamente a

função do teatro em Portugal a começar pela utilização do espaço cénico e a acabar na «eficácia da própria linguagem». Do seu programa de acção faz também parte integrante a realização de espectáculos infantis em todo o país.

Sem subvenções nem apoios de carácter oficial «A Comuna» afirma na pessoa dos seus elementos, a urgência dum sério trabalho colectivo aberto a todos os que nele estiverem dispostos a participar. dramaturgos, actores ou simplesmente pessoas com sugestões a fazer.

É disso que aqui se dá notícia.

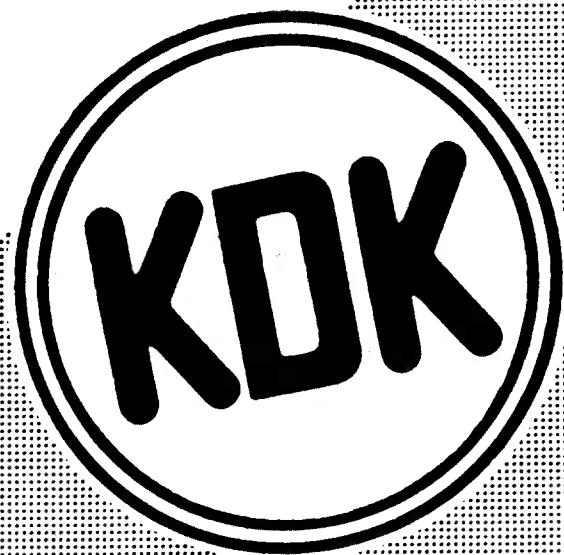
Ballet russo em Oviedo

OVIEDO, 17 — O «Ballet» Kirov, de Leninegrado, actuou pela primeira vez em Oviedo, no teatro Campoamor. No programa foram incluídos o «Pas de Deux» «Don Quixote», algumas danças cossacas, e «Babba Yaga» de «Os Quadros de uma Exposição», de Musorgsky. A companhia, constituída por cento e vinte elementos, tem à frente Serguei Vikulov, Irina Kolpakova, Natalia Bolchkova e Yuri Soloviev.

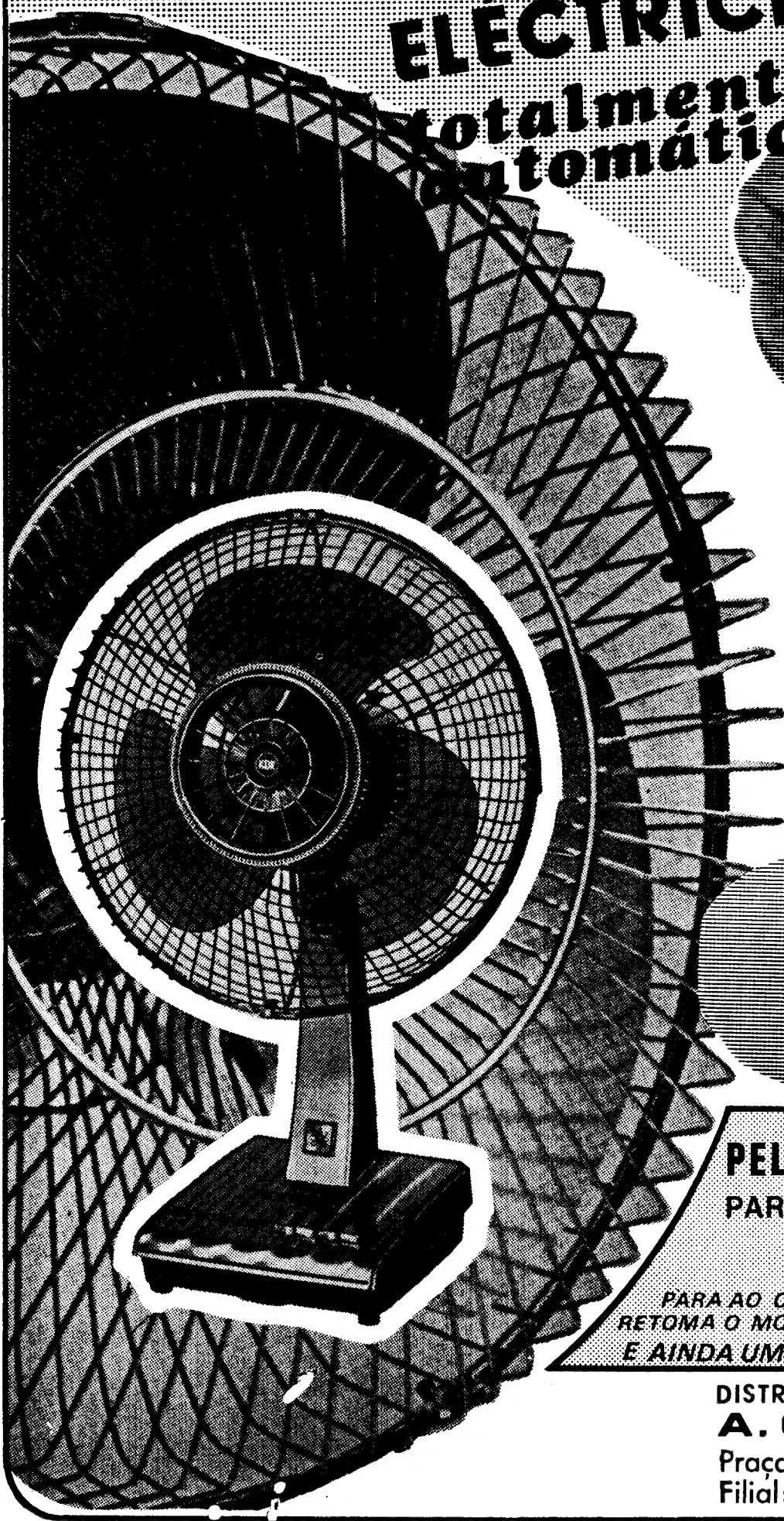


Comuna: teatro de todos para todos

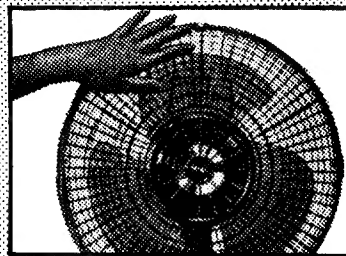
frescura... ternura



VENTOINHAS
ELÉCTRICAS
totalmente
automáticas



PELA PRIMEIRA VEZ
PARAGEM INSTANTÂNEA
ELECTRONICA



PARA AO CONTACTO DE PESSOA OU OBJECTO.
RETOMA O MOVIMENTO 3.5 seg. DEPOIS DO AFASTAMENTO
E AINDA UMA SÉRIE IMPRESSIONANTE DE CRIAÇÕES ORIGINAIS

DISTRIBUIDORES
A. C. LIMA & GODINHO, LDA.

Praça de Alvalade, 10-D · Telef. 718131 (4 linhas) Lisboa 5
Filial: Rua da Alegria, 139 · Telef. 32352 · Porto

DL / ESPECTÁCULOS

CINEMA

Altmann fracassa em Cannes

Pouco a dizer de muitos filmes, eis o que parece confirmar a regra de que, mesmo num festival como Cannes, a quantidade não oferece obrigatoriamente qualidade. De resto, a opinião geral é de que este é um dos festivais mais pobres dos últimos anos, se atendermos apenas aos filmes vistos na secção competitiva.

A única produção belga presente, assinada por Harry Kumel, é uma disforme máquina de efeitos «fantásticos», baseada num curioso conto de Jean Ray. Segundo Jean Ferry, autor da adaptação, «Malpertuis» é um labirinto de corredores no reino das sombras, talvez o sinónimo de uma estranha simbiose entre o destino, a morte, o amor e o conhecimento. Para Kumel trata-se, de qualquer maneira, de conseguir dar ao espectador a sensação física do pesadelo, como se todos os personagens, fantasmas evidentes de uma obsessão sexual desmesuradamente vinculada, fossem vistos através de um espelho mágico. Todas as experiências que se encontram para o filme estão, porém, condenadas a um exercício mental inútil, uma vez que o idealismo reaccionário de Kumel e a gratuitidade das suas pretensões se esvaziam constantemente. Digamos, para simplificar, que «Malpertuis» parece um mau argumento de Robbe-Grillet filmado com pompa por um Abbicoco de segunda ordem. A presença de vedetas como Orson Welles, Mathieu Carrière, Susan Hampshire, Michel Bouquet, Cassel e Sylvie Vartain, apadrinhadas pela distribuição da United Artists, fará, certamente com que o filme vá a Portugal.

«AMOTE-TE ROSA»

A produção que representa Israel, intitulada «Amote-te Rosa», numa realização de Moshe Mizrahi, obteve a simpatia do público e da crítica, embora a maioria esteja pronta a reconhecer que não está, efectivamente, perante uma obra importante. Baseado no argumento original do realizador, o filme apoia-se numa estrutura melodramática que concilia os actuais costumes de Israel com a célebre lei judia, expressa no Deuterónimo, que obrigava a viúva a casar com o irmão do defunto a fim de continuarem a procriação.

Só que, neste caso, o irmão do defunto tem apenas onze anos



Susanah York em «Imagens», de Robert Altman

e Rosa não troca a sinceridade dos seus sentimentos por uma qualquer tradição, por sagrada que seja. Moshe Mizrahi, que viu com atenção os filmes de Truffaut e conhece a mentalidade do seu país, fez um filme sensível e «poético», mas ao mesmo tempo anacrónico e previsível.

FRANÇA

Também numa via semelhante, próximo do cinema psicológico de análise dos sentimentos,

«Nous ne Vieillirons pas Ensemble», segundo um romance vagamente autobiográfico do próprio Pialat, recentemente publicado. Se Pialat, numa conferência de imprensa em que se recusou sistematicamente a responder às questões mais pertinentes, insistiu em que não encontra qualquer dificuldade em adaptar um romance ao cinema é justamente porque o seu filme se limita a colocar os actores em planos americanos, a debitar os diálogos minuciosamente preparados. E esta ingenuidade que-

ra ser este o seu filme mais pessoal e o que, consequentemente, prefere. Não deixa portanto de ser revelador que Altman, sem a «protecção» das imposições de Hollywood, faça uma fita de maneira no pior sentido. Retrato de uma esquizofrénica que pretende a todo o custo assassinar os fantasmas que a perseguem. «Images» transfere para o delírio da câmara o desequilíbrio que pertence a um mundo que lhe é estranho. A melhor crítica ao filme de Altman já Roman Polanski a fez em 964 ao realizar «Repulsa».

«La Manditte Galette», pro-

dução canadiana de Denys Arcand vista na semana da crítica, segue esquematicamente o modelo americano dos filmes policiais «série B» para, a partir desse modelo, desmontar certas convenções cinematográficas pertencentes ao cinema de género e, ao mesmo tempo, denunciar as frustrações sexuais e económicas da classe média trabalhadora das grandes cidades industrializadas do Canadá.

Um filme mais ambicioso do que parece, extremamente bem apresentado por vezes surpreendente vindo duma cinematografia que nos tinha habituado a

obras completamente diferentes. Um jogo que aproveita ainda as exigências comerciais das grandes plateias.

Também no âmbito da Semana da Crítica: «Der Hamburger Aufstand Oktober 923» de Rainer Etz, Gisela Tuchtenhagen e Klaus Wildenhahn. O filme, dividido em três partes, conta a história da insurreição comunista de Outubro de 923 em Hamburgo. A montagem põe em contraste as declarações de testemunhas ainda vivas com documentação especialmente estudada para o filme. Embora, segundo a opinião dos seus autores, se trate dum estudo objectivo sobre o movimento operário alemão, o filme encontra-se proibido de exibição pública na República Alemã.

A propósito de proibições, foi comunicado aos membros da Imprensa presentes no Festival que a produção brasileira «Prata Polomares» de André Faria não será tornada pública devido a uma interdição formal exigida pela embaixada do Brasil em França.

Rapidamente, duas nulidades vistas na Quinzena dos Realizadores: «Le bois de Bouleau», passeio campestre lírico e ridículo assinado pelo antigo mestre do cinema polaco Andrej Wajda, e «Les soleils de l'île de Paques» de Pierre Kast. Tendo por alibi os modernos mitos da ficção científica, Pierre Kast viaja pelo Brasil pelo Chile e pela Polónia, à procura da verdade. Que verdade? Certamente aquela que o leva a meter três planos de publicidade em cada duas tomadas de vistas. A não ser que a verdade esteja num tom de satisfação com que os actores se divertem com os mistérios infinitos propostos por Kast. Uma alegria de viver e de filmar que acaba por constituir o nó central da película e talvez a sua única razão de ser.



EDUARDO GEADA

Enviado especial do «DL»

que em França certos tenentes da velha nova vaga continuam a ilustrar, de Rhomer a Chabrol, do melhor ao pior, se pode inscrever o filme de Maurice Pialat.

faz, simultaneamente, a força e o encanto da película. A «mise-en-scene» é apenas uma «mise-en-position» dos actores, tão discreta e eficaz quanto possível. De uma simplicidade talvez aprendida nos clássicos americanos faz Pialat um filme genuinamente francês, na medida em que o cinema dito de qualidade se mede aqui em função das características literárias do argumento, da definição dos personagens e da fidelidade a uma certa ternura de olhar que não exclui a irónia crítica.

O PIOR

Com «Images» em representação da Irlanda, chegamos ao que foi até agora, o pior filme do Festival. Realização de Robert Altman que, como é do conhecimento geral, foi o grande triunfador de Cannes em 1970.

«Images» baseia-se num conto infantil da actriz Susanah York, também protagonista do filme. Com sete filmes no activo, os últimos dos quais, «Brewster McCloud» e «McCahe and Mrs. Miller», bastante aplaudidos pela crítica norte-americana, Robert Altman viu o projecto de «Images» ser recusado pelas grandes companhias de Hollywood. Talvez devido às dificuldades e à independência com que acabou por realizar o projecto. Altman assegu-



Marlene Jobert: «Não Envelhecemos Juntos»

Viagens
Apolo

FÉRIAS EM
LONDRES

7 DIAS

LET'S GO

PREÇO 3.290\$00

Incluindo IDA E VOLTA EM AVIÃO A JACTO, transporte Aeroporto - Hotel - Aeroporto. VISITA DA CIDADE, acomodação em BONS HOTÉIS com pequeno almoço.

Assistência durante toda a viagem por GUIA PORTUGUÊS.

Utilize
o
Credit-Star
Informe-se
e inscreva-se
na

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE
VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

o seguro de vida
vale a pena



sim, vale a pena porque...

■ Mesmo falando em pequenos pagamentos mensais — equivalentes por exemplo ao valor do Abono de Família — o Seguro de Vida é o único processo actualmente ao alcance da grande maioria dos agregados familiares para fazer face às suas preocupações imediatas de protecção.

■ Os pequenos pagamentos mensais, acumulados e capitalizados ao longo dos anos, constituirão um capital a entregar ao Segurado no fim do prazo do contrato. Mas se ocorrer a morte do Segurado, a Império entrega imediatamente o valor seguro aos familiares indicados na apólice.

■ O Seguro Popular de Vida Império, que alcançou a mais larga expansão alguma vez conseguida na actividade Seguradora portuguesa, é a confirmação do interesse que modalidades deste tipo têm merecido.

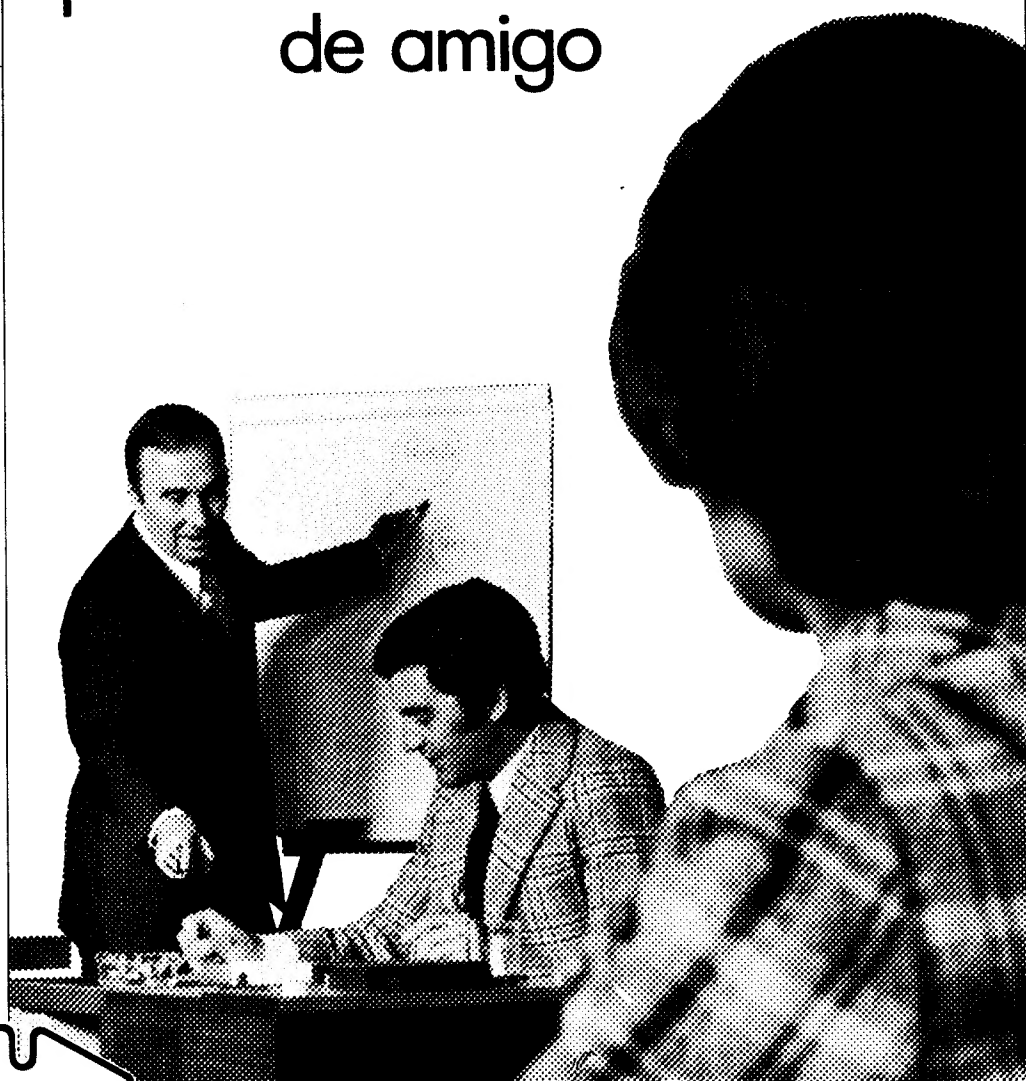
■ Mas o Seguro de Vida oferece-lhe mais alternativas. Da mesma forma, com pequenos pagamentos mensais, poderão ser garantidos capitais ou rendas de montantes muito elevados. É o caso do novo Seguro do Rendimento Familiar Império — agora ao dispor de todos os chefes de família — que garante o pagamento de um capital ou uma renda apenas em caso de morte dentro de um certo prazo.

■ Este novo Seguro permite, ainda, acompanhar a evolução das Necessidades do Grupo Familiar, dando a possibilidade de ajustar os valores seguros de harmonia com as variações do poder de compra de cada Segurado.

■ Por estas e outras razões, de que o Consultor de Segurança Império lhe falará, afirmamos que o Seguro de Vida Vale a Pena.



a Império formou
um consultor de segurança
para lhe dar um conselho
de amigo



SEGURO DO RENDIMENTO FAMILIAR

IMPÉRIO

O Consultor de Segurança Império é um homem escolhido para compreender o seu problema pessoal. Um homem preparado pela Império para lhe propor as soluções que melhor se adaptam às suas necessidades. Um homem que representa a dimensão e o potencial de segurança da Império colocados ao seu serviço.

O seu perfil: competência, seriedade, simpatia.

Analise com ele as vantagens do **seguro de rendimento familiar**: o seguro de vida feito à medida das necessidades de protecção dos que estão a seu cargo. E por um preço que nem sente.

Repare neste exemplo: cerca de 150\$00 mensais, para um homem de 30 anos, garantem uma renda anual de 35 contos durante vinte anos.

Para maior comodidade a Império estabeleceu prémios fixos de 50, 100, 150, 200, 250 ou 300 escudos por mês.

Contacte com um técnico e analise seguros com um amigo: o seu Consultor de Segurança Império.

Rua Garrett, 62 - Lisboa



Estando interessado em conhecer (sem nenhum compromisso) o Seguro do Rendimento Familiar, agradeça que me enviassem elementos que completem a minha informação pessoal.

NOME _____

MORADA _____

IDADE DO FILHO MAIS NOVO _____

DL/NACIONAL

José Hipólito Raposo

Os "técnicos" sem técnica

Continuação da pag. 3

superiores e com anos ou curso do liceu que eram mais de cem). O resultado foi contar-se com produções imaginadas que pecaram por excessivo optimismo e ultrapassavam largamente as produções obtidas em pequenos talhões no posto experimental de Alvalade em solos de aluvião e com um primor de cultivo só comparável à jardinagem. Assim tão meritório esforço teórico e de gabinete foi deixado por terra e não serviu para nada, porque faltava ao rigor do método empregar o rigor dos dados mais importantes.

Imagine-se o desastre que seriam os «casais agrícolas» (independentemente de saber se seriam, já nessa altura a melhor solução) instalados com essas bases!

Ao escrever estas linhas temos medo, não de sanções ou represálias, mas de que os leitores nos achem exagerados e que estamos a faltar à verdade ou que somos derrotistas.

Ao contrário, somos por natureza avessos à crítica demolidora tão ao gosto nacional. Quando ouvimos essa crítica a um empreendi-

mento do género daqueles que vamos comentando, procuramos examiná-lo de perto, à procura dos aspectos positivos. Todavia o resultado desse exame é quase sempre decepcionante e a realidade mostra-nos aspectos muito piores do que as críticas ouvidas revelavam.

Assim na Semana de Estudos sobre a Adaptação da Empresa Agrícola ao Desenvolvimento Económico, realizada na Fundação Gulbenkian na semana de 24 a 28 de Abril passado, esperávamos ouvir uma palavra sensata de todos aqueles agrónomos sobre as lacunas e deficiências de base da nossa técnica agrícola, de que demos aos leitores uma pálida ideia. Seria um aspecto positivo.

Ao invés, deparamos com uma *suficiência* que muito nos impressionou. Quase todos aqueles agrónomos e outros técnicos agrícolas, em vez de pedirem e procurarem obter maiores instrumentos de experimentação, ao contrário, exigiam uma intervenção maciça no nosso mundo rural e muito maiores instrumentos jurídicos de actuação.

Mas esses comentários ficarão para a próxima vez.

Caixa de Previdência dos Bancários

Uma portaria do Ministério das Corporações determina que a comissão organizadora da Caixa de Previdência e Abono de Família dos Empregados Bancários deverá concluir os trabalhos de

que foi incumbida por força da portaria 272/70, de 4 de Junho, até ao fim do mês de Setembro deste ano, improrrogavelmente. Mais determina que o estatuto daquela Caixa deverá entrar em vigor em 1 de Janeiro de 1973.

em 3 linhas

Uma portaria do Ministério da Justiça extingue o posto de Registo Civil de Alpedriz, do concelho de Alcobaça.

///

Outra portaria, esta do Ministério da Marinha, fixa as taxas anuais mínimas de amortização a praticar, em relação a cada um dos seus navios, pelas empresas de navegação sujeitas a obrigação de constituir fundo de renovação. As taxas são as seguintes: navios de carga convencionais e mistos de passageiros e carga, 5,5 por cento; navios de passageiros, ferries, graneleros, porta-contentores, tanques, frigoríficos e outros navios especializados, 7,5 por cento.

///

Por despacho do Ministério da Economia, foi fixada em 139\$40 o preço base por 100 m2 da folha-de-flandres vendida pela Siderurgia Nacional. Sobre este preço incidirão alguns extras cumulativos especificados naquele diploma.

///

O Ministério das Finanças autorizou a concessão de empréstimos de 100 000 contos, respectivamente, ao Banco de Fomento e Sociedade Financeira Portuguesa, destinados a financiamentos de empreendimentos integrados no III Plano de Fomento.

///

Por despacho do subsecretário de Estado da Saúde e Assistência, foram aprovados os Estatutos da Associação Portuguesa de Deficientes e da instituição particular de assistência denominada «Centro Social Paroquial de Carnide».

Um decreto-lei da Presidência do Conselho cria a comissão do Polígono de Acústica Submarina dos Açores.

///

Um decreto-lei dos ministérios dos Negócios Estrangeiros e das Obras Públicas autoriza o Governo, por intermédio do Ministério das Obras Públicas, a mandar construir na cidade de Brasília as instalações para a Embaixada de Portugal, revogando o decreto-lei n.º 44 019.

///

Foi criada na província de Timor a Repartição Provincial dos Serviços Geográficos e Cadastrais.

///

Uma portaria do Ministério do Ultramar estrutura a Missão de Ecologia Aplicada, do Grupo de Missões de Investigação Científica do Vale do Zambeze, em Moçambique.

///

Uma portaria dos ministérios do Ultramar e da Educação Nacional aprova o regulamento do Prémio Vasco da Gama, destinado a recompensar anualmente os dois melhores alunos (um de cada sexo) das escolas do ensino primário do concelho de Sines e da ilha de Moçambique.

///

Foram introduzidas alterações na tabela dos preços dos medicamentos do Regime Geral dos Preços dos Medicamentos e Manipulações, aprovado pela portaria n.º 35/70.

Notícia de LIVROS

TORQUATO DA LUZ



A ILHA E O TEMPO

«O ponto de partida do escritor pouco importa se ele chegar a uma expressão fiel do humano», diz Ilya Ehrenburg. Pondo estas palavras como legenda do seu novo romance - «A Ilha e o Tempo», agora lançado pela Editorial O.Século - João França denuncia imediatamente a intenção que o move. Não se ficando, porém, nas intenções, consegue dar-nos uma história de pungente humanidade, que se lê com crescente interesse da primeira à última página.

Madeirense por nascimento, João França dá-nos um retrato fiel da sua ilha - onde, ao vincular as suas terras, o fidalgo João Esmeraldo determinou: «Enquanto houver filho macho, não herdará fêmea». Desta determinação nasceu o romance, em que o autor procura «seguir a verdade do tempo e do lugar, com a viveza dos seus costumes, crenças e credices, e o período dramático de uma epidemia alarmante».

POEMAS DE MAO

Com bela apresentação gráfica, a editorial Futura acaba de lançar o volume «Poemas», de Mao Tsé-Tung, em tradução directa do chinês de Manuel de Seabra, que também escreveu o prefácio e as notas. Diz, a certa altura, o responsável pela colectânea: «Recusar a Mao Tsé-Tung, por considerações de carácter político, o lugar de grande poeta que por direito lhe cabe, seria tão desonesto como por motivos idênticos, embora de carácter oposto, recusar a Ezra Pound a posição cimeira e indiscutível nas letras anglo-saxónicas deste século».

É de Mao este poema escrito em fins de 1962, no dia em que o autor completava 69 anos:

A neve, como algodão, pesa nas nuvens de Inverno
e todas as flores vão morrendo
Ondas de frio percorrem os vastos céus,
mas sopra o bafo quente da terra.

Se heróis expulsam tigres e leopardos
e os bravos nunca temem o urso.
As flores da ameixeira gostam da neve,
mas não admira que as nossas moscas morram de frio.

VERSOS

António da Costa Moreira publicou, em edição do autor, «Versos Desenterrados da Gaveta», de que me permito transcrever:

Não sei filosofia e sou filósofo,
Nada sei de poesia e sou um poeta,
Não sei literatura e sou escritor...
... Mas então que sou eu?
Nem eu tampouco o sei.
Apenas sei que a amar sou um Romeu;
A trabalhar, um mouro;
E a poupar, um judeu.

GUANABARA

Estúdios Cor publicou «O velho pescador de Guanabara», de Ribeiro Maçarico, a história de um pescador emigrante.

Publicações recebidas

Foram recebidas na nossa redacção as seguintes publicações: «Panorama», número de Março.

«O Problema dos pagamentos entre a Metrópole e as províncias de Angola e Moçambique». Exposição feita aos órgãos de Informação pelo ministro das Finanças e da Economia, dr. João Dias Rosas, em 24 de Fevereiro último.

«Serviço Informativo da Junta Nacional das Frutas», números 356, 357 e 358.

«Presença Portuguesa». Publicação mensal dos portugueses em França. N.º 64.

«Inventário dos Processos da Inquisição de Coimbra», com leitura e introdução de Luiz de Bivar Guerra. Dois grossos volumes editados pelo Centro Cultural Português de Paris da Fundação Calouste Gulbenkian.

«Quatrième Centenaire de Os Lusíadas de Camões». Catálogo da exposição bibliográfica e iconográfica realizada em Paris pelo Centro Cultural Português da Fundação Gulbenkian.

ref. 65112
calendário

ref. 68013
Meangraf Junior
100% estanque. calendário

ref. 31015
100% estanque
calendário

YEMA
International

A vendá nas boas relojoarias, com garantia Internacional

O NOVO MORRIS



**tudo quanto se pode desejar
num automóvel!**

Morris Marina! O carro que vai fazer sensação no meio automobilístico nacional! O carro que realmente consegue sintetizar as melhores qualidades dos seus mais próximos concorrentes! Você gostará de qualquer dos seus 6 modelos, porque qualquer deles é diferente, é moderno, é dinâmico e atrai-lo-á irresistivelmente! Difícil será, talvez, escolher para si o modelo mais a seu gosto: O pratiquíssimo 1.300? O elegantíssimo 1.800? O rapidíssimo TC?

Venha vê-los e descobrirá que de facto, têm tudo quanto se pode desejar num automóvel!
Dias 16, 17 e 18 (DAS 18 AS 24 HORAS) NO SALÃO DE EXPOSIÇÕES DO HOTEL RITZ E TODOS OS DIAS ÚTEIS NOS NOSSOS SALÕES DE EXPOSIÇÃO DE LISBOA, PORTO E AGENTES DO PAÍS



A.M. ALMEIDA LDA.
Av. da Liberdade, 11 / Av. 5 de Outubro, 168
Av. Guerra Junqueiro, 16 R. Escola Politécnica, 39 - Lisboa
R. Sá de Bandeira, 501 - Porto Agentes em todo o País



MORRIS

Marina 1.3 1.8 1.8TC

ELEIÇÃO DA PRINCESA DAS "TEEN AGERS" PORTUGUESA 1972

cupão de inscrição

N.º

NOME

MORADA

TELEF.

LOCALIDADE

DIA DO NASCIMENTO

DE

DE 19

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE



Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto ou a cores) e envie para «Diário de Lisboa» — Teen-Agers — Rua Castilho, 185-1.º — Lisboa 1



São mais quatro dias para enviar boletins

Se você é uma jovem leitora entre os 4 e os 9 anos e ainda não enviou o seu boletim de inscrição para participar na eleição da Princesa das Teen-Agers Portuguesas lembre-se que em apenas quatro dias para o fazer, pois as inscrições encerram-se já no próximo sábado dia 20. Para concorrer basta apenas enviar o boletim que diariamente publicamos, acompanhado de uma fotografia de busto e outra de corpo inteiro.

A partir do dia 20 inicia-se o processo de selecção das dez finalistas e duas suplentes que tomarão parte na eleição. Um júri constituído por dez elementos terá a seu cargo a espinhosa tarefa de escolher as doze jovens de entre as quais sairá a Princesa das Teen-Agers Portuguesas de 1972, que será proclamada no decorrer de uma festa a realizar na Estufa Fria. A vencedora tomará parte na eleição da Princesa Mundial das Teen-Agers

que este ano se realiza na cidade olímpica de Munique e em Berlim. Como tem sido dito, a eleição da Princesa das Teen-Agers é uma iniciativa sem qualquer objectivo comercial, destinando-se a premiar uma jovem que seja possuidora dos predicados mais representativos da juventude. E acessível a todas as jovens portuguesas e a escolha é feita tendo em conta essencialmente os valores humanos, que sobrelevam os valores estéticos, embora estes, evidentemente, contribuam para o equilíbrio geral da classificação. Não são, contudo, os factores essenciais nesta iniciativa.

Se a jovem leitora está nas condições estabelecidas pelo regulamento não demore a enviar o seu boletim. Além do prazer de uma experiência nova de convívio habilitar-se-á a uma viagem a Munique e a Berlim, além de muitos outros prémios.



SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO

Os CTT comunicam que a partir do dia 18 do corrente às 0 horas os assinantes, com acesso ao SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO, das zonas de Lisboa (TLP) e Porto (TLP) e dos grupos de redes de Arganil, Aveiro, Braga, Caldas da Rainha, Covilhã, Figueira da Foz, Guarda, Idanha-a-Nova, Leiria, Mealhada, Penafiel, Pombal, Santarém, S. João da Madeira, Setúbal, Torres Novas, Torres Vedras, Valença, Viana do Castelo, Vila Franca de Xira, Vila Nova de Famalicão e Viseu passam a obter directamente os assinantes das redes automatizadas de Arcozelo da Serra, Ervedal da Beira, Galizes, Gouveia, Loriga, Melo, Oliveira do Hospital, Paranhos da Beira, Torrozeiro, Vide e Vila Nova de Tazem do grupo de redes de Seia, para o que devem marcar:

da zona de Lisboa (TLP) 0037
dos restantes 037

Para obterem a rede manual de Seia, devem marcar os seguintes indicativos:

da zona de Lisboa (TLP) 00372
dos restantes 0372

e pedir em seguida à telefonista o número do telefone desejado.

O PLANO

DE DESENVOLVIMENTO

DOS DIRIGENTES DA IMPÉRIO EM ACÇÃO

A Companhia de Seguros Império realizou num hotel de Sesimbra mais um seminário a nível de Direcção em que participaram 38 dos principais gestores da empresa.

Esta realização insere-se no plano geral de formação dos quadros do grupo de Companhias de Seguros ISU e é o quarto de uma série que se completa ao longo deste exercício.

Foram ventilados, designadamente, os seguintes temas:

formação de estratégias de desenvolvimento, de lançamento de novos produtos e de exploração de novos mercados;

estruturas de organização mais ajustadas às diferentes estratégias;

estruturas e organizações de estimulantes da criatividade e inovação;

desenvolvimento da aptidão dos gestores para conduzir os negócios em mercados de di-

ferentes características e em diferentes países;

estudo da conjuntura como um dos aspectos mais importantes do conhecimento do meio exterior necessário aos gestores.

Orientaram o seminário os drs. Paulo Fernandes, Alberto Mateus e Leitão de Carvalho, que utilizaram o «Método dos Casos» combinado com curtas exposições seguidas de colóquios. Tal método tem o mérito de favorecer uma mais fértil troca de experiências e transmissão de conhecimentos. Obteve-se, assim, o melhor aproveitamento do potencial representado pela diversidade de formações técnicas de base e de níveis de responsabilidade do conjunto de gestores presentes.

No último dia estiveram presentes os drs. Viegas Dias, Administrador-Delegado e Luis Barbosa, Administrador-Delegado, Adjunto, bem como os srs. Claude Coenderaet-Poels, da Cie Financiere et de Reassurance; John Greig e Peter Keats, de uma firma corretora londrina e Leslie McKinnis e John Austin, da Mercantil General, de Londres.

Esteve igualmente em Sesimbra o sr. Jorge Midorikawa, adido cultural na Embaixada de Portugal em Tóquio, e que, na qualidade de seu representante no Japão, se encontra no nosso País a convite da Império.

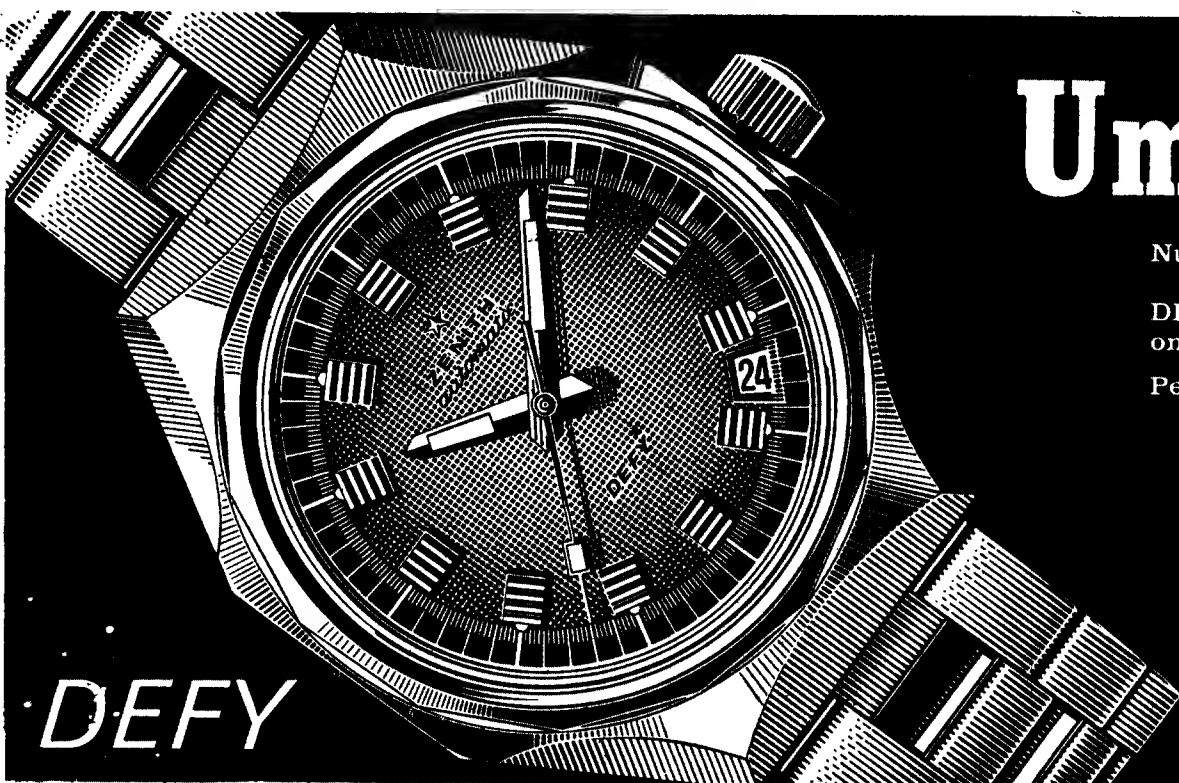
A SURDEZ

A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSON, casa especializada.

LISBOA — Av. Almirante Reis, 75-1.º, Esq.

PORTO — Praça da Batalha, 3

FARO — Rua Ivens, 24-26



Um cofre-forte

Nunca uma tal precisão foi tão bem protegida

DEFY, o relógio que permanece exacto onde outros relógios robustos deixam de funcionar

Peça num agente ZENITH para lhe mostrar o DEFY

ZENITH

A venda nas melhores joalherias e relógarias de Paris

PENTA

a "Nacional" transporta dia a dia o seu futuro

Muito do que Você sempre vende, usa e utiliza
passa-nos pelas mãos. Transportamos o mundo
para o mundo de hoje dia a dia. Hoje e no futuro.
A "NACIONAL" está com-nó.



**companhia
nacional
de navegação**

DIÁRIO GERAL

REPORTAGEM

Ora diga-nos...

CONHECE OS LUSÍADAS?

Comemora-se este ano o quarto centenário da primeira edição de «Os Lusíadas».



1 — José Manuel Garção Faustino, 22 anos, da escola de Fusileiros. Conheço de nome, mas nunca li. Não faço ideia nenhuma do que trata.

2 — José Bernardino, 24 anos, também fusileiro. Conheço mais ou menos. Sei que trata dos descobrimentos portugueses. Vou ler de o ler agora com atenção, pois ando a estudar a secção de Letras do 5.º ano.



3 — Maria Luisa Coelho, 20 anos, empregada de escritório. Já li um bocadinho mas acho um pouco «maçudo». Então quando se tem de interpretar ou dividir as orações é que é mesmo horrível. Gosto mais do Camões lírico, dos seus poemas de amor.

MARINA: UM NOVO MORRIS APRESENTADO EM PORTUGAL

Num dos salões do Hotel Ritz foi ontem oferecido um «cocktail» à imprensa para apresentação dos Morris Mari-

na coincidindo com o lançamento comercial da vasta gama destes modelos no mercado português. Encontra-

vam-se em exposição, que aliás se prolongará por alguns dias, os Marina 1300 de 2 e 4 portas e o Coupé, os 1800 e os 1800 TC com as mesmas três variantes.

Tendo por base a mesma carroçaria, estes nove modelos destinam-se a uma clientela diversa, enquadrando-se os 1300 numa classe de carros utilitários de larga difusão, em confronto, de características e preço, com os Cortina, Escort, Fiat 124 e 128, Kadett, etc.

Características comuns aos vários Marina são: motor de 4 cilindros em linha; caixa de 4 velocidades sincronizadas; suspensão da frente independente e suspensão traseira de eixo rígido e bancos ajustáveis tendo o 1800 TC bancos também reclináveis.

Quanto ao resto, as características são as seguintes:

1300-1275 centímetros cúbicos de cilindrada; 60 HP de potência; taxa de compressão-8,8; 1; travões de tambor a frente e atrás; velocidade máxima-132 km/hora.

1800-1798 c.c. de cilindrada; 82,5 HP de potência; taxa de compressão-9; 1; travões de disco à frente e de tambor atrás; velocidade máxima-153 km/hora.

1800 TC - 1798 c.c. de cilindrada; 94,5 HP de potência; taxa de compressão-9; 1; Travões de disco à frente e de tambor à retaguarda, assistidos por servo-freio; velocidade máxima 161 km/hora.

Pertencendo a uma classe média, dentro da hierarquia automóvel, o Morris Marina tem que enfrentar uma poderosa e bem «armada» concorrência.

Como nota curiosa, resta acrescentar que, antes do seu lançamento em Inglaterra e quando da fase de experiências, os Marina fizeram um longo «estágio» nas estradas portuguesas.

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CARECA VIROU CABELUDO

O sr. António da Silva Pereira esteve completamente calvo, vai para oito anos. Ninguém o acreditava ao olhar, hoje, a cabeça farta. No entanto, ele não descobriu nenhuma fórmula maravilhosa, não se serviu de nenhuma loção arrancada aos livros da magia branca ou negra. Teve apenas a virtude de não acreditar na sua derrota perante o que parecia ser irremediável e de aplicar, por um método muito seu, uma vulgaríssima composição que se vende em qualquer farmácia a preços bem acessíveis. Foi um homem amargurado, afastado de tudo o que fosse satisfação de viver. Agora sabe que, mesmo no pior dos desesperos, um homem encontra sempre no seu íntimo algo que o dignifica e o defende da frustração.

Esse algo, embora não se trate duma virtude rara, começa a ser cada vez menos cultivado. E, contudo, foi o que levou Edison até à sua lâmpada maravilhosa. O que incitou um certo Max, a tornar-se no célebre Planck dos «quanta». O que ajudou um desconhecido Einstein a chegar à glória da sua «revolução da relatividade» e um humilde professor de Munique a transformar-se no Staudinger das macromoléculas e da descoberta do plástico. Foi sempre a companhia dos grandes e pequenos sucessos. Hoje, continua a ter a sua importância: às vezes não permite que o homem ceda à acomodação da poltrona e à alienação fácil do botão electrónico. E um algo com um nome que toda a gente conhece embora nem toda a gente o dignifique chama-se força de vontade.

UMA HISTÓRIA COMO TANTAS

A história do sr. António da Silva Pereira é uma história como tantas. Uma história simples, de um homem simples, mas nem por isso menos dramática. Apenas isto: um dia apercebeu-se de que estava calvo. A coisa começou com umas peladas, foi-se alargando e, de súbito, a calvície completa. Absoluta, no sentido mais literal do termo, pois nem a mais ligeira penugem ficou a lembrar a antiga e farta cabeça. O desgosto tomou-o totalmente. Os pormenores do seu desespero, soubemo-los por sua esposa — que preferiu não dar o nome para o jornal — em Almada, na Rua D. Alvaro Abranches da Câmara, 7, 4.º E sq. Diz-nos a esposa do sr. António da Silva.

Foi há uns sete anos. O meu marido descobriu umas peladas, consultou o médico, recebeu conselhos, aplicou loções, mas nada. As peladas começaram a alargar e em oito ou nove meses, nem um pelinho lhe restava. O meu marido decaiu, que só visto. Parecia um velho de muitos anos. Não era capaz de enfrentar ninguém na rua. Passou a usar boina, mas o desgosto não se acabava. Um dia, não queira saber... até pensou em matar-se.

A senhora mostra-nos fotos. De quando o marido tinha cabelo e de quando o deixou de ter. E prossegue no seu relato.

Às vezes, dizia que não voltaria a ser como dantes, ou-

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António José C. Almeida, Av. James Gilman, 6-A SACA VEM



1) Ninguém diria que este homem esteve totalmente calvo

tras, afirmava-me que havia de descobrir maneira de acabar com a calvície. E a partir de determinado momento, começou a usar toda a espécie de activantes que lhe recomendavam. Eu própria supus que tudo aquilo era inútil e que o

calva, o ardor e as dores eram tamanhas, que tinha de sair de casa e desatava a correr por esses campos fora. Mas o meu marido tem uma força de vontade espantosa. Continuou a massacar-se, sempre convencido de que um dia a sua teimosia iria resultar. E resultou.

Como? inquirimos. Receitaram-lhe algum remédio estranho ou descobriu ele qualquer oção inédita?

Não respondeu-nos a senhora. Só se lavava de manhã e à noite com sabonete «Berlengas», lavagem que reforçava com fricções, e passou a aplicar, a partir de certo dia, uma vulgar receita que se vende em todas as farmácias e que custa apenas quatro ou cinco escudos. Mas seguiu o regime que se impôs a si mesmo, durante sete ou oito meses, sem uma falha. Com força de vontade. De resto, ele é assim em tudo: quando pensa a sério numa coisa, tem de a levar a cabo custe o que custar.

Sabendo que o sr. António da Silva avia aquela receita numa farmácia da Rua de Oli-



O sr. António da Silva no tempo da sua respeitável calva

melhor seria ele conformar-se. Mas o meu marido tinha, na altura, apenas trinta e poucos anos e não podia conformar-se.

UMA SOLUÇÃO AO ALCANCE DE TODOS

Falamos com alguns colegas de trabalho do sr. António da Silva, que é ferramenteiro na empresa Parry Son.

Escusam de o procurar disseram-nos, aliás a confirmar palavras da esposa — porque ele não falará do assunto. Agora que lhe cresceu cabelo, não gosta de falar no caso. Mas a verdade é que não parecia o mesmo. Obcecado, metido em si surgia muitas vezes aqui no trabalho com a cabeça às cores: era dos medicamentos. A gente ria-se dele e olhe, de repente, o cabelo nasceu-lhe outra vez. Bom, foi bem de repente. Primeiro umas penugens (fraquinhos) depois é o que hoje se vê. Uma cabeça como nunca teve.

Voltamos a dar a palavra a esposa do sr. António da Silva: Pois foi. Às vezes, quando punha certos líquidos na

vença, em Almada, fomos ouvir o farmacêutico, dr. Martins.

Eu nem me lembro da pessoa começou por nos declarar o dr. Martins. Terá sido uma das tantas que aqui vêm, convencidos de que possuímos uma fórmula maravilhosa para os salvar da calvície. E nós não temos tal fórmula. O que vendemos a esse senhor foi apenas isto: 1 grama de hidrato cloral, 3 gramas de ácido acético e 30 gramas de licor Hofman. Com estes três ingredientes, faz-se uma loção contra as peladas. O êxito que o sr. António conseguiu deve-se certamente à sua força de vontade e à maneira como aplicou a loção. Nada mais.

A verdade é que este nada mais, restituiu ao sr. António da Silva a sua cabeça. Melhor, reforçou-a, pois hoje apresenta-se com um cabelo todo asa de corvo, forte, sadio, cheio. Voltou-lhe a alegria de viver e nem quer recordar-se do pesadelo por que passou. E não confessa a ninguém que o êxito se deve à sua extraordinária força de vontade.

Josué da Silva

Restaurante "O PEIXE"

NO ESPELHO DE ÁGUA, EM BELÉM. Facilidades de estacionamento.



Informamos os nossos clientes habituais, de que, na quinta-feira dia 18 de Maio, as nossas salas se encontram encerradas, para o serviço de jantar, por motivo da realização de um banquete de homenagem ao Industrial Tito Moreira Rato

Europa Maravilhosa e G. de Circuito Europeu
Espanha - França - Itália - Áustria - Suíça - Alemanha
Holanda - Bélgica e Inglaterra

Saídas Semanais Autopullman de luxo
abreu LISBOA Av. Liberdade 160 - Telef. 320021
PORTO Av. Aliados, 207 - Telef. 37921
COIMBRA Rua do Soto, 2 - Telef. 27011
abreu A MARCA DE CONFIANÇA DESDE 1840

DL/GERAL

ECONOMIA/EDUCAÇÃO

A reforma do ensino superior em COLÓQUIO NA GULBENKIAN

Com a colaboração do Institute of International Education de Nova Iorque, a Fundação Gulbenkian promove a realização em Lisboa, na Avenida de Berna, de 21 a 26 do corrente, de uma reunião internacional para estudo de certos aspectos ligados à reforma do ensino superior em Portugal.

A reunião que decorre com o patrocínio do Ministério da Educação Nacional e constará de um colóquio com sessões limitadas e um número restrito de participantes e observadores (professores americanos, mexicanos, brasileiros, franceses, ingleses e portugueses) é um simpósio constituído pelas seguintes conferências públicas:

Dia 22, 0 horas, sessão dedicada à análise do plano de reforma do sistema educativo português. Presidente da sessão: Doutor Ferrer Correia. Relatores: Doutor Fraústo da Silva (exposição geral das bases «filosóficas» e dos objectivos da reforma); Doutor Alberto Ralha (descrição da organização e estrutura do projecto do sistema educativo e análise das relações existentes entre os vários níveis educacionais); Doutor Eduardo Correia (descrição dos projectos e objectivos do ensino superior). Às 8,30 horas: conferência do prof. Robert Davril «Governo da Universidade da Europa».

Dia 23, 0 horas, sessão dedicada à situação do tema preparação de professores. Presidente da sessão José Patiño (Director Executivo da Federação Panamericana de Associações de Faculdades de Medicina). Relator: prof. G. Bereday. Conferência do prof. Roberto Santos «Governo da Universidade do Brasil».

Dia 24, continuação da discussão do tema sobre preparação de professores.

Presidente da sessão: G. Kirk (Presidente da Universidade de Colúmbia). Relator: R.A.

Graham. Conferência do prof. Ernest Boyer «Governo da Universidade dos Estados Unidos da América».

Dia 25, 0 horas, sessão dedicada à discussão do tema diversificação do ensino superior. Presidente da sessão: F. Garcia Roel (Presidente do Instituto Tecnológico e de Estudos Superiores de Monterrey, México). Relator: Dr. K. Keohane. Conferência do prof. Vítor Crespo «Uma experiência de Governo numa universidade portuguesa».

Dia 26, continuação do tema sobre diversificação do ensino superior. Presidente da sessão: K. Holland (Presidente do Institute of International Education, Nova Iorque). Relator: M. Sucupira.

Participantes em todas as sessões do colóquio: Doutor Vítor Crespo, Eng.º Fraústo da Silva, Eng.º Protes da Fonseca, Dr. Manuel Alambre dos Santos, Dr. Fernando Silva Marques, Doutor Ferrer Correia, Dr. Vítor de Sá Machado e Dr. Luís Gomes Moreno.

Participantes nas sessões dos dias 22, 23 e 24: Dr. Fernando Teixeira de Matos, Dr. Tavares E. Mido, Dr. Rui Grácio, Dr. Aldónio Gomes, Dr. Manuel Sousa Ventura, Dr.ª D. Maria Teresa Ambrósio.

Participantes das sessões dos dias 23 e 24: Dr. António Leônidas, prof. M. Calvet de Magalhães, Dr. Alberto Martins de Carvalho, Dr. Breda Simões, Dr. Carneiro da Silva, Dr. António Almeida Costa e Dr. Sérgio Maria Marques.

Participantes das sessões dos dias 22, 25 e 26: Doutor

Eduardo Correia, Doutor Alberto Ralha, Eng.º Amaro da Costa, Eng.º Pereira Amaro, Eng.º Delgado Domingues, Eng.º Luz Carneiro.

Participantes das sessões dos dias 25 e 26: Doutor Miller Guerra, Dr. Silveira Botelho, Doutor Moreira de Araújo, Doutor Armando Policarpo, Doutor Orlando Ribeiro, Doutor Lindley Sintra. Observadores: Dr. João de Almeida, Doutor Teixeira Botelho, Dr. Mário de Oliveira, Dr. Joel Serrão, Doutor Luís de Matos, James Conley. Representante do Ministério dos Negócios Estrangeiros: Dr. Bartolomeu Perestrelo.

Convidados especiais: Doutor António Maria Godinho, Doutor Carvalho Barreira, Doutor Sousa Pereira, Doutor Cotelinho e Doutor Bacelar de Oliveira.

Participantes estrangeiros: George Berelay, Ernest Boyer, Robert Davril, Fernando Garcia Roel, Richard Graham, Kenneth Rolland, Kevin Keolano, Grayson Kirk, Dean Mackeury, Martha Muse, José Patiño, Pearl Purcell, Roberto Santos, Newton Sucupira e James Tirey.

Os participantes estrangeiros chegam a Lisboa no dia 2 e à noite a Fundação Gulbenkian oferece-lhes um jantar; no dia 22, dão uma volta por Lisboa oferecida pela Secretaria de Estado de Informação e Turismo; no dia 23 assistem ao concerto oferecido pela Fundação Gulbenkian (programa com a «London Sinfonietta»); no dia 24 é-lhes oferecido um jantar pela Secretaria de Estado de Informação e Turismo; no dia 26 participam dum jantar oferecido pelo ministro da Educação Nacional e no dia 27 visitam a Universidade de Coimbra e Conímbriga.

Considerações ao Decreto Lei 157/72

“IMPORTAÇÃO DE AUTOMÓVEIS”

Por J. Filipe Nogueira

Criou um certo «alvoroço» a divulgação do Decreto Lei 157/72, agora publicado e que a traços largos veio limitar a 15 unidades por ano o número de importações consentidas, para as marcas que não tenham linhas de montagem em Portugal.

Todavia e despretenciosamente, já que não temos a leviandade de querer penetrar nos complicados problemas político-económicos, achamos que este Decreto-Lei não tem na realidade as drásticas consequências que muitos viram de imediato.

Com efeito, a leitura atenta do artigo 1.º, n.ºs 2 e 3 do referido Decreto-Lei deixa bem claro que apenas os importadores de mercados fora da EFTA e mesmo assim só os não montadores verão os seus contingentes de importação reduzidos para as tais 15 unidades por ano.

Repare-se que o n.º 3 do referido artigo 1.º do citado Decreto-Lei 157/72 salienta esta doutrina, quando diz:

«Os contingentes de importação de veículos automóveis ligeiros montados nos países da EFTA serão os fixados no Decreto-Lei n.º 44104 de 20 de Dezembro de 1961 acrescidos dos contingentes suplementares estabelecidos em execução do Decreto-Lei 48418 de 3 de Junho de 1968, sem prejuízo, porém, do estabelecido nos n.ºs 1 e 2 deste artigo se a sua aplicação for mais favorável para os importadores».

Ora, temos de convir que a interpretação a dar, será logicamente de que se manterão os contingentes de importação para os carros oriundos dos países da EFTA, salvo se no caso de linhas de montagem, houver marcas que pelo Decreto-Lei agora publicado venham a exceder os 2 por cento fixados pelo Decreto-Lei em referência ao total de veículos montados e despachados no ano anterior. Neste caso é dada a possibilidade de opção ao importador, que poderá aplicar a solução que lhe for mais favorável. Quer isto dizer que: Se o montador no ano anterior não tiver atingido um determinado número de veículos montados no nosso País que lhe

garanta maior quantidade de importação através dos tais 2 por cento já referidos poderá optar pelos contingentes fixados e aumentados respectivamente pelos Decretos n.ºs 44104 e 44418, tratando-se evidentemente de importações dos Países da EFTA. Porém, é evidente que ainda se podem encontrar «prejudicados» e «beneficiados», com este Decreto-Lei 157/72 e esses são, respectivamente, os que importam de Países fora da EFTA e não tem linhas de montagem em Portugal, casos por exemplo da PORSCHE e da LANCIA, além de todos os pequenos importadores também fora da EFTA e os que tendo linhas de montagem e obtenham números elevados de veículos montados e despachados e que agora a coberto dos tais 2 por cento vejam alargado o anterior contingente anual de 75 ou até 150 unidades, no caso da EFTA, para o que resultar da sua produção.

O espírito do Decreto-Lei 157/72 parece-nos bastante salutar, pois dá possibilidade às marcas que investiram dinheiro nas linhas de montagem no nosso País e que aqui pagam salários pela nossa mão de obra, de se verem diferenciados dos simples importadores, podendo importar alguns modelos das suas marcas cuja montagem entre nós não seria de interesse fazer, desde que provem a sua produção anterior para jogar em nos tais 2 por cento, se mais lhes convier.

Pelo exposto se poderá facilmente concluir que o agora publicado Decreto-Lei não trás grandes alterações, quer para o interesse do público, quer para a economia nacional. Quanto a nós apenas se dá valor real à existência das linhas de montagem, não cabendo aqui analisar das vantagens ou inconvenientes da sua proliferação entre nós, já que este assunto foi na altura debatido por pessoas competentes.

A sua existência reconhecida e apoiada pelo Governo são prova cabal do seu contributo para a nossa indústria e consequentemente para a economia Nacional.

REGENTES AGRÍCOLAS REAGEM

A “ACTO DISCRIMINATÓRIO E GRAVOSO” DE DIPLOMADOS EM ENGENHARIA

Motivado por uma notícia por nós publicada no passado dia 9 e relativa ao primeiro inquérito socio-económico aos diplomados em Engenharia recebemos, com pedido de publicação, o seguinte comentário do Sindicato Nacional dos Regentes Agrícolas:

O Sindicato Nacional dos Regentes Agrícolas vem desde há alguns dias a preparar correspondência a enviar à FEANI (Federação Europeia de Associações Nacionais de Engenheiros), à Ordem dos Engenheiros e ao Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores relativa ao âmbito do 2.º Inquérito Socio-Económico sobre a situação dos diplomados em Engenharia, organizado pelos dois citados organismos nacionais, a fim de corresponderem a um apelo da FEANI.

A publicação no «Diário de Lisboa» do dia 9 de pormenorizada notícia sobre o inquérito impõe imediata posição pública acerca de um acto fortemente discriminatório e gravoso para os técnicos representados pelo S.N. R.A., praticado

em comum pela O.E. e pelo S.N.E.A.A.T.E. e C....

Com efeito, no contexto em que se situa o inquérito, parece que tudo indica que também aos Agentes Agrícolas deverá ser perguntado «Quem são, quantos são».

Não sendo assim, a O.E. como que prolonga a sua bem conhecida reacção (que nada adianta esconder) quanto à integração dos Engenheiros Agrónomos na Ordem, continuando nos Regentes Agrícolas as suas retaliações «elitistas» sobre os técnicos agrícolas. Para o O.E. ainda é notório que só são de facto engenheiros os diplomados pelas escolas superiores de engenharia, embora haja tido que aceitar como tal os diplomados pelo Instituto Superior de Agronomia e comece a configurar-se uma abertura aos Agentes Técnicos de Engenharia. O próprio inquérito em questão é bem revelador do tratamento descuidado conferido à Agricultura e Silvicultura a contrastar com a exaustiva menção às muitas especialidades dos restantes «engenheiros».

Não convidando o S.N.R.A.

para participar na organização do inquérito, a O.E. nivela a sua posição pela de alguns poucos, dos seus elementos que, individualmente, substituem os Regentes Agrícolas, desdenham das suas legítimas pretensões a um correcto alinhamento entre as profissões técnicas de nível elevado e até lhes cerceiam vias de valorização.

Se os juízos feitos forem injustos como se desejaria a O.E. poderá até apontar a Direcção do S.N. R.A. que não esteve, a tempo, devidamente atenta à defesa dos interesses dos seus associados, mas terá de compreender que a iniciativa do inquérito nunca poderia pertencer a um organismo não associado, e por ora não filiável, na FEANI.

Por sua vez, o S.N.E.A.A.T.E. e C., quando acompanha a organização do inquérito com exclusão dos Regentes Agrícolas alinha contraditoriamente na posição «elitista» de deixar outros técnicos do mesmo nível de ensino na posição de desigualdade, recentemente apontada como uma das provas da subestimação de que são viti-

mas os seus representados, em termos que transcrevemos (1) e que também poderiam ser aplicáveis, com as devidas adaptações, aos R.A.: «A indiferença e ostracismo a que tem sido votada a classe situa-se cujas consequências não são maiores pela competência que tem sido demonstrada no mercado de trabalho, em especial na indústria põe inclusivamente em pé de desigualdade estes profissionais de engenharia perante os seus colegas estrangeiros».

E ainda: «... é corrente nas estatísticas internacionais Portugal apresentar-se com números em que apenas entram em linha de conta os engenheiros universitários. Esses números vão ser comparados com os de outros países onde se consideram múltiplas graduações de engenheiros (na Alemanha há seis). E evidentemente que estes critérios nos colocam numa posição muito pouco lisonjeira e, no fundo, até falsa, perante outros países».

Ora, parece não haver lugar para dúvidas de que os Regentes Agrícolas são, por correspondência com cursos simila-

res estrangeiros, um dos graus de engenheiros considerados no mercado de trabalho europeu.

Aliás, em Portugal, nos organismos oficiais como nas empresas privadas os Regentes Agrícolas desempenham, com as mesmas categorias, isoladamente ou a par de engenheiros agrónomos, nos domínios da Agricultura, Silvicultura e Hidráulica, o mesmo grau de funções técnicas desempenhadas pelos Agentes Técnicos de Engenharia concorrencialmente ou não com os Engenheiros das respectivas especialidades.

Também, embora seja óbvio citá-lo, o grau de ensino é o mesmo para uns e para outros e, se os cursos actuais não têm igual duração, a preparação de base não é diferente. Espera-se que a reforma do ensino uniformize, salvaguardadas as características das especializações a atingir, os planos dos cursos. Mas, este é de qualquer modo, outro problema...

O certo agora é que o inquérito, se abrange os Engenheiros Agrónomos, deveria ser também extensivo aos Re-

gentes Agrícolas pelas mesmas razões que, não se limitando a engenheiros diplomados pelas escolas superiores de engenharia, foi alargado aos seus concorrentes ou colaboradores nas diversas especialidades, os Agentes Técnicos de Engenharia.

Se uns se afadigam em não perder ou apanhar o tão falado «Comboio da Europa» seria bom que o fizessem sem atropelos, pois terá de haver «carrações» para todos e parece-nos que não seria correcta a «marcação prévia de lugares» senão a que resulta naturalmente de certa diferenciação de grau e especialidade de cada um dos técnicos a «embarcar».

Os Regentes Agrícolas, se no plano interno não pretendem alinhar na corrida aos tão enganadores quanto proveitosos títulos, não estarão dispostos a que a sua posição no concerto das posições dos técnicos europeus fique comprometida por não serem mais activos também na defesa de título diferente do que têm.

() «Flama», N.º 260, de 28/4/72

SPOCK PRESO -- O conhecido pediatra dr. Benjamin Spock foi detido em Washington com outros 120 participantes num «sit-in» contra a guerra no Vietname. A manifestação decorreu junto do Capitólio e foram entoando canções patrióticas. (Telefoto UPI/Teleimprensa/«DL»)

DL/ESTRANGEIRO

UPI · R · FP · ANI · TELIMPRENSA

VISITA A MOSCOVO

Nixon conferenciará oito vezes com os membros da "Troika"

MOSCOVO, 17 (ANI) — O presidente Nixon encontrar-se-á pelo menos oito vezes, para conversações, com os membros da «Troika» soviética, mas a agenda de trabalhos dos interlocutores não segue qualquer linha rígida previamente estabelecida — afirma-se em altos círculos russos.

Apesar de mais de um ano de conversações diplomáticas preliminares acerca da viagem, que o próprio Nixon declarou ontem se realizaria, não foi estabelecido um pro-

grama para os temas a discutir.

O presidente e os seus mais próximos conselheiros, incluindo Henry Kissinger, que visitou Moscovo secretamente o mês passado, encontrar-se-ão duas vezes por dia nos primeiros quatro dias da visita com o secretário-geral do Partido, Leonid Brejnev, com o Chefe do Governo, Alexei Kossyguine, e com o presidente Nikolai Podgorny.

O secretário de Estado William Rogers, que não participou nas sessões

plenárias durante a visita de Nixon a Pequim, em Fevereiro, participará nas conversações de Moscovo. O ministro russo dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, estará também presente.

A delegação presidencial será acompanhada pelo maior grupo de jornalistas que até agora visitou a União Soviética.

Em círculos autorizados afirma-se que receberam credenciais 350 jornalistas, incluindo os correspondentes estrangeiros residentes e os jornalistas russos. Deste total, 239 virão de avião,

incluindo 111 repórteres de agências e jornais, 64 jornalistas e técnicos de rádio e 64 fotógrafos e especialistas de fotografia.

No novo hotel Intourist, onde funcionará o centro de Imprensa, vão ser instaladas dez linhas de telex e vinte linhas telefónicas internacionais. O hotel fica a poucos minutos, a pé, do Kremlin.

Os peritos em assuntos do Kremlin estão convencidos que os russos vão manter vigilância sobre as notícias durante as conversações, mas notam que é a primeira

vez que o Governo russo instala um centro de Imprensa para a visita de um chefe de Estado.

Os jornalistas que fizeram a cobertura das viagens dos presidentes franceses Charles de Gaulle e Georges Pompidou e do presidente Mao Tsé-Tung da China não dispuseram de instalações deste género.

Leonid Zamyatin, director-geral da agência nacional de informação russa, Tass, que tem a categoria de embaixador, foi encarregado de dirigir o centro de Imprensa e de servir de in-

formador principal russo durante a visita do presidente Nixon.

MEDIDAS NA ÁUSTRIA

VIENA, 17 (F.P.) — A Polícia de Salzburgo tomou medidas de segurança excepcionais na previsão de manifestações contra o presidente Nixon.

«Numa democracia não é possível proibir manifestações, enquanto a lei é respeitada e nós velamos escrupulosamente pela sua aceitação» — declarou Bruno Kreisky, chefe do governo, depois do conselho de ministros.

Fidel de Castro empolga argelinos

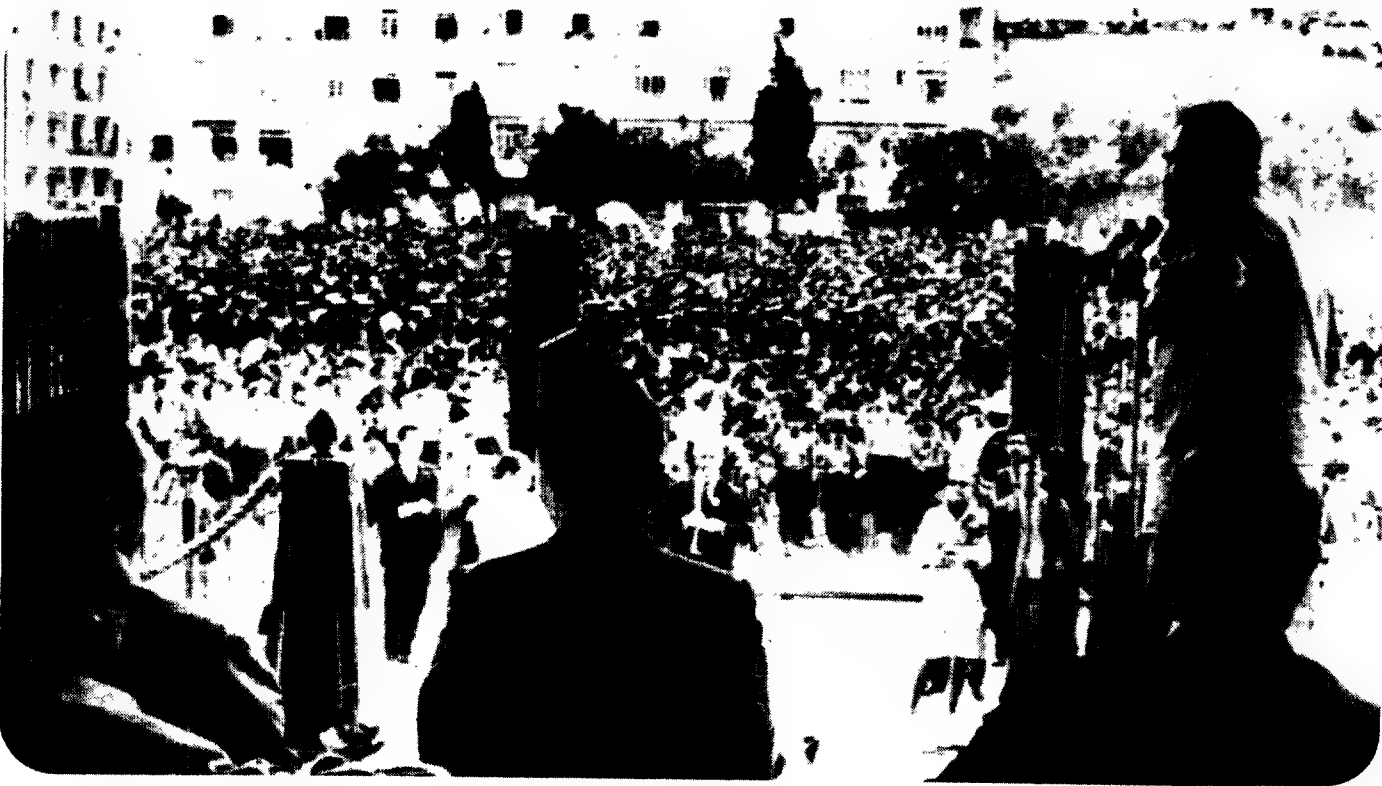
ARGEL, 17 (FP) — Milhares de argelinos viram ontem o nome do presidente Nixon e aclamaram as forças de libertação do Vietname após um discurso proferido por Fidel Castro na capital argelina.

«O Vietname não está só. É absoluta e total a solidariedade de Cuba com aquele heróico povo. Esteles prontos a dar até o nosso sangue para o Vietname. Os imperialistas serão vencidos» — afirmou Fidel Castro.

Entusiasmados pelo discurso do primeiro-mi-

nistro cubano, milhares de argelinos formaram um cortejo dirigindo-se para o centro de Argel.

Fidel Castro que tinha sempre a seu lado o presidente Houari Boumedienne, expremiu por outro lado a sua admiração ao desenvolvimento da indústria argelina. «Rendendo homenagem à «política inteligente e correcta» dos dirigentes argelinos na valorização das riquezas naturais do país, afirmou que o exemplo da Argélia devia ser seguido por todos os povos do «terceiro mundo».



FIDEL CASTRO EM ARGEL — O primeiro-ministro cubano falou do Vietname e do desenvolvimento da indústria argelina num discurso após o qual milhares de argelinos vaiaram o nome do presidente Nixon. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

ACUSADO DE ALVEJAR WALLACE ERA JÁ "SUSPEITO"

MILWAUKEE (Wisconsin), 17 (ANI) — O homem que está detido como autor do atentado contra o governador do Alabama, George Wallace, foi submetido em Novembro, em Milwaukee, a exame psiquiátrico por ter parecido «incoerente» quando compareceu em tribunal para responder pela acusação de porte ilegal de armas.

O psiquiatra nomeado pelo tribunal de Milwaukee considerou não ser Bremer, que tem 21 anos, embora de «inteligência mediocre».

Por seu turno, a Polícia do Estado do Michigan anunciou ter interrogado Arthur Bremer

por b considerar «suspeito», pouco antes do comício de Wallace, em Kalamazoo, no sábado passado.

No dia 8 de Dezembro, Bremer pagou a multa de 39,5 dólares, por acusação reduzida de conduta desordeira. Um polícia tinha-o visto num local de estacionamento proibido, prendendo-o por ter encontrado duas caixas e balas no assento do carro e um revólver de calibre 38 no bolso do casaco.

A arma utilizada anteontem contra Wallace tinha calibre 38. No apartamento de Bremer foram encontradas balas do mesmo calibre, além de um manual de armas.

Bremer nunca chamara a atenção como fanático político, mas antes como um rapaz tranquilo e solitário, que uma antiga amiga de 16 anos afirmou precisar de amor e pretender ser «alguém».

Embora Bremer não tivesse feito confissões, as frases que escreveu numa agenda, junto do caderno do liceu, revelam que costumava filosofar sobre o amor, a política, a vida e o seu meio familiar.

Antigos colegas de Bremer, em Milwaukee, recordam-no como uma pessoa intratável.

O OURO PULVERIZOU TODOS OS RECORDES

LONDRES, 17 (FP) — O ouro pulverizou hoje todos os recordes em Londres Na abertura, atingia 58 dólares. A alta confirmou-se em grande parte no primeiro «fixing», em que a onça atingiu 57,50 dólares, ou seja, mais de 2,25 dólares que no fecho ontem à noite e 2,90 dólares a mais que o «fixing» anterior, de ontem ao meio-dia.

Esta subida eleva para 8 dólares a alta total desde o princípio do mês. A 58 dólares do mercado livre ultrapassa exactamente em 20 dólares, a cotação oficial estabelecida em Dezembro, depois da desvalorização do dólar.

Havia febre alta ao abrir hoje o mercado, perante o afluxo das ordens de compra vindas dos especuladores e a ausência quase total de oferta.

Esta alta em flecha não pode ser imputada de todo à demissão de John Connally, secretário americano do Tesouro, diz-se nos meios especializados. Mas é evidente que, ao agravar a incerteza, a alta só serve para incentivar a especulação.

O sucesso de Connally, George Schultz, passa por ser menos intransigente. Um técnico sucede a um político texano. Por conseguinte, com razão ou sem ela, a conclusão que se tira nos meios financeiros é que a política monetária dos Estados Unidos vai tornar-se mais maleável. Por outro lado, tornou-se mais verosímil a possibilidade de os americanos chegarem a um compromisso com os europeus para uma subida «realista» do preço do ouro, sendo restabelecida ao mesmo tempo a convertibilidade do dólar.

DI/GERAL

COMUNICAÇÃO ALIMENTAÇÃO



Eng. Sanchez-Pastor: «Queremos apenas uma remuneração modesta pelo nosso trabalho»

CONSÓRCIO PREVÊ: Auto-estradas para 1977

Se as expropriações começarem no próximo mês, as auto-estradas previstas estariam concluídas dentro de quatro anos e meio, informou-nos ontem um dos participantes na reunião do consórcio europeu, interessado na construção do complexo de auto-estradas, que esteve reunido em Lisboa.

As auto-estradas previstas to-

talizam 346 quilómetros e podem custar 9 455 mil contos ou 12 158 mil contos ou 13 983 mil contos, conforme as várias propostas apresentadas ao Governo e que estão agora a ser estudadas. Prevê-se a tarifa média a cobrar por quilómetro seja de 46,5 centavos. O piso para as novas auto-estradas será, segundo a mesma fonte, melhor que o piso das mais modernas auto-estradas francesas.

da mão-de-obra a utilizar, no caso de nos ser confiado o empreendimento, será portuguesa. Não só a mão-de-obra indifferenciada como também a especializada.

Que benefícios pensa o consórcio recolher?

Queremos apenas receber uma remuneração modesta pelo

nosso trabalho. No fundo, nós somos trabalhadores como os outros: utilizamos a ferramenta do dinheiro ou as máquinas de que dispomos ou a nossa experiência profissional.

A próxima reunião do consórcio decorrerá em Lisboa no próximo dia 25.

S. R.

MINISTÉRIO
DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852 de 30 de Junho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo» o projecto apresentado pela COMPANHIA ELECTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE, para o estabelecimento na freguesia de Santo Estevão, concelho de Távora, de uma linha aérea a 30 kv, com 491 m, do apoio n.º 136 da linha Loulé-Távora ao posto de transformação de Miss Doro Merande, na freguesia de Santo Estevão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria de Estado da Indústria, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Maio de 1972

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

EMPRESÁRIOS QUEREM REMUNERAÇÃO MODESTA

Antes de regressar à Suíça, o eng. Sanchez-Pastor, alto funcionário da empresa Conrad Zschokke, prestou declarações ao nosso jornal sobre o importante empreendimento.

Os motivos que nos levaram a concorrer à construção do complexo de auto-estradas são, fundamentalmente, a confiança que temos no vosso país e o facto de acreditarmos que ele está a caminho de uma era de desenvolvimento intenso. Estamos no século das auto-estradas, tal como no século passado estávamos no século dos caminhos de ferro, continuou o eng. Sanchez-Pastor. As modernas auto-estradas podem contribuir para uma comunicação mais facilitada na nova Europa e que Portugal e a Espanha estão cada vez mais unidos.

Qual é, concretamente, o apoio que as empresas e os bancos europeus pensam dar a Portugal na construção das auto-estradas? perguntámos.

Será sobretudo um apoio técnico e financeiro. Pensamos e esperamos que grande parte

CORPORAÇÃO DA PESCA E CONSERVAS

Entre os vários assuntos tratados pela Direcção da Corporação da Pesca e Conservas, reunida sob a presidência do dr. António Duarte Silva, figura a apreciação e aprovação do Relatório e Contas do exercício do ano findo a submeter ao Conselho da Corporação, em 26 do corrente.

A Direcção ocupou-se ainda da posição em que se encontram os processos de revisão ou celebração de convenções colectivas de trabalho, emitindo pareceres sobre pedidos de alargamento de âmbito e ratificando outros. Foram designados vários representantes da Corporação a Comissões especializadas e emitidos pareceres a Direcção-Geral dos Serviços Industriais relativamente a instalação ou ampliação de estabelecimentos sujeitos a condicionamento industrial.

A Direcção da Corporação da Pesca e Conservas congratulou-se com a publicação de diploma legal que determina poder a Secretaria de Estado do Comércio autorizar o emprego de qualquer óleo directamente comestível no fabrico de conservas de peixe, dando satisfação a diligências feitas pela Corporação

CONTRABANDO DE TABACO

Dezasseis mil maços de cigarros estrangeiros de várias marcas, no valor de cerca de 110 contos, foram apreendidos pela Guarda Fiscal na região do Vimoso e «algures no Alentejo» em operações realizadas nos últimos dias. Foi apreendida tam-

bém uma viatura em que parte daquele contrabando era transportada.

A Guarda Fiscal prossegue nas investigações, uma vez que há suspeitas da existência de outros contingentes de tabaco, entrados clandestinamente no País.

Manhã na Praça

A dona-de-casa entra no mercado da Ribeira, fazendo operações aritméticas, na dolorosa certeza de não conseguir multiplicar os escudos que guarda na carteira. Pensa com os seus botões que lá em casa já estão fartos do carapau frito com arroz de grelos e da pescada congelada com batatas. Um prato de carne, para variar, é da mais elementar justiça.

Espreita os talhos: nem moscas. Apenas os empregados por detrás do balcão com uma solicitude que cresce com a falta de clientes, chamando a atenção para as peças de carne que ostensivamente pendem do tecto.

«Vai um bife de vaca?» A senhora nem precisa fazer contas. Pagar 62\$00 por um quilo de bife é hipótese inaceitável. Ficará para outro dia, quando o marido for aumentado. O empregado insiste: «Tenho bife de porco a 59\$80... Costeletas a 49\$80 e 58\$00... E por que não carne de vaca para cozer? Limpa, custa 42\$00, mas com osso é só 32\$00...» A senhora ainda se detém noutros preços, mais modestos: cabeça de porco a 11\$80, entremeados a 28\$00...

«Mas só tem ossos e os ossos pesam muito», diz de si para si. Vai procurar outro talho, como se esperasse um milagre. Os preços são idênticos: apenas uma diferença de 2\$00 no preço das costeletas de vaca. Não compensa.

A senhora passa, depois os olhos pelo preço da criação: galinha do campo a 28\$00 e de aviário a 18\$00; corcho vivo a 29\$00 e morto a 46\$00; frango a 26\$00... «Lá em casa já não podem com o frango e coelho não é para mim», pensa.

O dilema fica, pois, automaticamente resolvido: se não é carne é peixe. Vejamos, então: pargo a 20\$00, ruivos a 15\$00, raia a 10\$00, dourada a 17\$00, sarda a 12\$00, tainha a 20\$00, cal-

deirada a 16\$00, carapau a 16\$00 e a 28\$00... E, a partir daqui, os números começam a tornar-se assustadores: lulas a 38\$00, chocos a 35\$00, pescada a 45\$00 e 48\$00, gozaz a 40\$00, linguado a 85\$00 (para quem?), imperador a 34\$00, peixe espada a 26\$00...

«Do mal, o menos: hoje vai uma caldeirada», decide a dona de casa, pensando fazer uma surpresa a família. Entretanto, lembra-se de comprar uns ovos, que fazem sempre falta em casa. Os preços oscilam entre 11\$00 e 13\$50.

Vamos então comprar os outros ingredientes para a caldeirada: cebolas a 5\$00 e 6\$50, batatas a 3\$00 e 4\$00, cenouras entre 3\$50 e 5\$00, tomate a 22\$00 e 26\$00 (aqui a senhora decide que o melhor é utilizar tomate em calda), pimentos a 25\$00 e é para quem quer...

Depois de abastecida, a senhora passa ainda os olhos por outras espécies leguminosas: ervilhas a 4\$50, 5\$00 e 5\$50, favas a 2\$50, feijão verde a 8\$00 e 9\$00... Na secção de hortaliças, encontra couve portuguesa a 1\$00, 1\$50 e 2\$50, couve-flor a 6\$00, nabo entre 1\$00 e 2\$50, e compra uma alface pequena por 1\$50.

Com a carteira razoavelmente abalada, passa ao sector da fruta: encontra bananas a 10\$00, 11\$00 e 12\$00, maçã reineta a 13\$00 e 18\$00, peras a 9\$00, 10\$40 e 13\$00, laranjas, entre 8\$00 e 13\$00, maçã da Beira Alta a 14\$00, morangos, desde 22\$00 a 35\$00. A fruta da época tem aspecto convidativo, mas a nêspera mais decente está a 17\$00 e a cereja a 18\$00. A senhora olha, ainda uma vez mais, sonhadoramente, para o cesto das cerejas (que parecem corar mais, só de ouvir dizer o preço) e acaba por decidir que hoje faz um pudinzito sintético para a sobremesa.

Máquina de lavar roupa automática 421 S



Máximo controlo de lavagem com o mínimo esforço. Basta accionar o botão de comando único e terá para cada tecido o programa adequado.

Miele

Agente Oficial,

A. OLIVEIRA

Electrodomésticos

Av. Almirante Reis, 91-A. Telf. 538323 - LISBOA

APARTAMENTOS MOBILADOS OU SEM MÓVEIS NO CENTRO DE CASCAIS

Com lindíssima vista de mar, junto à praia, estação e zona comercial. Alugam-se ao ano ou à época.

Trata JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28, 1.º — CASCAIS — Tel.: 28 23 45 — 28 07 49

DI/NACIONAL

Chico Buarque: descanso em Lisboa

Procedente do Rio de Janeiro chegou hoje ao fim da manhã a Lisboa o conhecido cantor-poeta brasileiro Chico Buarque de Holanda, que se desloca a Portugal para actuar num «Convívio

Musical» de Carlos do Carmo. A realização de outras actuações está ainda sujeita a confirmação.

Sorridente e bem humorado, Chico disse à chegada:

«Chego a Portugal bastante cansado ao fim de um ano de trabalho intenso no Brasil. Fiz muitos espectáculos, gravei vários programas para a televisão e fiz um filme. Esta vinda à Europa representa a possibilidade de descansar um pouco depois de tanto trabalho. Até por isso me sinto satisfeito por estar aqui».

Rodeado pelos representantes da sua casa editora em Portugal, o cantor disse ainda:

«Suponho que a ge-



ração a que pertence está longe de estar acabada. As pessoas continuam a compor e a actuar. Posso de qualquer modo adiantar que no topo da popularidade continua a estar o Roberto Carlos, que é de todos o mais popular».

Interrogado sobre as «dificuldades» que durante algum tempo se lhe depararam no Brasil, Chico Buarque declarou: «Esses problemas não são já tão agudos, mas de qualquer modo permanecem alguns entraves».

O CHEQUE VOOU EM DOIS TEMPOS

Arrecadar trinta contos assim do pé para a mão, sem mais trabalho que ir levantá-lo a um banco, é coisa que sabe bem. Porém quando em dinheiro não nos cai em sorte no totobola, por herança ou através doutro qualquer bambúrio, há marosca pela certa.

O sr. António Soares Rio Maior, de 16 anos, mecânico de máquinas de escrever, residente na Trav. do Pé do Ferro, em Lisboa, não deve ter pensado a tempo nas consequências que advém do acto de se apropriar do dinheiro alheio. E, assim, ontem, quando reparava uma máquina numa distribuidora de livros da R. Rodrigues Sampaio, viu um cheque mesmo à mão de semear e não esteve com meias medidas: guardou-o no bolso.

Reparada a máquina, veio para a rua e juntou-se ao sr. Fer-

nando Manuel Roque Rodrigues a quem tratou de endossar o cheque. Este embora sabedor do acto do sr. António Soares, aceitou ir levantar a quantia apontada no papelinho: 30253\$60. Recebido o dinheiro sem dificuldades, no banco «Pinto e Sotto Mayor» dividiram a maquia. O sr. António Soares ficou com 19 contos e o sr. Roque com o restante.

Naturalmente que na distribuidora deram pela fuga do cheque e o gerente, sr. António Maria Carreira, participou o caso à Polícia, denunciando o sr. António Soares, que foi preso. Na sua posse tinha 15 contos confessando ter gasto o restante em proveito próprio. O sr. Manuel Roque está a ser procurado pela Polícia por conivência, enquanto o sr. António Soares transita do Governo Civil para a Judiciária.

MANIFESTAÇÕES DE ESTUDANTES EM LISBOA

Sete estudantes ficaram feridos e outros foram presos em consequência de recontros com a Polícia ontem registados na Rua Miguel Lupi. Os manifestantes, todos alunos do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, começaram a manifestar-se da parte da manhã, mas os recontros que ocasionaram os feridos e as prisões decorreram na parte da tarde. Receberam tratamento no hospital de S. José os seguintes estudantes: Manuela Aveli o de Jesus, de 19 anos, rua Açores, 9-1.º, esq.; José António Pires, de 18 anos, rua Pedro Nunes, 5-1.º, esq.; Fernando José dos Santos Ferreira, de 21 rua Aquiles Monteverde, 10-4.º; Jílio Marques Mota, de 29, rua Gomes Freire, 189-3.º dt.º; Luís Manuel Oliveira Neto, de 18, rua de S. Bento, 197-4.º esq.; Maria da Conceição Gomes dos Santos, de 21 rua das Janelas,

Verdes, 43; e Maria da Graça Simões Pinheiro Silva, de 20, rua Pascoal de Melo, 7-4.º dt.º.

Brincadeira trágica

Ao regressar, de madrugada, de um baile, próximo da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra, em Bencanta, o estudante desse estabelecimento de ensino técnico, Francisco José Taborada, de 20 anos, solteiro, da Covilhã, em meio da sua alegre disposição, resolveu trepar ao alto de um cruzeiro. Com tanta infelicidade o fez, porém, que, ao agarrar-se a uma pesada pedra do monumento, a mesma desprendeuse e caiu com ele, esmagando-o.

Ainda com sinais de vida, foi conduzido aos Hospitais da Universidade onde sucumbiu.

Meningite numa creche em Lisboa

Duas crianças entregues aos cuidados da Creche dos Correios encontram-se internadas na secção de Pediatria do Hospital do Rego com síndromas de meningite.

Segundo nos informaram esta manhã naquele estabelecimento hospitalar, «apenas um dos enfermos apresenta sintomas graves, sendo o outro caso um tipo benigno de meningite».

Contactámos ainda o dr. Luis Pimentel, médico da Creche, que nos afirmou:

«Torna-se necessário frisar que as duas crianças adoeceram

em casa e não nesta creche. No entanto já começámos a tomar as medidas que, por norma, se impõe nestes casos, através da profilaxia medicamentosa e higiénica. Iremos também comunicar a ocorrência à Direcção Geral de Saúde que, por sua vez, tomará as providências que entender necessárias».

Os casos foram detectados numa das secções da Creche, onde presentemente se encontram internadas 75 crianças de idades compreendidas entre o ano e meio e os três anos de idade.

Roubava turistas

Nem os visitantes escapam à sanha da ratonice nesta nossa cidade de Lisboa.

O cidadão brasileiro, sr. Alípio Mota, em gozo de férias no nosso País, decidiu, na companhia de um seu amigo também estrangeiro, o sr. José Luis Hernandez, natural de Goa, na Nicarágua, tomar um táxi e dar uma volta pelos arredores da capital. O motorista parecia homem simpático, de verbo fácil e folgazão, o que conquistou logo a simpatia do sr. Alípio, que se sentou no banco dianteiro, ao lado do condutor. Os três estabeleceram animado diálogo. Chegou-se a hora do almoço e regressaram a Lisboa para comerem num restaurante típico da Rua da Rosa. O sr. Alípio não se esqueceu de convidar o simpático motorista para o repasto, que alegrou a refeição com umas anedotas.

Tragado o almoço, voltaram ao táxi e o sr. Alípio disse ao amigo Hernandez que o levaria ao Estoril. E lá seguiu o táxi pela marginal. Mas a certa altura do percurso e quando o sr. Alípio se voltava para trás, a conversar com o amigo Hernandez, apercebeu-se de que o motorista lhe metia, pelas surrelfas, as mãos nos bolsos. Fingindo

que não dera por nada, o sr. Alípio pediu ao motorista que regressasse imediatamente a Lisboa e que o levasse à pensão onde se hospedava, na Rua do Salitre. Assim aconteceu. Ali chegados, o motorista recusou-se a receber o dinheiro da corrida, afirmando que lhes estava agradecido pelo almoço, etc. etc. Mas o sr. Alípio já a fisgava. Vendo um polícia perto, chamou-o e mandou prender o condutor do táxi, alegando que ele o roubara.

O homem negou a princípio, não tardando, porém, em confessar.

Nos sapatos tinha escondido 100 novos francos, 2.600 pesetas, 200\$00 em dinheiro português e uma moeda de 50 pesos em ouro, no valor de 3 contos. Declarou que tinha achado tudo isto no táxi. Claro que se apanha mais facilmente um ratoneiro que um simples achador. O referido motorista, sr. Raul Bodain, de 28 anos, natural de S. Pedro do Sul e morador na Vila Martel, porta 2, em Lisboa, ficou a ferros, sob a suspeita de ser useiro e vezeiro em meter as mãos nos bolsos dos clientes.

Do Governo Civil, será enviada para a Polícia Judiciária.

ANGOLA

O GOVERNO ENCERROU FÁBRICAS DE BEBIDAS

LUANDA, 17 (ANI) — Uma nota oficiosa, distribuída ontem pelo Governo Geral de Angola, anuncia ter-se apurado que no fabrico de algumas bebidas fermentadas se têm utilizado produtos não autorizados, alguns dos quais ainda não foram identificados, ao mesmo tempo que se tem verificado alterações, em qualquer dos casos em contravenção com as disposições legais que disciplinam o fabrico.

O Governo geral ordenou a imediata suspensão temporária da laboração em todas as unidades produtoras e engarrafadoras de bebidas fermentadas, ao mesmo tempo que determinava que fossem imediatamente apreendidas e seladas as existências de bebidas fermentadas, de produtos intermédios e de matérias-primas nas engarrafa-

doras «sangriangola», nas empresas produtoras com excepção da «coalfa», e no mercado.

O Governo decidiu ainda que seja estabelecido, pela Comissão Técnica Permanente de Bebidas, um prazo para que essas unidades industriais, sob pena da revogação das autorizações, procedam à reestruturação das suas instalações em conformidade com as conclusões mencionadas no relatório apresentado pela Comissão Mista Especial, em como a correcção de todas as deficiências encontradas, por forma a que haja uma perfeita observância da regulamentação do sector.

Finalmente, o Governo geral ordenou que sejam evantados, pelas autoridades competentes, autos relativos às infracções registadas.

SELECÇÃO TREINO NO JAMOR

Manhã magnífica de sol no campo de treinos do Estádio do Jamor. Compareceram todos os jogadores convocados para o treino da selecção nacional e, sob a orientação de José Augusto e Peres Bandeira, as equipas alinharam:

«ENCARNADOS» — José Henriques; Artur, Laranjeira Freitas e Toni; Jaime Graça, Matine e Peres; Nenê, Eusébio e Jordão.

«AMARELOS» — Damas; Murça, José Carlos, Rolando e Adolfo; Octávio, Goudinho e Dinis; Nélinho, Tito e Abel.

A sessão consistiu numa primeira parte (dedicada à condição física) que durou cerca de quinze minutos e num treino de conjunto (que durou 55 minutos, sem descanso). Ambas as turmas se mostraram bastante desvolvas de movimentos, com o senão de, a alturas tantas, haver tendência para o afunilamento das jogadas junto das duas balizas. José Augusto contrariou constantemente tal «queda». Os «amarelos» foram os primeiros a marcar, por intermédio de Nélinho. Mas sem forçar o andamento os «encarnados» responderam com três

golos: da autoria de Jordão, Eusébio e Peres.

Nos vencedores, José Henriques cedeu o lugar a Mourinho, pois reabriu-se-lhe a ferida que contraiu no encontro com o Chipre e Jordão, ainda não completamente curado de uma pequena lesão, jogou escassos minutos cedendo o lugar a Chico. Nos «amarelos», Adolfo saiu e Messias entrou para o centro da defesa.

Bastante público acompanhou o treino dos seleccionados e, como nota de curiosidade, diga-se que as atletas do I.N.E.F. foram as mais entusiasmadas, dando uma nota de colorido e alegria em torno do rectângulo.

SUPREMO TRIBUNAL MILITAR

Foi nomeado para o cargo de secretário do Supremo Tribunal Militar o major Carlos Gomes da Silva, em substituição do major José Maria da Gama, que atingiu o limite de idade e passou à situação de reserva.

LOJA ALUGA-SE

Na melhor rua comercial de Cascais, junto à estação dos C. Ferro, praias, etc. Próprio para Snack-Bar ou Boite.

Trata JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28-1.º — CASCAIS
Tels.: 28 23 45 - 28 07 49

INDÚSTRIAS CAMBOURNAC

Das nossas fábricas directamente ao público. A bem da sua economia, consulte-nos!

FIOS PARA TRICOT

FILIAL E DEPÓSITO:

AV. ALMIRANTE REIS N.º 28-B
LISBOA

Em defesa da sua comodidade utilize a nossa frota automóvel que gratuitamente transportará as encomendas a sua casa. Descontos especiais às tricoteiras.

Telef. 833811

ISU — Estabelecimentos de Saúde e Assistência, S. A. R. L.

RELATÓRIO E CONTAS — Exercício de 1971

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

Logo após a constituição da nossa Empresa, iniciaram-se negociações com a Companhia União Fabril, com vista à transferência da gestão do Hospital «CUF» para a I. S. U.

Essa transferência verificou-se, de facto, a partir de Setembro de 1971, nos termos negociados.

Não queremos deixar de salientar o clima de bom entendimento e cooperação em que as negociações decorreram, cumprindo-nos, por tal, manifestar à Administração da C. U. F. o nosso reconhecimento.

Dada a insuficiência da dimensão, a desactualização das instalações e a inconveniente localização do actual «Hospital CUF», surgiu, desde logo, como necessidade básica, a construção de um novo Hospital, convenientemente localizado, adequadamente estruturado e com a devida dimensão, o futuro Hospital deverá permitir não só a melhoria do serviço prestado, como uma exploração economicamente equilibrada.

Confinando-se os objectivos da I. S. U. à gestão e exploração de estabelecimentos hospitalares, haverá que procurar interessar outras entidades na construção do futuro Hospital, cujas instalações a nossa empresa arrendará e apetrechará tecnicamente.

Entretanto, está já uma empresa especializada, a Profabril-Centro de Projectos, S. A. R. L., a realizar um estudo de viabilidade técnico-económica, que deverá estar terminado no decurso do mês de Abril do corrente ano.

De acordo com os resultados desse estudo poderá já proceder-se à selecção de terrenos adequados à construção do novo Hospital e dar-se início à elaboração do respectivo projecto.

Segundo a estimativa da PROFABRIL, o novo Hospital poderia estar concluído e entrar em funcionamento em meados de 1976.

A transferência da gestão e exploração do «Hospital CUF», da Companhia União Fabril para a I. S. U., tornou necessárias, como não podia deixar de ser, adaptações à nova situação.

Essas adaptações estão a verificar-se, nomeadamente, no campo da orgânica geral dos Serviços e dos esquemas de informação para gestão (cuja alteração vieram determinar, por sua vez, modificações nos métodos de processamento).

Ao tomarmos conta dos destinos do «Hospital CUF», dois deveres se nos impõem:

- manter a qualidade do serviço que o «Hospital CUF» vem prestando, ao longo dos seus 26 anos de existência, e que lhe granjeou a reputação de um dos melhores institutos hospitalares privados portugueses;
- assegurar a continuidade da assistência prestada ao pessoal das empresas do Grupo CUF, na linha do objectivo inicial do Hospital.

Constituem esses deveres uma pesada e honrosa herança. Contamos para continuá-la com a colaboração de todo o pessoal que com a sua competência e dedicação, a tornou possível.

Estamos igualmente certos de continuar a contar com a prestimosa colaboração da Companhia União Fabril, a quem agradecemos todo o apoio dado na fase inicial das nossas actividades.

O resultado da exploração, que se circunscreveu, neste exercício, exclusivamente, à do Hospital «CUF», foi negativo, em Esc. 435 171\$00, o qual propomos transite em saldo na conta de «Resultados».

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1972.

O CONSELHO DA ADMINISTRAÇÃO

Luis Eduardo da Silva Barbosa
Norberto da Cunha Junqueira Félix Pilar
José de Matos Correia

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1971

ACTIVO				PASSIVO			
IMOBILIZADO				SITUAÇÃO LÍQUIDA			
Gastos Pluriénais	65 259\$50			Capital		5 000 000\$00	
Instalações	154 752\$50			EXIGÍVEL A CURTO PRAZO			
Mobiliário Ap. e Mat. Diversos	3 509 223\$20			Credores Diversos	9 597 939\$70		
Mq. Ferr. e Outro Material	277 753\$80			Fornecedores	2 467 664\$10		
	4 006 989\$00			Cientes	66 716\$00	12 132 319\$80	
Reintegrações	— 903 243\$00	3 103 746\$00		NÃO EXIGÍVEL			
EXISTÊNCIAS				Provisões	118 255\$60	12 250 575\$40	
Armazéns Gerais	155 121\$60						17 250 575\$40
Depósito de Med. Prod. Quím. e Mat.	409 057\$00			RESPONSABILIDADES			
Primas	70 154\$80	634 333\$40		Credores por Valores Alheios			450 000\$00
Depósito de Prod. Alimentares							
REALIZÁVEL A CURTO PRAZO							
Cientes	7 950 425\$60						
Devedores Diversos	89 279\$10						
Fornecedores	566\$30	8 040 271\$00	11 778 350\$40				
DISPONÍVEL							
Caixa			5 037 054\$00				
RESULTADO DO EXERCÍCIO							
			435 171\$00				
			17 250 575\$40				
RESPONSABILIDADES							
Valores Alheios			450 000\$00				
			17 700 575\$40				17 700 575\$40

O Técnico de Contas
Mário Palma de Carvalho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE RESULTADOS DO EXERCÍCIO DE 1971

DÉBITO		CRÉDITO	
CUSTOS:		PROVEITOS:	
Merc. mat. e mat.-primas	10 714 086\$70	Serviços Principais e Bloco Operatório	27 682 109\$30
Encargos com Pessoal	18 213 744\$30	Serviços Auxiliares	6 214 383\$70
Outros Encargos	2 933 738\$80	Serviços Gerais	1 258 030\$10
Encargos Fiscais e Parafiscais	2 706 625\$70		35 154 523\$10
Dotações para Provisões	118 255\$60	Saldo	435 171\$00
Dotações para Reinteg. e Amortizações	903 243\$00		
	35 589 694\$10		35 589 694\$10

O Técnico de Contas
Mário Palma de Carvalho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

Em cumprimento da Lei e dos Estatutos procedemos ao exame dos comprovantes e valores da escrita verificando que os mesmos se encontram na devida ordem. Constatamos que os critérios valorimétricos utilizados são os autorizados pelo Código da Contribuição Industrial, podendo assim concluirmos que o Balanço e a Conta de Resultados e bem assim o Relatório do Conselho de Administração reflecte a situação económica-financeira da Empresa.

Assim, somos de parecer:

- Que aprovei o Relatório, o Balanço e a Conta de Resultados apresentados pelo Conselho de Administração
- Que aprovei um voto de louvor ao Conselho de Administração.

Lisboa, 10 de Março de 1972.

O CONSELHO FISCAL

José Guimarães Serôdio
Augusto Brites Mimoso
António Patróny Alves de Matos

DL/GERAL

ASSEMBLEIA GERAL DA SONAREP

Nos termos estatutários, reuniu a Assembleia Geral Ordinária, da Sociedade Nacional de Refinação de Petróleos - Sonarep, para discutir o relatório e contas do Conselho de Administração e ratificar a nomeação de um Administrador.

Secretariado pelos accionistas D. Luís Maria da Câmara e Manoel Alves Caetano, presidiu aos trabalhos o Eng.º Albano Homem de Mello que, ao abrir a sessão, pronunciou as seguintes palavras:

«Ocupo hoje este lugar porque falta o Senhor Embaixador Augusto de Castro, que Deus chamou a Si. Não está neste lugar, mas está aqui presente, entre nós, com toda a vivência do seu espírito de eleição. Está aqui, porque estamos em Portugal e porque vamos tratar de Moçambique e de uma empresa que teve sempre, como Ele teve, a preocupação de bem servir o País.

Ele espalhou por toda a gente, durante quase um século, o imenso tesouro do seu talento. E a prodigiosa fecundidade da sua vida de escritor e de jornalista brilhantíssimo permitia-lhe ainda ter tempo para servir Portugal em missões diplomáticas e nas actividades económicas, sociais e políticas. Ultimamente falava baixo, mas quem apurasse o ouvido e estivesse atento, podia recolher mil testemunhos da história de Portugal dos últimos 80 anos e da história da Europa e da história do Mundo, vendo erguer-se perante o espanto geral as datas, os acontecimentos e os homens que os assinalaram. Soube olhar longe e com argúcia analisava as coisas, mesmo nas horas dramáticas, mas sempre pelo prisma da lusitanidade. Tão frágil, era um mestre de coragem. Evocar o seu nome é mais do que um acto de justiça, porque é um acto de orgulho, pois o Embaixador Augusto de Castro foi dos nossos.

E ser na Sonarep dos nossos não é coisa fácil.

Eu pude ser testemunha, a única testemunha, do momento da arrancada. Foi em Quelima-

ne, no claustro duma pequena pensão, à noite, quando o Snr. Manuel Bulhosa revia comigo o trabalho do dia, durante a viagem efectuada na Província do Indico, para montar a Sonap-Moc. De repente, o Manuel Bulhosa parou e ficou-se de olhar abstracto. Está cansado? - perguntei.

— Não, não estou cansado, estou a pensar que em Lourenço Marques não existe uma refinaria de petróleo por isto ser Portugal. Nós temos o dever nacional de a erguer.

Não vale a pena relatar a minha emoção e estonteamento vendo a meu lado um português disposto a investir uma fortuna naquelas paragens, quando África já ardia, quando em África começava em altas labaredas a queimada política, que fez de lá fugir tantos capitais.

Pois esse Dever Nacional foi minuciosamente estudado, tendo por base que não se agravaria o preço aos consumidores, e foi superiormente proposto pelos dois administradores da Sonap que corajosamente jogaram essa complexa e arriscada cartada. Pois o problema foi estudado pelo Conselho Económico da Província, pelo governador Gabriel Teixeira, pelo Ministro Raul Ventura, pelo Conselho Superior Ultramarino e pelo Presidente do Conselho Dr. Salazar. Todos lhe deram o seu parecer favorável e o empreendimento realizou-se em tempo record. Não é verdade, Dr. Castro Caldas, Dr. Alves da Silva?!

O empreendimento saiu certo e poupou para Moçambique centenas de milhares de contos de divisas. Então, todos cumpriram o seu dever perante o Bem Comum.

O Professor Doutor Antunes Varela, como Presidente do Conselho de Administração, representando a Sonap, falou a seguir. As suas primeiras palavras foram de sentida homenagem à memória do Dr. Augusto de Castro «personalidade notável no mundo das Letras, jornalista brilhante, figura marcante da vida portuguesa, no campo da política e da diplomacia». Quis,

dessa forma, o Prof. Doutor Antunes Varela corroborar as palavras do Presidente da Mesa que «reflectem os sentimentos que nos animam ao recordar a personalidade e a Obra de Augusto de Castro».

Dirigiu, depois, palavras de saudação, muito afectuosas, ao Eng. Homem de Mello, de quem fez o elogio.

Seguidamente, o Prof. Doutor Antunes Varela desejou «consignar uma palavra de admiração por Manuel Bulhosa, personalidade de eleição, verdadeiro pioneiro de uma autêntica política nacional de petróleos». E analisando a grande Obra por ele realizada «possivelmente sem paralelo no nosso meio», chamou a atenção para o facto de Manuel Bulhosa ao actuar no momento crucial em que o fez e em Moçambique, para ali quis «exportar a massa cinzenta, o trabalho, a vontade, o querer e a tenacidade que são apanágio de gente portuguesa».

Terminou com palavras de reconhecimento e admiração para com os seus colegas de Administração, Drs. Francisco Castro Caldas e Manuel Alves da Silva, e propôs um voto de louvor e reconhecimento a Manuel Bulhosa pela obra levada a cabo na tão portuguesa Moçambique.

Os Administradores Drs. Castro Caldas e Alves da Silva agradeceram as referências que lhes haviam sido feitas.

Discutido e aprovado o relatório e as contas, a Assembleia estava representada 90 por cento do capital - a Assembleia aprovou por unanimidade e aclamação o voto proposto de louvor e gratidão a Manuel Bulhosa.

Foi também ratificada a nomeação de um Administrador - a Sonap Marítima que ficará representada pelo Dr. Manuel

Alves da Silva, tendo sido, ainda, eleito Presidente da Mesa da Assembleia Geral o Eng.º Albano Homem de Mello, que sucede, assim, no cargo, ao Dr. Augusto de Castro.

ASSEMBLEIA GERAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE PETRÓLEOS DE MOÇAMBIQUE (SONAP-MOC)

Reuniu, também, a Assembleia Geral Ordinária, da Sociedade Nacional de Petróleos de Moçambique para, nos termos da Lei e dos Estatutos, discutir o relatório e contas do Conselho de Administração.

Aos trabalhos presidiu o Dr. Francisco Vieira Machado, tendo a secretariar a Mesa os accionistas D. Luís Maria da Câmara e Eng.º Luís Filipe Pinto Coelho.

No uso da palavra, o Presidente do Conselho de Administração, Professor Doutor Antunes Varela, em representação da Sonap, dirigiu uma saudação de muita simpatia ao Presidente da Mesa, associando-se às homenagens prestadas ao Dr. Vieira Machado, pela Banca e pelos seus numerosos amigos e admiradores a propósito da cessação, a seu pedido, das funções que, durante largos anos, exerceu no B.N.U., e recordando a sua acção governativa quando passou pelo Poder público.

O Dr. Vieira Machado agradeceu, sensibilizado, a homenagem de que estava a ser alvo, e a que se associou o Presidente do Conselho Fiscal, Dr. António Pinto Mesquita.

A Assembleia aprovou, por aclamação, um voto de louvor e agradecimento a Manuel Bulhosa, tendo, por proposta do Dr. Vieira Machado, sido enviado expressivo telegrama de saudação «às invulgaras qualidades

de inteligência e o muito saber de experiência feito daquele que conhece e domina, como poucos, os problemas do complexo negócio dos petróleos».

Por fim, os accionistas pre-

sentes aprovaram os documentos em discussão e louvaram o Conselho de Administração pela criteriosa gerência e também pelos resultados obtidos no exercício.



HENRIQUE PEDRO DA SILVA

MISSA DO 7.º DIA

Albertina Aurora Alves da Silva; Armando Henrique Alves da Silva, sua mulher Maria Cândida Tardio do Espírito Santo Alves da Silva; Joaquim Alberto Alves da Silva, sua mulher e filho; José Pedro Alves da Silva; Maria Teresa da Silva Rodrigues Salgado Miranda, seu marido e filhos; Rui da Silva Rodrigues Salgado, sua mulher e filhos e restante família, participam que amanhã, dia 18, as 17,30 horas, na Igreja de Santo Condestável, será celebrada Missa, pelo eterno descanso do seu muito saudoso marido, pai, sogro, avô, bisavô e parente.

Agradecem desde já a todas as pessoas, que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.



PROFESSOR DOUTOR CARLOS DAS NEVES TAVARES

FALECEU

Helois Alice da Silveira Neves Tavares, António Neves Tavares, mulher e filha, Gustavo Neves Cardoso Tavares e mulher, Maria Inácia Neves Tavares Dias de Brito, marido e filhos, Joaquim Neves Cardoso Tavares, mulher e filhos, Maria da Graça Neves Tavares Quintão, Maria José Toste Neves Tavares Bandeira, marido e filhos, Maria da Conceição Borges de Macedo, Mário Borges de Macedo, Victor Hugo Borges de Macedo e filhos, Jorge Borges de Macedo, mulher e filhos, Fernando Borges de Macedo, mulher e filhos (ausentes), Marcelino Borges de Macedo, mulher e filhos e Alice Alves de Macedo cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido filho, irmão, cunhado, tio e genro.

O funeral realizou-se hoje, as 11 horas, para jazigo de família, no Cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA BARATA



FERNANDO JOSÉ NUNCIO GOMES DE CARVALHO

MISSA DO 7.º DIA

Maria do Carmo da Silva Oliveira Nuncio Gomes de Carvalho, Rita Mendes Nuncio Gomes de Carvalho, José Gomes de Carvalho, irmãos, cunhados, sobrinhos e restante família, participam que amanhã dia 18, pelas 12,20 horas, na Igreja do Loreto (ao Camões), será rezada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todos os que se dignarem assistir a tão piedoso acto.

AGÊNCIA SALGADO
Rua da Rosa, Tel. 324257

LEIA
O
MOTOR



inauguração das novas instalações dia 18

GALERIA S. MAMEDE
R. Escola Politécnica 163-175

1o
ARTISTAS
DAGALERIA
S. MAMEDE

Firestone

DE NOVO À FRENTE!

Sensacional apresentação de dois novos pneus radiais:

WIDE OVAL RALLYE RADIAL
CAVALLINO WIDE OVAL

ESPIRAL

Agora, seis tipos diferentes de pneus radiais Firestone!
À medida de cada carro e ao gosto de cada automobilista.

Mais aderência.
Mais arranque. Mais curvas.
Mais segurança.
Mais força. Mais performance.
Mais velocidade. Mais duração.
Mais elegância.



WIDE OVAL RALLYE RADIAL

CAVALLINO WIDE OVAL

DL/DESPORTOS

FRANCISCO ROMÃOZINHO:

O "canudo" a espera

Romãozinho é, indiscutivelmente, um personagem em foco: depois de uma brilhante participação no «Rally de Monte Carlo», uma indistincta vitória no última Volta a Portugal, uma estreia auspiciosa na «Rally de Marrocos» (onde apenas uma avaria mecânica o impediu de chegar ao fim), ele surge no panorama automobilístico nacional como o melhor «rallye-man» português.

«Em dez anos de actividade, tenho já algumas vitórias que muito me honram: não poderei esquecer as «Voltas a Portugal» que já venci, como o «Rally Tap», este em condições bem particulares. Também já venci uma prova em Espanha, um «Rally de Inverno», e muitas outras. Talvez tenha sido por isso, que a Organização desta prova que vou disputar a Moçambique me atribuiu o número um. Apesar de ser honroso, é pormenor que não me favorece, pois dadas as características da prova (onde o percurso é secreto) preferia ser o segundo ou terceiro para ter quem me guiasse. No entanto, uma coisa é certa: logo à partida, irei parar no primeiro cruzamento ou entroncamento para esperar pelo número dois: não me quero perder na estrada logo nos primeiros quilómetros.»

Francisco Manuel Ruivo Ferreira Romãozinho, de seu nome completo, nasceu em Lisboa no dia 28 de Março de 1943. Depois de uma infância mais ou menos feliz (e todas as crianças têm momentos altos e baixos de felicidade), os estudos orientaram-no para uma carreira de arquitecto. Uma carreira que, embora quase terminada, aguarda uma pausa no entusiasmo do desporto automóvel, para a conquista do «canudo».

«Tudo correu normalmente até ao dia em que resolvi experimentar as minhas aptidões como volante: em 1962 inscrevi-me no «Rallye de S. Martinho», tendo ganho a 14.ª posição. No fim da prova, e num rápido exame de consciência, concluí que poderia ter feito melhor: e decidi participar no próximo «Rally», para então apurar tudo quanto poderia fazer na modalidade. Esta ideia foi-se arrastando, pois no final de cada prova concluía que po-

deria ter feito sempre melhor. A primeira vitória determinou a satisfação plena e quando quis pôr ponto final numa carreira de desportista, não tive coragem para parar: o «bicho» tinha-se instalado definitivamente dentro de mim, pelo que tinha apenas um caminho a seguir — continuar. E é assim que o quarto ano de arquitectura continua a estabelecer a fronteira dos meus estudos, esperando no entanto vir ainda a terminar um curso que me agrada sobremaneira.»

SO O AUTOMOBILISMO ENTUSIASMOU

«No liceu, durante o período escolar, pratiquei diversas modalidades: hóquei em patins, tennis, futebol, andebol e voleibol. No entanto, nenhuma delas me entusiasmou tanto como o automobilismo, embora seja considerada uma actividade desportiva bastante cara. E é realmente: ao princípio, quando praticada por puro amadorismo, quando a simples compra de um pneu se torna um problema. Depois, quando se demonstra possuir um mínimo de condições, vêm os apoios comerciais, podendo-se inclusive considerar a hipótese do profissionalismo: a partir de uns certos limites. Houve ainda outro pormenor que me fez esquecer um pouco o curso de arquitectura: foi convidado pela Citroën para desempenhar lugar de destaque na firma — relações públicas, «marketing» e publicidade. Não se trata de uma simples colaboração: é uma actividade que me ocupa o dia todo, embora me sejam dadas todas as facilidades para participar em provas automobilísticas.»

Assim tem acontecido, efectivamente, nos últimos tempos: as suas presenças nas provas mais importantes, como sendo os



Francisco Romãozinho e Waldegaard: dois campeões das estradas

«Rallyes Tap», «Voltas a Portugal», «Rallye de Monte Carlo» e há poucas semanas o «Rallye de Marrocos», servem estupidamente para o prestígio de uma marca. Mesmo participando na sua modalidade preferida, Romãozinho serve a marca que o escolheu para chefe das relações públicas, «marketing» e publicidade. E que melhor anúncio se pode fazer a um automóvel, do que actuar com brilhantismo nas mais difíceis provas do mundo automobilístico?

NÚMERO UM PARA MOÇAMBIQUE

Agora, para Moçambique Romãozinho é o número 1: um reconhecimento da sua verdadeira classe, conquistada à base de actuações brilhantes nas mais duras provas internacionais.

«Tenho de agradecer a atenção da organização, ao distinguir-me com a atribuição do primeiro número. No entanto, isso não me beneficia em nada: sem possibilidade de conhecer o trajecto, parto para Moçambique com a esperança de poder adivinhar alguns percursos e treiná-los. Em todas as provas há trechos obrigatórios e resolvi antecipar a viagem com um único objectivo: treinar nos «Arganis» lá do sítio. Mas, na prova propriamente dita, vou fazer aquilo que já lhe disse: esperar pelo número dois para não me

perder. No entanto, nas segunda e terceira etapas, as partidas serão dadas em função dos melhores classificados. E aí já não devo ser o primeiro a partir: mesmo que quisesse, certamente não o conseguiria. Mas vou tentar ser dos primeiros, ganhando a melhor posição possível para as ultrapassagens, a poeira ou a lama. Vou para este «rallye» com os olhos completamente fechados. Aliás como a maior parte dos concorrentes.»

Francisco Romãozinho, não obstante ir para Moçambique desconhecendo em absoluto as estradas que irá pisar, considera a orgânica desta prova como a ideal para os «Rallys»: nenhum concorrente pode treinar os percursos e todos partem nas mesmas condições. Há nomes bastante conhecidos a competirem com o nosso melhor «rallye-man»: volantes da África do Sul e da Rodésia, de Moçambique e de Angola. De todos Francisco Romãozinho apenas conhece bem um:

«Sim, conheço muitíssimo bem o Bandeira Vieira, que começou a sua carreira aqui na metrópole, sob o pseudónimo de «Camavi». Radicado no Ultramar, ele participa igualmente neste «Rallye», tido e considerado como um dos mais importantes do Continente Negro, desenhado à semelhança do TAP, do Monte Carlo e do Grã-Bretanha: partidas de diversas cidades como os dois primeiros, mas com percurso secreto como o último. Não sei como a coisa irá sair: só posso dizer que vou fazer todos os possíveis para conquistar uma boa posição, ignorando de todo a escala em que possa situar esta promessa. Comigo vai o José Arnaud, um dos melhores senão o melhor a dizer notas, que já me acompanhou no «Rallye de Marrocos», e onde nos entendemos às mil maravilhas. Agora, ele não irá ter oportunidade de me ditar muitas notas, mas também ele vai com a esperança de ser útil na conquista de uma boa classificação.»

HUNGRIA OU ROMÊNIA: TIRA-TEIMAS EM BELGRADO

Calcula-se que 50 mil jugoslavos assistirão hoje ao encontro Hungria-Roménia, em Belgrado, destinado a apurar a equipa que disputará as meias-finais da Taça das Nações, em futebol.

O encontro efectua-se no Estádio do Partisan.

Nos jogos dos quartos de final registaram-se os seguintes resultados: 1-1 em Budapeste e 2-2 em Burest.

O vencedor desta eliminação defronta a Rússia. As tu-

tras equipas apuradas são a Alemanha Ocidental e a Bélgica.

«Lutaremos para chegar às meias-finais», declarou o treinador da equipa Hungara, Rudolf Hlovski, no centro de treino da sua equipa, em Szeged, perto da fronteira com a Jugoslávia. E acrescentou:

A nossa equipa está a jogar cada vez melhor, e julgo que fará boa figura em Belgrado.

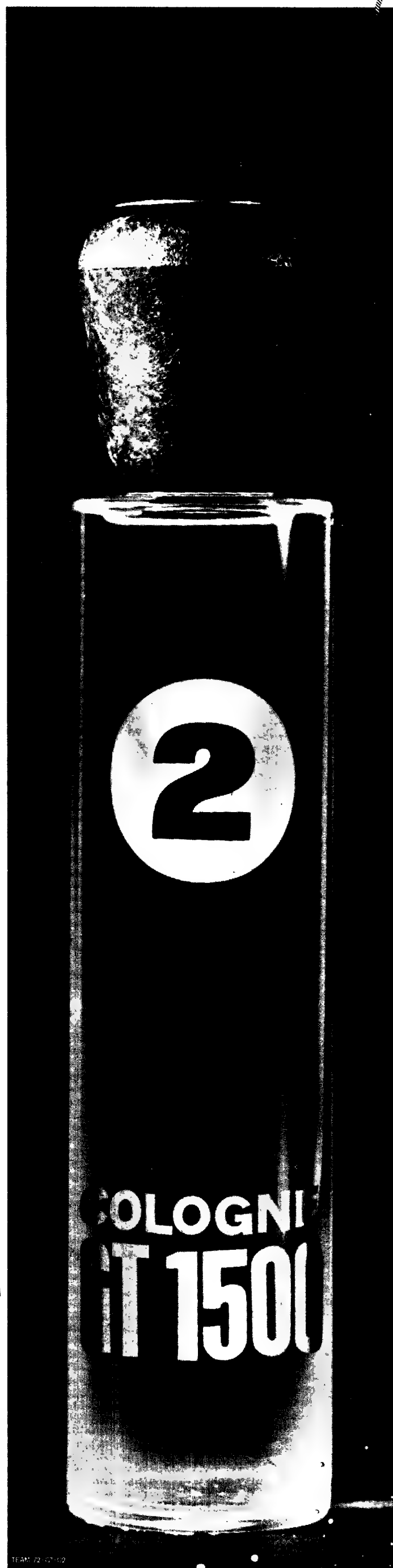
A equipa romena chegou a Belgrado na 2.ª feir., tendo trei-

nado diversas vezes no mesmo estádio onde se realiza o encontro.

Nicolescu, treinador romeno, anunciou que a provável formação da sua equipa será: Raducanu; Satmareanu, Lupescu, Deleanu e Dumitru; Dinu, Lupescu e Dobrin; Neagu, Domide e Dombrovski.

A formação provável da selecção hungara será: Geczi, Fabian, Juhasz, Juhasz e Pancsics; Szuecs, Kocsis e Fazekas; Branikovits, Bene e Zambó.

ORI ANDO DIAS AGUDO



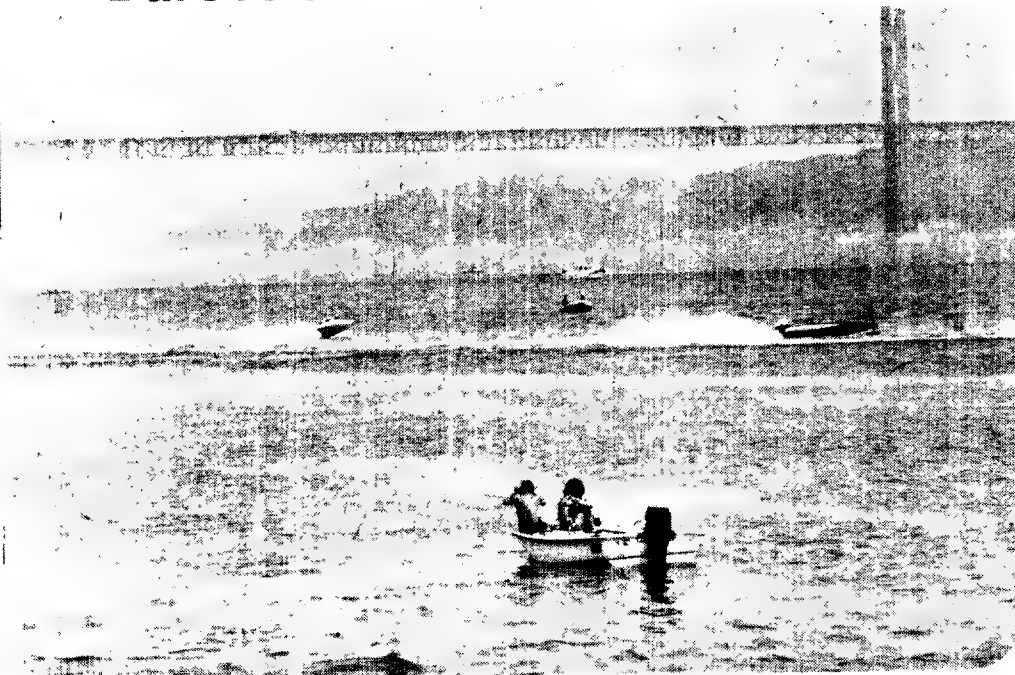
a mudança
certa
no momento
exacto.

COLOGNI
IT 1500

...after a bath
...flower or after shaving
...fragrance any

DL/DESPORTOS

Barcos ao rio no fim-de-semana



Motores no Tejo em cenário de beleza

Trinta e tal estrangeiros e a quase totalidade dos motonautas portugueses aprestam-se para passar o fim-de-semana no Rio Tejo, competindo em duas importantes corridas (frente ao Mercado da Primavera), organizadas pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo e transmitidas directamente pela Televisão.

As provas denominam-se «IV Grande Prémio Mercado da Primavera» e «Taça Cidade de Lisboa-1972». De entre os concorrentes, e quanto é possível saber-se após as primeiras confirmações, contam-se os italianos Calcaterra (vencedor do Grande Prémio Mercado da Primavera-1971, na classe «01»), Vassena (vencedor na classe SE das últimas edições das «6 Horas de Paris» e «24 horas de Ruão» e actual campeão de Itália), o francês Escudé (campeão do seu país em 69, 70 e 71 e campeão da Europa em 1970), o campeão inglês da classe «ON», Percival, além dos me-

lhores praticantes belgas, espanhóis e sul-africanos.

A dispendiosa organização enquadra-se no âmbito da realização anual do Mercado da Primavera, e é subsidiada directamente pela SEIT, colaborando ainda a Câmara Municipal de Lisboa e a Federação Portuguesa de Motonáutica, supervisora técnica das corridas.

Os treinos oficiais realizar-se-ão no sábado e no domingo entre as 11 e as 12 horas. Os horários das corridas: **Sábado** («Taça Cidade de Lisboa»): 1.º período às 15 e 30; 2.º período às 16 e 30; **Domingo** («IV Grande Prémio Mercado da Primavera»): 1.º período às 15 e 30; 2.º período pelas 17 e 30.

Há presenças já garantidas. Do lado português: Sousa Pinto, Mário Gonzaga Ribeiro, Manuel Alves Barbosa, Conceição Ramada, José Ferro, Cotta Dias, António Antolin, Conceição Raposo, F. Azevedo Moreira, António Feu, L. Nobre

da Veiga, Amílcar Moreira, J. M. d'Ávila, eng. Aurélio Castelo Branco, Manuel João Raposo, José Joaquim Raposo, Manuel Maria Martinho e Alfredo Baptista Rodrigues.

Entre os concorrentes estrangeiros que já enviaram as suas inscrições, contam-se os italianos Giuseppe Calcaterra, Angelo Vassena, e dra. Gabriella Corti.

A representação da França está confiada a Michel Escudé, Sylvio Rosada, Jacques Delpeuch, Jean Claude Giraud, Jacques Blin e Daniel Castéran.

Da Inglaterra chegou já a inscrição de Thomas Porcival. A Bélgica envia-nos André Dierckx. A Espanha terá, igualmente, como é tradição, numerosos representantes. Já confirmaram as suas inscrições Miguel Perez Zaragoza, Jaime Perez Lopez, António Fuentes, Ramon Casal Niño e Enrique Garcia. Mais: os sul-africanos Pat Farrell e Roentgen, vão competir, pela primeira vez na Europa.

QUER ATIRAR AOS PRATOS? Vá, no domingo, a Talaide, onde se organiza um torneio de quebra-louça. Fará o gosto ao dedo e pode ganhar bons prémios. A festa começa às 10.

PADRE NA PRESIDÊNCIA

Foram empossados os novos dirigentes do Boa Hora Futebol Clube. Além do padre Francisco Rodrigues, como vice da direcção, a colectividade passa a contar com os seguintes «timeiros»: Fernando Pereira (assembleia geral), Francisco Mateus (conselho fiscal) e Vicente Manilha (direcção). E não, boa sorte. Há-de fazer falta.

VAI ACABAR A ALEGRIA

A partir da época de 1974, só os indivíduos que possuem o «diploma de treinador» poderão tomar assento no «banco» durante a realização de jogos de hóquei em patins.

Tendo em conta essa determinação, a Federação de Patinagem vai organizar cursos de treinadores em Lisboa, Porto, Aveiro, Braga e Tomar.

QUASE NOS OITENTA

Festejou o 79.º aniversário a Associação Naval de Maio, da Figueira da Foz, orgulhosa da sua incansável actividade em prol do Desporto. Parabéns e toca a pensar no centenário.

MENINOS APRENDEM AN-

DEBOL Sábado (Escola Ferreira Borges) e domingo (rincos de Alges e Oeiras, Liceu de Cascais, pavilhões da Ajuda e D. António Costa) servirá para infantis e iniciados fazerem os seus joguinhos. Meninas desfilam, também a jogar andebol, no sábado (Escola Ferreira Borges e Ginásio do Liceu de Sintra) e domingo (Pavilhões de Cascais e D. António da Costa).



“HERR”
MAIER

«Parada» espectacular de Sepp Maier, guarda-redes do Bayern de Munique e da selecção da Alemanha. Ele foi um dos homens que fêz bu-quear a Inglaterra: e contribui para os germânicos galgarem mais um passo na «Taça das Nações Europeias».

PELÉ E EVERALDO TROCAM NA SELECÇÃO BRASILEIRA COM OSMAR E WASHINGTON

A Comissão Técnica de Futebol da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) revelou os nomes dos jogadores que formarão a equipa brasileira para a Taça da Independência («Minitaça do Mundo»).

Dos jogadores que integram a equipa que conquistou o campeonato mundial no México, em 1970, só não figuram na lista divulgada Pelé e o defesa lateral Everaldo Marques da Silva.

São os seguintes os jogadores pré-seleccionados:

Guarda-redes: Félix (Fluminense) e Leão (Palmeiras). Defesas laterais direitos: Zé Maria (Corinthians) e Carlos Alberto (Santos).

Defesas centrais: Brito (Botafogo) Márinho (Portuguesa), Vantuir (Atlético Mineiro) e Osmar (Botafogo).

Laterais esquerdos: Marco António (Fluminense) e Rodrigues Neto (Flamengo).

Meio campo: Piazza (Cruzeiro), Clodoaldo (Santos), Dir-

ceu Lopes (Cruzeiro) e Gerson (Fluminense).

Extremos direitos: Jairzinho (Botafogo) e Rogério (Flamengo).

Avançados centros: Tostão (Vasco da Gama), Dário (Atlético Mineiro), Washington (Guarani) e Leivinha (Palmeiras).

Extremos esquerdos: Rivelino (Corinthians) e Paulo César (Flamengo).

O torneio será inaugurado a 11 de Junho, dia em que se efectuam os jogos da primeira jornada da fase preliminar. O Brasil só começa a participar em 28 de Junho, contra a Checoslováquia, nas meias-finais.

Antes do seu primeiro encontro a selecção brasileira fará três jogos de preparação - um contra a selecção de amadores e outros dois contra equipas estrangeiras ainda não designadas.

Para a selecção de amadores que representa o país no torneio olímpico de futebol, em Munique, a CBD convocou 25

jogadores, entre os quais o defesa central Osmar (do Botafogo) e o avançado-centro Washington (do Guarani) que figuram na lista da turma para a «Minitaça» - a primeira vez na história do futebol brasileiro que jogadores amadores são chamados para a selecção profissional.

O Brasil classificou-se para os Jogos Olímpicos ao ganhar sem derrotas o torneio sul-americano disputado em Bogotá (Colômbia) em Novembro passado.

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?

ESTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ

ORCOSI

Tel. 367444/323172

Rua 1.ª de Dezembro, 45

AGENCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade 160

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por União Desportiva e Recreativa Samsbrazense. Largo de S. Sebastião, 12-16 - S. BRÁS DE ALPORTEL

DL/DESPORTOS



Académico do Porto



Clube Internacional de Futebol



Sporting Clube de Portugal

AS MENINAS DO BASQUETE

As melhores basquetebolistas portuguesas jogaram para o campeonato: São João da Madeira assistiu ao triunfo da turma da Académica de Coimbra, que (como referenciámos ontem, detalhadamente) venceu com grande vontade o cotejo com o Académico do Porto, Internacional e Sporting, que se classificaram por esta ordem. Surpreendente a quebra das representantes sulistas, que nunca conseguiram afrontar o melhor padrão tático e maior sapiência técnica das formações de Coimbra e do Porto.

Para a história da competição, eis a guarda-de-honra das campeãs: o Académico (com a «gigante» Hedy, fabulosa encestadora), o Internacional (a quem o poder de lançamento de Ana Aguiar, Maria Emília e Filomena não che-

gou para encaminhar até à revalidação do título que ostentava) e o Sporting (onde Maria da Luz é o caso esporádico de produtividade). De qualquer modo, estas 35 raparigas saltaram da vulgaridade.

BRUNDAGE TEM MEDO DA TELEVISÃO

«Não gosto mesmo nada da intrusão da televisão, mas ela cá está.» Assim se lamenta o presidente do Comité Olímpi-

num grande património. Receio que isto dê sarilho.» São realmente de peso as apreensões de Brundage:

O C.O.I. deve receber entre 25 a 35 milhões de dólares, pelos direitos de transmissão dos Jogos de Munique. Mais

afirma o dono das Olimpíadas: «a minha impopularidade subiu. Na altura dos Jogos, no Verão, talvez tenha estabeleci-

do alguns máximos.» Muito francamente, diremos que não vamos ficar surpreendidos.

ÁRBITRO DE SAIAS VEM A LISBOA

Segundo informação do Rio de Janeiro, a Federação Portuguesa de Futebol convidou a única mulher do Brasil com diploma oficial de árbitro de futebol, para actuar em Lisboa. Chama-se Lea Campos e, de momento, ninguém sabe onde está. Aqui, a dificuldade. Os jornais e as estações de rádio brasileiras bem divulgam o convite. Mas Lea não aparece. Sabe-se apenas que deve andar algures, no interior do país (aliás bastante grande).

PARTICULAR

Uma da madrugada. Local: «Toni dos Bifes». Glen, o americano que joga basquete pelo Benfica, a declarar:

Para o ano que vem já não me apanham lá. Vou montar um supermercado e dizer adeus ao basquete.

VOLEIBOL E SUA TÉCNICA

O voleibol é um dos desportos mais completos (e, aquele que, por excelência merece uma especial atenção dos mentores da iniciativa desportiva além-fronteiras, a tal ponto que é praticado, sem distinção de sexos e idades (mormente a partir dos 8 anos) nas praias, escolas, parques e aglomerados habitacionais. Ao mesmo tempo, trata-se de uma das modalidades de mais difícil aprendizagem, pelo apuro técnico que requer.

Uma das facetas curiosas deste jogo (ao contrário do que acontece por exemplo, no basquetebol, andebol, rúgbi e futebol) é a técnica de repeli ou bater a bola sem a agarrar e, nesse pormenor, não se pode cometer qualquer falta técnica. O que implica a necessidade do jogador ser obrigado a executar os diferentes «passos» da técnica do jogo e de se entregar a um treino metódico e racional, visando o seu aperfeiçoamento e a manutenção duma forma que lhe permita actuar sem violar as leis do jogo.

E, uma modalidade difícil de ensinar que exige do mestre uma aplicação constante ao seu trabalho para poder executar: porquanto as camadas mais jovens com todo o seu poder de assimilação, «copiam» os gestos do seu treinador e executam mal, por vezes, devido a ensino deficiente.

É um desporto de pouco fácil aprendizagem, por virtude da sua técnica preciosa: a exigir do praticante dedicação total ao trabalho, quer inultrapassável força de ânimo enorme para não se deixar naufragar em momentos menos bons e, sobretudo, um estudo minucioso dos gestos técnicos.

E o voleibol, não obstante funções específicas deste ou daquele jogador (jogo de notório colectivismo: onde sempre tem de imperar um superior espírito de equipa, de amizade, de camaradagem, de auto-análise e auto-crítica, já que todos os componentes da equipa têm de passar obrigatoriamente, pelas mesmas posições.

Atendendo às fases do próprio jogo o participante tem de estar preparado para grandes esforços (e a iniciação na modalidade pode, neste aspec-

to, desempenhar papel importante) pois o voleibol moderno exige indivíduos fisicamente preparados para elevado desgaste.

Hoje, em dia, o voleibol quase exige «gigantes» (o apuro da técnica do remate e do bloco no-lo demonstram) e, a propósito do índice físico dos jogadores deve referir-se que:

1 - Um encontro de voleibol a melhor de 5 «sets», pode durar 2 e meio a 3 horas;

2 - Um jogador com 80 kgs, de peso perde, em média, 2 e meio a 3 kgs, por jogo;

3 - Uma bola rematada em

sem apresentados com objectividade e franqueza?

O treinador não pretende imiscuir-se na vida alheia, mas antes tirar dos seus pupilos o rendimento que sabe estar ao seu alcance, mas que é limitado por questões privadas que o jogador guarda em si.

Não restam dúvidas que o capítulo da higiene e alimentação tem influência no praticante desportivo, especialmente na criança, na medida em que um corpo são exige uma alimentação sadia que (e é curioso o contraste) tanto os menos abastados como os mais



Por FERNANDO MONTEIRO

força atinge, por vezes a velocidade de 49 m, por segundo, ou seja 76 km. por hora;

4 - Um jogador efectua, num encontro de média durabilidade, cerca de 300 saltos na vertical e 40 remates.

Daí a necessidade premente do jogador ter de estar fisicamente apto para tal dispêndio de energias. Sem dúvida (também) que a parte psicológica tem uma contribuição elevada na actuação do jogador, já que se tem de lhe dar, neste campo, a melhor orientação, não podendo «divorciá-lo» do seu ambiente/ escola ou clube, do seu ambiente familiar - educação, higiene e alimentação - companhias na sua vida privada, tempos de estudo, reflexão e recreio ou ócio, equilíbrio sexual, etc. etc. Deve existir disciplina e respeito mútuo. O jogador deve ser honesto ao apresentar os seus problemas ao treinador; e não especular com esses mesmos problemas. Quantas vezes um treino é menos bom ou um jogo redundante num fracasso por virtude do jogador ter problemas, mesmo familiares, de que não consegue libertar-se no tempo de trabalho desportivo? Quantas soluções não poderiam ser encontradas se os casos fos-

favorecidos pela sorte nem sempre podem proporcionar. Uns por carência de meios, outros por hábitos adquiridos, que motivam a ingestão de guloseimas, prejudiciais à saúde física.

Um corpo são exige (igualmente) uma higiene perfeita e cuidada, ao que muitas das crianças se esquivam por deformação educacional familiar, podendo a tal propósito referir-se que após sessões de trabalho físico muitos dos alunos não tomam o seu duche por não se quererem despistar à frente dos outros colegas. E outros até actuam com a roupa interior vestida...

Sabemos que assim é, por experiência própria, e todo o trabalho de mentalização que se pode fazer é largamente anulado pelo ambiente familiar que rodeia a criança. E, em face das atitudes do professor, gera-se o antagonismo por parte da família, o que conduz a um trabalho desportivo de total negatividade. E fim...

E o voleibol um desporto completo? Sim, é. Exige membros inferiores de notável resistência. Obriga os membros superiores a um trabalho exaustivo de posição e movimento. Os órgãos visuais têm um trabalho constante. Os reflexos têm de ser apuradíssimos. Deve possuir-se uma maleabilidade de tronco notória e músculos abdominais aptos a corresponder aos esforços mais violentos.

Um pormenor há que a muitos escapa e parece ridículo: O do equipamento. Não pretendemos dizer que o atleta deve apresentar-se «bonito», mas a vontade no equipamento que usa. Se os sapatos estiverem apertados, as meias maguarem, a camisola estiver justa ou os calções a comprimir demasiado a cintura, e se não usar uma protecção para o baixo ventre é óbvio que o rendimento do atleta diminui. Pormenor a considerar, se bem que a muitos pareça de somenos.

FUTEBOL EM ALVOROÇO

Mais uma ronda da Taça Tejo (futebol reservista). Ao fim da tarde (18 horas) teremos a disputa Atlético-Benfica na Tapadinha. Pelas 21 e 30 será a vez do Sporting-Vitória de Setúbal, em Alvalade.

Camilo, médio do Recreativo da Caála e da selecção angolana vem para o Sporting.

Depois de telegramas de protesto, foi a vez do futebol Clube do Porto remeter à Comissão Central de Árbitros uma exposição contra Ernesto Borrego, de Viseu.

O cufista Manuel Rodrigues foi operado ao músculo de uma perna.

Monteiro da Costa deixou hoje a direcção técnica do Salgueiros. O «capitão» Gabriel passa a desempenhar essas funções.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Jorge, «Café Progresso» - SARDOAL

Vitória de Setúbal, inconformado com os graves incidentes ocorridos após o jogo das Antas, pede rigoroso inquérito federativo, nomeadamente em face da agressão de Rodolfo ao vice-presidente sadino Francisco Nascimento e as pedradas que atingiram o autocarro do clube e feriram na cabeça o internacional José Mendes.

Também o Barreirense não se cala: os «casos» ocorridos na Tapadinha estão na origem de um protesto enviado à Federação.

RESTAURANTE E SNACK BAR

VELEIRO

PRAIA DE CARCAVELOS
REABRIU COM NOVA GERÊNCIA

Bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Elec	Compra	Venda
Cons. 2 3/4	435\$	435\$	-
Cons. 3 1/2	452\$	452\$	-
Cons. 3 1/2	557\$	557\$	-
Centenários	1.287\$	1.287\$	-
Tes. 5 1/2 57	1.000\$	1.000\$	-
Tes. 5 1/2 59	-	-	-
Extern. 1.ª s.	-	610\$	-
Extern. 1.ª c.	-	610\$	-
Extern. 3.ª s.	-	800\$	840\$
Extern. 3.ª c.	-	830\$	-
Caut. 3.ª s.	-	170\$	-

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx. 6 1/2	-	-	-
C. M. L. 5 3/4	985\$	985\$	990\$
C. P. 5.5 1/2	-	-	-
C. P. 5.5 1/2	930\$	930\$	-
C. P. 5.5 1/2	-	900\$	-
C. P. 5.5 1/2	-	-	935\$
Corr. 5 3/4 1/2	935\$	-	-
Met. 5 3/4 1/2	-	910\$	-
Tur. 5 3/4 1/2	-	1.010\$	-
C. P. 6 3/4	1.010\$	-	1.012\$

ELÉCTRICAS

G. 5 1/2	-	-	-
G. 5 1/2	-	-	850\$
G. 5 1/2	-	-	-
G. 5 1/2	-	967\$	-
G. 5 1/2	-	967\$	-
G. 5 1/2	-	967\$	-
G. 5 1/2	-	965\$	-
G. 6 1/2	950\$	-	-
G. 6 1/2	-	-	940\$
G. 7 1/2	-	1.006\$	1.008\$
H. E. C. 5 1/2	-	-	800\$
H. E. C. 6 1/2	-	930\$	940\$
H. E. D. 6 1/2	-	-	795\$
H. E. D. 6 1/2	-	-	970\$
H. E. N. P. 5 1/2	-	-	820\$
H. E. S. E. 5 1/2	-	930\$	-
H. E. S. E. 6 1/2	-	950\$	-
H. E. Z. 5 1/2	-	-	850\$
H. E. Z. 6 1/2	-	-	965\$
N. E. C. 5 1/2	-	-	780\$
N. E. C. 6 1/2	-	-	960\$
Termoel. 5 1/2	-	-	-
U. E. P. 5 1/2	-	-	735\$
U. E. P. 5 1/2	-	-	-
U. E. P. 6 1/2	-	-	975\$

DIVERSAS

A. P. T. 5 1/2	-	-	870\$
A. P. T. 5 1/2	-	-	870\$
Lisnave 6 1/2	-	-	-
Nitratos 60	-	-	-
Pel. 2.ª e 3.ª	-	-	-
Sacor 7 1/2	1.004\$	1.004\$	1.005\$
Sacor 5 1/2	-	-	930\$
Sacor 5 1/2	-	-	850\$
Sid. 5 1/2	-	-	790\$
Sid. 5 1/2	-	-	-
Sid. 5 1/2	-	-	-
Socel. 5 1/2	-	-	-
U. Fabril 67	935\$	935\$	-
U. Fabril 68	935\$	930\$	935\$

ULTRAMARINAS

Carbonif. 5 1/2	-	-	-
Rev. 5 1/2 57	-	-	-
Rev. 5 1/2 59/60	-	-	-
Moçamb. 5 1/2	-	-	500\$
Sonete 5 1/2	-	-	810\$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	3.200\$	3.170\$	3.200\$
Alentejo	1.420\$	1.410\$	1.425\$
Angola	3.540\$	3.540\$	3.550\$
Cred. Predial	6.330\$	6.330\$	6.350\$
Esp. Santo	9.340\$	9.340\$	9.360\$
Fomento	4.700\$	4.670\$	4.700\$
F. & Burnay	-	-	-
N. Ultr. m.	5.650\$	5.640\$	5.680\$
N. Ultr. c.	6.180\$	6.180\$	-
Portugal n.	-	4.650\$	4.800\$
Portugal p.	5.900\$	5.800\$	5.900\$
P. Atlântico	11.400\$	11.300\$	11.400\$
Totta & Açores	6.070\$	6.070\$	6.090\$
Algarve	-	2.050\$	2.100\$
Borges & Irmão	8.150\$	8.130\$	8.150\$

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dax. 65=100)

	10-5-72	16-5-72	17-5-72
GERAL	189,5	190,9	190,1
METROPOL	191,4	193,1	192,3
ULTRAM	175,7	175,1	174,3

De Seguros

Alentejo	152\$	151\$	152\$
Bonança	-	15.000\$	-
Império	-	-	21.000\$
Mundial	1.370\$	1.365\$	1.370\$
Soberana	1.800\$	1.780\$	1.850\$
Tranquilidade	-	-	-

Eléctricas

C. P. E. p.	1.119\$	1.119\$	1.1120\$
C. P. E. n.	1.115\$	1.115\$	1.116\$
E. Beiras	-	1.730\$	1.800\$
G. Elec. c.	344\$5	344\$	344\$5
H. E. A. A.	170\$	165\$	170\$
H. E. N. P.	-	-	-
H. E. S. E.	-	1.860\$	1.950\$
U. E. P.	190\$	190\$	192\$

Ultramarinas

Ag. Casseque	1.065\$	1.060\$	1.065\$
Ag. Incomat	-	-	2.650\$
Ag. S. T. e P.	-	-	2650\$
Ag. Angola	-	-	990\$
Alg. Angola	-	-	225\$
Ang. Agric.	-	630\$	-
Boror	-	-	-
Boror Com.	-	-	-
Buzi	87\$	87\$	87\$5
Cabinda	142\$	142\$	-
Com. Lobito	-	820\$	860\$
D. A. T. 100	-	1.900\$	2.000\$
H. E. Revut	-	-	590\$
I. do Princ.	-	450\$	-
Moçambique	-	-	-
Sonete n.	-	370\$	380\$
Sonete p.	-	370\$	390\$
Zambézia	63\$	64\$	67\$

Diversas

Ag. Lx. anl.	-	410\$	-
Ag. Lx. 34	-	430\$	445\$
Ag. Lx. 36	410\$	405\$	-
Cel. Guadiana	-	5.200\$	5.500\$
C. Leiria p.	-	6.000\$	6.250\$
C. Tejo p.	-	-	14.400\$
F. Ramada	-	-	-
Fornos Eléct.	137\$5	137\$	138\$
P. Celulose	3.930\$	3.920\$	3.950\$
Siderurgia p.	4.500\$	4.400\$	4.500\$
Siderurgia n.	2.960\$	2.950\$	2.960\$
Socel	3.760\$	3.750\$	3.760\$
Cidra	6.860\$	6.850\$	6.900\$
C. U. F.	3.010\$	3.010\$	3.020\$
Intar	-	520\$	540\$
Nitratos	-	1.000\$	1.100\$
Petroquímica	-	1.050\$	1.090\$
Sacor	3.010\$	3.00\$	3.020\$
Tab. Portugal	-	1.850\$	2.000\$
Tabaqueira	-	7.300\$	7.450\$
U. F. Azoto	800\$	800\$81\$	-
Empor	-	-	-
Ind. Alcança	-	-	-
I. P. Colón	-	990\$	1.000\$
Nac. Naveg.	7.350\$	7.350\$	7.400\$
Naveg. (Col.)	3.210\$	2.310\$	3.250\$
P. Pesca	-	-	-
Matul	1.020\$	1.020\$	1.030\$
R. Marconi	11.990\$	1.990\$	2.000\$
TAP	1.245\$	1.245\$	1.250\$
Compal	-	-	-
Salvor	-	-	1.500\$
Penina	-	1.000\$	1.250\$
Grão-Pará	-	900\$	1.000\$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	-	230\$6	237\$5
F. I. D. E. S.	-	-	-

COTAÇÕES

PAISES

	COMPRA	VENDA
Africa do Sul - Rands.	31\$50	34\$00
Alemanha - Marco	8\$35	8\$65
América	-	-
Dollars de 1 a 2	26\$20	26\$90
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 1000	26\$60	27\$40
Argentina - Peso Novo	18\$0	28\$0
Austria - Schilling	15\$7	15\$2
Bélgica - Franco	\$60	\$63
Brasil - Cruzeiro	3570	4570
Canadá - Dólar	26\$70	27\$50
Dinamarca - Coroa	357\$	450\$
Espanha - Peseta	\$41	\$43
França - Franco	583\$	585\$
Holanda - Florim	82\$5	85\$5
Inglaterra - Libra	70\$00	72\$00
Itália - Lira	\$04,45	\$04,75
Marrocos - Dirhan	\$500	\$550
Noruega - Coroa	\$54\$5	\$57\$5
Suécia - Coroa	6\$93	7\$18
Suíça - Franco	3\$95	4\$25

Ouro

Inglaterra - Libra Isabel	370\$00	390\$00
Inglaterra - 1/2 Libra	315\$00	335\$00
Ouro fino Barra	47\$00	49\$00

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praca D. João da Câmara 18 Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 - Telef. 30309

televisão

HOJE

1º Programa (22.00)

«OS PRIMEIROS CHURCHILLS»

O episódio desta noite intitula-se «Rebelião» e será interpretado pelos artistas, John Neville, Susan Hampshire, Margaret Tyacke e James Villers, numa realização de David Giles.

2º Programa (22.00)

MUSEU DO CINEMA

Os filmes clássicos do cinema mudo.



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1º Programa

12.45 Abertura. Desenhos animados.
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série «Mrs. Muir e o Fantasma»
13.45 Teletexto 1.ª edição.
14.00 Portugal no mundo
14.15 Logo à noite

2º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil
19.30 Teletexto 2.ª edição
19.45 Vámos jogar no Totobola
20.00 Motores em marcha
20.30 Silêncio... vamos rir
21.00 Inquérito
21.30 Teletexto 3.ª edição
22.00 «Os Primeiros Churchills»
22.45 EUROVISÃO Espectáculo Hípico integrado na visita da Rainha de Inglaterra à Paris
23.30 Teletexto últimas notícias
23.45 Meditação e fecho.

2º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 ABC
21.00 Série filmada «Mrs. Muir e o Fantasma»
21.30 Teletexto 3.ª edição
22.00 Museu do cinema
23.30 Fecho

AMANHÃ

1º Programa

12.45 Abertura e Desenhos animados
13.00 Vária
13.15 Aquelas santas
13.45 Teletexto 1.ª edição
14.00 Mini decoração
14.15 Logo à noite

2º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 O circo Kiri
19.30 Teletexto 2.ª edição
19.45 TV Juvenil
20.15 Sangue na estrada
20.30 Há só uma terra
21.00 Imagens da poesia europeia
21.30 Teletexto 3.ª edição
22.00 Noite de teatro
22.45 Recital de piano.
23.35 Teletexto últimas notícias
23.45 Meditação e Fecho

2º Programa

20.30 Abertura e Desenhos animados
20.45 Mini decoração
21.00 Aquelas santas
21.30 Teletexto 3.ª edição
22.00 Hong Kong
23.50 Documentário
23.25 Fecho



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C. V. P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Jose	86 0131	C. R. G. E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P. S. P.	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco amoderado predominando de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	11º
P. NHAS DOUR.	1º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	9º
LISBOA	14º
FARO	17º
FUNCHAL	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Tavira

Máxima 22º

Penhas da Saúde

Mínima 3,5º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,4º

Atmosfera 13,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
7.18 3,6 m	0.29 0,9 m
19.35 3,8 m	12.41 1,2 m

Dia 18

8.13 3,4 m	1.28 1,1 m
20.31 3,6 m	13.39 1,5

Dia 19

9.13 3,2 m	2.35 1,3 m
21.32 3,4 m	14.47 1,6 m

PREVISÃO GERAL

ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado podendo aumentar de nubiosidade durante a tarde nas regiões do interior onde há possibilidade de aguaceiros; vento moderado de Norte.

AMANHÃ

Nascer às 6.22
Ocaso às 20.45



rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Música portuguesa (cont)
16.30 Convívio - programa da juventude
18.05 Ao encontro da melodia
18.30 Meridiano, programa do Circulo de Estudos Ultramarinos.
19.10 O mundo em música
20.00 Diário sonoro
20.20 Interlúdio
20.30 31.º episódio do folhetim «O COLAR DA RAINHA»
20.50 O acordeonista José António
21.00 Momento 72
21.20 Rítmos em contraste
21.35 Programa pela orquestra ligeira portuguesa da Emissora Nacional
21.55 O homem e a natureza, pelo Dr. Almeida Fernandes e Gil Montalverne
22.15 Programa pelo grupo coral «Os ceifeiros de Cuba»
22.35 A vida e a mulher
23.05 De um dia para outro, por Fernando Correia
00.40 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

Programa estereofónico - MF 2

20.30 Música ligeira variada
22.00 As Estações (oratória), de Haydn
00.25 Sonata em sol menor, op. 65, de Chopin
01.00 Fecho

Teatro

LISBOA

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (Tel. 630944)

ALCANTARA
Bairro, Rua Prior do Crato, 25 (Tel. 661321)

ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (Tel. 711780); S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A (Tel. 725140); Roma, Av. de Roma, 85-B (Tel. 772466)

AMOREIRAS
Britânica, Tv. da Légua da Póvoa, 5-B (Tel. 689250)

ANJOS
Confiança, Av. Alm. Reis, 46 (Tel. 821653); Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104A (Tel. 831504)

AREIRO
Garantia, Av. Padre Manuel da Nobrega, 5-A (Tel. 727300); Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Tel. 726860)

AVENIDAS NOVAS
Vale, Av. Marquês de Tomar, 47 (Tel. 773043); Dava, Av. Duque de Avila, 125 (Tel. 45225)

BAIRRO ALTO
Barreto, Rua do Loreto, 30 (Tel. 327284)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, P. do Norte, 11 (Tel. 311216)

BAIRRO DA LIBerdade
Salutar, Rua B. 75-A (Tel. 683694)

BAIXA
Teixeira Lopes, Rua Aurea, 154 (Tel. 324816); Oliveira, Rua da Prata (Tel. 321415)

BENFICA
Alegria, Est. de Benfica, 180-A (Tel. 781511); Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à Rua da Casquinha), 28-A (Tel. 708242); União, Est. de Benfica, 592/4 (Tel. 700092)

CAMINHO DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90 (Tel. 847019)

CAMPO DE OURIQUE
Lobel, Rua Infante D. 98-B (Tel. 688807); União, Rua Sarajiva de Carvalho, 145-F (Tel. 663643)

CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Tel. 682610)

CASTELO
Ziler, Rua de S. Tomé, 54 (Tel. 862835)

CHELAS
Banha, Est. de Chelas, 173 (Tel. 382241)

CHILE
Veral, Rua Moraes Soares, 109 (Tel. 821732)

ENTRECAMPOS
Alcantara, Av. da Republica, 74-A (Tel. 771379)

ESTEFÂNIA
Mundial, L. D. Estefânia, 10 (Tel. 45578)

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (Tel. 688971)

LAPA
Paiva da Costa, Rua da Lapa, 105 (Tel. 664414)

LUMIAR
Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 75 (Tel. 790480); Douro, Alm. das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 791131)

OLIVAIS

Oliva, Rua Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimen- to Costa, 16-A (Tels. 728395-720703)

PICOAS
Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (Tel. 553468)

POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zólimo Pedro- so, 11 (Tel. 381138)

REGO
Baptista, Rua Francisco To- más da Costa, 3-C (Tel. 771873)

SANTA APOLÓNIO
(Ver Caminhos-de-Ferro)

SANTA MARTA
Fernandes, Rua de S. José, 187 (Tel. 326476)

SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luis de Camões, 42-B (Tel. 638625); Biotfar, Rua D. João de Castro, 27-B (Tel. 638824)

S. BENTO
Castro, Rua de S. Bento, 199-A (Tel. 680513)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, L. de S. Sebas- tião da Pedreira, 1 (Tel. 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida N.º, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribe- ro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pin- to, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)

PAREDE
Macau, R. José Elias Gar- cia, 60-C (Tel. 247185)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Tel. 261186)

ESTORIL
Marques dos Santos, R. Fer- reira J. A., 15 (Tel. 260116)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078); A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); Helenica, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (Tel. 938703)

DAMAIA
Lemos, R. Goa, 21-A (Tel. 971121)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missio- nários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS

Quimã, Est. de Mem Mar- tins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA
Marrazes, L. Rainha D Amélia, 20 (Tel. 980155)

COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA
Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31-A (Tel. 273498)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Soares, Av. da Republica, 1 (Tel. 2273023)

VOVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Bar- rocas, 50-A (Tel. 2760182)

MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETUBAL
Marques, R. Arronches Jun- queiro (Tel. 22783); Bon- fim, Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 24558)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

PORTO

SUB-TURNO A
Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73; Contumil, Rua de Contumil, 540; Guerra, Rua Costa Ca- bral, 43; Guimarães, Rua de Francos, 37; Lemos e Fi- lhos, Lda., Pr. de Carlos Al- berto, 31; Liga Assc. Soc. Mútuos, Rua do Bonjardim, 286

SUB-TURNO B
Henriques, Praça da Batalha, 64-A; Moreno, Lda., Largo de S. Domingos, 44; Sanil, Rua do Paraíso, 214; Serpa Pinto, Rua de Serpa Pinto, 645; Vas- ques, Rua das Condomi- nhas, 794

COIMBRA

M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (tel. 23033); Figueiredo, Rua da Sofia, 107 - 109 (tel. 22837); Cor- reia, Rua Visconde da Luz, 46 (tel. 22834)

Cinemas

cinemas

cinemas

S. JORGE (Tel. 54153)
15.15-18.15-21.30
(Grupo C-14 anos) 3ª Semana
«SIGA AQUELE CAMELO»
A comédia da Arábias, com os cómicos ingleses ao ataque

AVIZ (Tel. 47173)
15.30-21.45
(Grupo B-10 anos)
TRINITA-COW BOY INSOLENT-
TE» com Terence Hill e Bud
Spencer (O Western do ano já
em 16ª Semana)

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15-18.15-21.45
(Grupo D-18 anos)
(12ª Semana de êxito com Re-
nato Rascal, G. Granata e
G. Giuffrè «A TRANSPLAN-
TACÃO»
Amanhã às 18.30 (17 anos)
«O ÚLTIMO VERÃO» com
Jeanne Valérie

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15-21.45
(Grupo D-18 anos)
«VIAGEM ENTRE MULHERES»
com Silva Koscina e Maurice
Ronet.

ROYAL (Tel. 885037)
15.00-21.00
(Grupo D-18 anos)
«REMORSO» com Stephane
Audran e Michel Bouquet
«ARQUIVO K» com Stephen
Boyd

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-21.30
(Grupo C-14 anos)
«DIREITO POR LINHAS
TORTAS» um filme com
Sidney Poitier e Harry
Belafonte. Quinzenas de bom
cinema. Hoje às 18.30 (10
anos) «CALCUTA» um filme
de Louis Malle

APOLLO 70 (Tel. 763319)
14.30-16.45-19.00-21.45
(Grupo D-18 anos) 6ª Semana
O último filme de Milos For-
man «TAKING OFF» (os amo-
res de uma adolescente).

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15-21.30
(Grupo D-18 anos)
«LOLITA» com James Mason,
Shelley Winters, Peter Sellers
e Sue Lin.
Hoje às 18.30 (Adultos) «UMA
MULHER MEIGA» com Do-
minique Sanda e Guy Frangin

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00-21.00
(Grupo C-14anos)
«CATLOW» com Yul Bryner e
Daliah LLAVI «UMA RESTEA DE
AZUL» com Sodney Poitieri
Shelley Winters

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Últimas exibições
Peler Fonda, Vuna Blom e
Warren Bates. «O REGRESSO»
Este sim! Mesmo colorido
Av.ª Frei Miguel Contreiras

BERNA (Tel. 776098)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
8ª semana triunfal com
Gene Hackman e Roy Scheider
em «THE FRENCH CONNECTI-
ON» (Os incorruptíveis contra
a droga).

CONDES (Tel. 322523)
15.00-18.30-21.45
(Grupo B-10 anos)
«LONGE DA MULTIDÃO» com
Julie Christie e Alan Bates

LIZ (Tel. 15.00-21.00)
(Grupo DS-7 ANOS)
«LABIRINTO DE SENTIMEN-
TOS» com Nennette Newman e
Malcolm Mac Donell. «A PELE
DE UM MALANDRO» com
Clint Eastwood, Lee J. Gobb e
Susan Clark

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15-21.30
(Grupo C-14 anos)
14ª Semana
«NÃO DESEJARÁS O DELICA-
DINHO DO 5º» com Alfredo
Landa, Jean Sorel, Ira de
Fustemberg e Isabel Garces

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
«CONCERTO PARA UMA
PISTOLA SOLISTA» com
Anna Moffo e Evellne Stewart

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15-21.45
2ª semana
(Grupo D-18 anos)
«OS IMPOSTORES» com Anna
Moffo e Olívia de Havilland.

EUROPA (Tel. 651016)
15.15-21.30
(Grupo D-18 anos)
«VIDAS CRUZADAS» com Rod
Taylor e Carol White.

ROMA (Tel. 727778)
15.30-21.45
(Grupo C-14 anos)
«LOTAÇÃO ESGOTADA» com
Artur Semedo, Luísa Neto e
Miguel Franco

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30-21.45
(Grupo C-14 anos)
«A NOITE DAS 8 BARRAS ADAS»
com Anthony Hopkins, Na-
thalie Delon, Robert Morley e
Jack HAWKINS (em 2ª Semana)

LIDO
21.30
(Grupo D-18 anos)
«IVAN O TERRÍVEL»

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
4ª Semana
«A REGRA DO JOGO»
Hoje, 0.15
(Grupo D-18 anos)
«PASSEIO AO CAMPO» um
filme de Jean Renoir já
em 2ª Semana

LONDRES (Tel. 730579)
14.15-16.30-18.45-21.45
(Grupo D-18 anos)
5ª Semana
«TRISTANA» com Catherine
Deneuve, Fernando Rey e
Françoise Neri na obra-prima de
BUÑUEL. Cine e ma. Snak-bar-
-Pub «The Flag» Faça três
coisas num sítio só

CASINO ESTORIL
17.00-21.30
(Grupo D-18 anos)
«LOVE STORY» (História
de amor)
com Ali McGraw - Ryan O'Neal

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D-18 anos)
«O JARDIM ONDE VIVEMOS»
com Dominique Sanda e Hel-
mut Berger em 3ª Semana
(O filme que ganhou o Oscar
da Academia)

Outros espectáculos

LISBOA Teatros

VARIEDADES
21.45 (M. 18 anos)
«Empresta-me o teu aparla-
mento».

TRINDADE
21.15 (14 anos)
«Flauta mágica».

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«Ivone Princesa de Borgonha».

VILLARET
21.00 e 23.00 (18 anos)
«O Tartufo».

LAURA ALVES
20.45 e 23.00
18 anos
«Uma cama para toda a gen-
te».

TIVOLI
18.30 (18 anos)
«A Curva» e «No Alto Mar».

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pronto a despir».

LISBOA/Cinemas

OLYMPIA
21.00 (14 anos)
«Django e Sarliana Até ao úl-
timo Sangue».

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«Rosas brancas para minha
irmã negra».

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Quatro noites de um sonha-
dor».

PARIS
21.00 (18 anos)
«O Quinto dedo».

MAYER
21.00 (10 anos)
«O Homem das pistolas de
Ouro».

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Jogo na escuridão».

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«10.000 dólares por um pis-
toleiro».

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (10 anos)
«O Pirata e o Rei».

ESTORIL
Casino
17.00 - 21.30 (18 anos)
«Love Story-História de amor».

Palácio
21.30 (18 anos)
«Nunca ao Domingo».

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«A Brigada do Diabo».

Lido
21.30 (18 anos)
«Ivan - o terrível».

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«O Barão Vermelho».

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«Corrida para a aventura».

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Charro».

PORTO Teatros

SA DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Ora bolas pró-pagode».

António Pedro
21.45 (14 anos)
«Fim de Festa».

PORTO/Cinemas

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Klute».

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«O Desesperado» e «Escanda-
lo no Castelo».

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«O Homem que não queria
matar».

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«História de uma rapariga
loira».

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Não desparas o delica-
dinho do 5º».

ESTUDIO
21.30 (18 anos)
«Clute».

ÁGUA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Trinita Cow-boy insolente».

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Dulcinea».

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«A última fuga».

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Encruzilhada de sentimentos».

OLÍMPIA
21.30 (M. 14 anos)
«Reverendo Colt».

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«Os dez mandamentos».

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Gimme Shelter».

VIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Selvagem e o homem».

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LUCIO DA SILVA
21.00 (18 anos)
«Anônimo Veneziano».

BARS BOITES

restaurantes

DANCINGS

ARREDA Fado amador, oca e can-
to e fado no Arreda. Elenco: José
Pracana, José Manuel Osório, D.
Vicente da Câmara e aventureiros
clientes Tocam Carlos Gonçal-
ves, José Pracana e José Inácio.
Encerra às 3.ªs feiras Consumo
mínimo: 62500 (taxa incl.) Rua Ale-
xandre Herculano, 3, Cascais. Te-
lef. 263864.

CASINO ESTORIL Jogo autoriza-
do. Variedades internacionais. Te-
lefonos 26451, 26452, 26459, 26461 e 264948.

**TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL
EMBAIXADOR)**

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2.º, 9.º 4.º
TELEF. 654531/234
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEF. 1363
LISBOA PORTUGAL

SOBREVIVEU 4 ANOS COM CORAÇÃO NOVO

SCOTSDALE (Arizona), 17 (R) — O segundo mais antigo sobrevivente mundial de uma transplantação cardíaca, William Carroll, faleceu no hospital no domingo — foi relevado a noite passada.

Carroll, de 54 anos, foi recipientado do seu novo coração em 31 de Agosto de 1968, numa transplantação múltipla realizada no hospital metodista de Houston por uma equipa cirúrgica chefiada pelo dr. Michael De-bakey.

A dadora do músculo cardíaco foi a sr.ª Nelva Lou Hernandez, de 20 anos, morta num suicídio aparente, com uma bala disparada contra a cabeça. A equipa cirúrgica aproveitou também para transplantar os dois rins e um dos pulmões da sr.ª Hernandez para dois outros pacientes.

William Carroll dera entrada no hospital há uma semana, insistindo que queria ter alta no domingo, Dia da Mãe, segundo anunciou o dr. Edward Dietrich, que foi membro da equipa chefiada pelo cirurgião dr. De-

bakey e é presentemente director do Instituto de Doenças Cardíacas de Phoenix, no Arizona.

O dr. Dietrich disse: «O nosso sobrevivente parecia em condições de saúde tão boas que não vimos quaisquer razões porque não devesse ter alta no domingo».

A causa da morte de Carroll permanece ainda um mistério. Não existia a mais leve sugestão de que o seu corpo estivesse em processo de rejeição do coração estranho ou de que estivesse iminente qualquer espécie de colapso cardíaco.

No entanto, o dr. Dietrich indicou ser possível que ocorresse qualquer forma subtil e difícil de detectar de rejeição, depauperando-lhe a potência do novo músculo cardíaco.

O mais antigo sobrevivente de uma transplantação cardíaca é Louis Russell, de 46 anos, de Indianapolis, Estado do Indiana, que foi recipientado do seu novo coração em 24 de Agosto de 1968, precisamente uma semana antes de Carroll.

LUCIANO BÉRIO EM LISBOA: NÃO HÁ MÚSICA DE VANGUARDA

Considerado pela crítica especializada como um dos nomes mais representativos da música de vanguarda, ao lado de Xenakis e de Stockhausen, Luciano Bério encontra-se em Lisboa para dirigir «Recital», uma obra encomendada pela Fundação Calouste Gulbenkian. A primeira audição mundial da obra terá lugar no Grande Auditório daquela instituição no próximo dia 27 de Maio.

«Não é a primeira vez que venho a Portugal. Estive cá em 1968 integrado no júri do Concurso de Composição que ali se realizou nesse ano». Disse-nos esta manhã o compositor, Bério que dirige desde 1967 um curso de composição na «Julliard School of Music» de Nova Iorque respondeu com uma certa prudência a todas as questões formuladas. Sobre a existência

ou inexistência duma música de vanguarda o compositor revelou-nos a sua posição:

«Entendo que não é legítimo falar-se de vanguarda em música. De certo modo tudo é vanguarda e nada o é. Existem sim vários géneros musicais que vão da música para dançar à música para pensar. O que varia entre esses limites é o grau de pesquisa e de experimentação».

Sobre o caso específico de França que Bério conhece bastante de perto, ficamos também a saber a sua opinião.

«O caso de França em relação à música dita de vanguarda não apresenta características especiais. Parece-me no entanto que a pesquisa sonora é aí entendida de uma determinada maneira».

CORPO E INTELECTO

Recusado abertamente o rótulo de «vanguarda» como forma de classificar a sua música, perguntamos a Bério em que grupo deve incluir-se a música de Xenakis de Boulez ou de Nono, por exemplo.

«A música desses compositores também não é música de vanguarda. Tem sim determinadas características e obedece a uma série de regras que a tornam em larga medida diferente das outras experiências que as pessoas normalmente conhecem. No fundo não existe música de vanguarda. Em vez disso podemos admitir a existência de uma «música para o corpo» e de outra «para o espírito». A minha música pretende ser um compromisso entre as duas coisas».

VOZ HUMANA

Luciano Bério que em 1955, após um longo estágio em Inglaterra criou em Roma um «Studio di Fonologia», fala-nos ainda do papel desempenhado na sua obra pela voz humana.

«Posso em primeiro lugar dizer que o bel-canto tem na minha obra uma função catalizadora. Da voz humana posso di-



«Há música para o corpo e música para o espírito».

zer essencialmente que é muito importante como expressão de uma linguagem».

Sobre a possibilidade de articular a pesquisa linguística com a experimentação musical, Bério que foi durante anos editor da revista «Incontri Musicali», confia-nos também a sua opinião.

«Acho que é perfeitamente possível. Apesar da música não ser uma linguagem formalizada existe entre ela e a linguagem formalizada uma infinidade de pontos de contacto. Na música joga-se portanto com a ideia de linguagem, sem que essa linguagem exista efectivamente. Em certa medida a música é, já por si, a procura interminável dessa linguagem, que é ao mesmo tempo terreno de experimentação e sistema de código».

Bério que abandona o nosso país logo que termine a apresentação da obra encomendada pela Fundação Gulbenkian, tenciona ainda assistir a dois ou três concertos também integrados no Ciclo Gulbenkian de Música.

J.J.L.

EM CIMA DA HORA

NOVA DELHI, 17 (R.)

Anunciou-se que morreram mais de 100 pessoas em consequência dos efeitos de uma vaga de calor no Norte e no Leste da Índia nas últimas duas semanas.

Algumas notícias da Imprensa indicam o total de mortes como ultrapassando 140, embora não se conheçam números oficiais.

A temperatura desceu ontem ligeiramente em algumas áreas, mas os meteorologistas afirmam que não há sinais de qualquer mudança notável durante alguns dias. A temperatura mais alta registada ontem foi de 47 graus centígrados em Banda, no Uttar Pradesh.

LEITE ROUBADO PARA CRIANÇAS

TUCUMAN, 17 (F. P.)

Doze guerrilheiros trotskistas irromperam ontem de manhã numa sucursal da Nestlé apoderando-se de duas toneladas de leite em pó, café, chocolate e bombons que serão distribuídos a crianças subalimentadas da cidade.

O produto do roubo foi levado num camião, que mais tarde foi encontrado nos arredores da cidade.

COLONIZAÇÃO DE COMETAS?

LONDRES, 17 (ANI) —

O homem devia colonizar os cometas, tornando-os numa «escada» para as estrelas, assim como desenvolver briosos destinados a acabar com a poluição na Terra — declarou o cientista americano Freeman Dyson, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton.

Em conferência proferida no Colégio de Birkbeck, em Londres, Dyson disse que, se em alguns cometas fossem feitas plantações, especialmente de árvores, estes poderiam tornar-se num caminho intermédio que simplificaria a exploração das estrelas.

Dyson previu um vasto esforço de colonização espacial, em que o homem viverá tanto nos planetas como nas estrelas.

as viagens da EUROPEIA

ÁFRICA

Viagem acompanhada

de 8 de Agosto a 5 de Setembro

ANGOLA
MOÇAMBIQUE
RODÉSIA
ÁFRICA DO SUL

Partida garantida



Teka

LAVA LOUÇA INOX 18/8

FABRICADO POR Teka-Hergóm Española, s.a.

REPRESENTANTE ANSELMO SANTOS

AVEIRO — AV. ARAÚJO E SILVA, 109
LISBOA — R. COR. BENTO ROMA, 12-A

REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

O GOVERNADOR CIVIL EM LOURES

O dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa, visitou hoje, de manhã e de tarde, o concelho de Loures. Recebido na Pontinha pelos presidentes da Câmara e demais autoridades locais, o chefe do distrito deslocou-se ao bairro da União das Freguesias de Lisboa e apreciou arruamentos e a remodelação da rede de esgotos do bairro de S. Pedro.

Em Odivelas, o dr. Afonso Marchueta visitou a estação elevatória de abastecimento de água a Caneças e à Serra da Amoreira, a localização do parque desportivo, o edifício do quartel (em ampliação) dos Bombeiros Voluntários e o local onde vão ser construídos 50 fogos para a Federação das Caixas de Previdência.

A sede da Junta de Freguesia de Camarate e a Casa de Repouso dos Motoristas Portugueses foram seguidamente visitadas pela governador, que, em Sacavém, apreciou a urbanização da Portela. Ainda de manhã, o dr. Marchueta esteve em Bobadela, S. João da Talha, Santa Iria da Azóia e Bucelas, onde almoçou.

A tarde deslocou-se a Lousa e Montachique, tendo seguidamente inaugurado em Loures as novas instalações do posto da P. S. P. A visita terminou com uma reunião de trabalho nos Paços do Concelho.

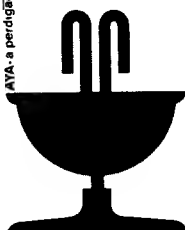
SE PROVAR

CASTELÕES

SÓ PEDIRÁ

CASTELÕES

Castelões é um queijo pasteurizado, amanteigado e de superior qualidade



cuide de si enquanto goza as suas férias em

CALDELAS

FAMOSAS TERMAS HIDROLÓGICAS PARA O TRATAMENTO DAS DOENÇAS INTESTINAIS

GRANDE HOTEL DA BELA VISTA
GRANDE HOTEL DE CALDELAS

QUARTOS COM BANHO E TELEFONE • CAMPO DE TÊNIS • CAPELA VELA E MOTONAUTICA NAS BARRAGENS • PISCINA, ETC

GRANDE HOTEL DE CALDELAS
PREÇOS ESPECIAIS DE 1 DE JUNHO A 15 DE JULHO

ABERTAS DE 1 DE JUNHO A 10 DE OUTUBRO



NOVA ORDEM PILOSA — Revogando uma anterior autorização de cabelo comprido nas forças armadas, o ministro alemão ocidental da Defesa, Helmut Sahmidt, ordenou corte mais curto. Alguns soldados anteciparam-se, rapando drasticamente a cabeça. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

UM PERIGO A CADA ESQUINA

Crianças em liberdade

Os casos não pertencem, infelizmente, apenas à ficção policial. As notícias frequentemente publicadas nos jornais, ou os casos de que tomamos conhecimento directo, no nosso dia-a-dia, levam-nos a pensar que não são excessivos os receios da mãe que se recusa a deixar sair à rua, sozinha, a sua filha mais pequena, e que os perigos que esta corre não existem apenas na sua imaginação.

A sociedade em que vivemos é favorável ao desenvolvimento de tendências perversas em indivíduos desequilibrados física e (ou) psiquicamente. E as crianças são, frequentemente, escolhidas para alvo dessas tendências, sobre as quais a psiquiatria tem escrito muito e actuado pouco. A partir daí, os traumatismos e a sua multiplicidade de consequências, quantas vezes para toda a vida, são inevitáveis.

Residirá a solução desse problema na refreacão da liberdade que hoje em dia se tende a dar aos mais pequenos. Impedindo-os de ir brincar para a rua, de se descolarem sózinhos para a escola, de irem fazer um recado à loja da esquina? Ainda que isso pudesse considerar-se possível e na vida familiar moderna, dominada por uma necessidade crescente de despendar trabalho fora de casa e pela extrema dificuldade em ter uma empregada doméstica, cada vez se torna mais difícil essa vigilância, não seria sequer desejável. A liberdade de movimentos da criança é condição neces-

sária para que o adulto em que se tornará se sinta também livre e o responsável - para que um travo de timidez não impeça de tomar decisões e de orientar conscientemente a sua vida. A protecção exagerada e os cuidados de que falamos nas nossas avós são completamente anacrónicos no mundo de hoje.

Movimentar-se sozinho, seja para a escola, o parque ou um cinema é, não apenas uma consequência da vida moderna, como um direito que tem de se reconhecer cada vez mais às crianças.

ONDE, COMO E PORQUÊ

Nas grandes cidades, são frequentes as tristes experiências do género. Na maior parte dos casos, um desequilíbrio sexual conduz certos indivíduos a actos incompatíveis com o que se entende por **bons costumes**. «Mirões», exibicionistas, pedófilos sentem-se particularmente atraídos pelas crianças e adolescentes (rapazes ou raparigas). Mas esses psicopatas não representam o único perigo na rua. O grupo de rapazes mais ou menos desocupados que dispõem de uma moto ou de um automóvel, o indivíduo de aspecto respeitável que se senta no eléctrico ao lado da moça que regressa do liceu ou que se oferece cortêsmente para lhe dar boleia a casa, em que medida não representam, também, encontros perigosos? O risco multiplica-se não apenas com a liberdade concedida aos peque-

nos, como com o próprio fenómeno denominado «urbanização», pois a vida citadina, ao multiplicar as tensões, proporciona a aparição de indivíduos a - sociais.

Onde ocorrem mais atentados? Estatística e logicamente nos lugares muito povoados... e nos lugares muito despovoados. Especialmente na rua, pois a rua é propícia para os desígnios equivocados. A multidão é um bom esconderijo. Circunstância agravante: a noite. Em todos os lugares mas, principalmente, nos lugares afastados, nos bairros suburbanos, no campo. A época do ano em que os delinquentes desenvolvem maior actividade é a Primavera e o princípio do Verão.

Com que idade se correm mais riscos? Parece que a natureza do perigo varia com a própria idade. Os mais pequenos (3 a 5 anos) encontram-se-lhe expostos pela sua própria incapacidade de defesa. Os de 7 a 8 anos, porque são ingénueos, crédulos e curiosos. Os de 13, porque podem despertar apetites difíceis de controlar em indivíduos anormais ou de fraco domínio de si próprios: sobretudo as raparigas que, dominadas por um instinto de sedução, usam a sua «coqueterie» de uma forma tão provocante como irresponsável.

Também o temperamento pode afastar ou provocar o perigo. Uma pessoa doce e tímida constitui uma presa mais fácil, pois dificilmente consegue reagir; a rapariga desperta e desconfiada terá mais facilidade em desembaraçar-se do intruso, mas, se for excessivamente curiosa pode, ela própria, «ir meter-se na boca do lobo».

O QUE NÃO SE DEVE DIZER

Os pais temem pelo que possa acontecer aos seus filhos, porque têm a consciência de que eles **não sabem**. Os perigos que ameaçam a sua ignorância encontram-se, até dentro de casa: uma tomada de corrente, uma janela aberta, o lume... Ensinar-lhes a conhecer estes riscos, constitui uma forma de os evitar. O mesmo se deve, logicamente, passar, em relação aos encontros perigosos. Só que estes, pela sua indole, não cabem no âmbito da aprendizagem quotidiana, mantendo-se como algo desconhecido para a mente infantil.

Como agir, para quebrar esta ignorância? Prevenir contra o «homem mau», o «sujito» que leva os **meninos** para lhes fazer «este mundo e o outro»? Tais prevenções apenas poderão causar angústia na criança, que acabará por desconfiar de toda a gente que se cruza no seu caminho, por sentir-se frágil, vulnerável, indefeso, cada vez que sai à rua.

Recorrer ao relato de um facto realmente ocorrido? Mas um detalhe minucioso acaba por exacerbar a imaginação de menino e a agressão de que foi vítima um companheiro de brincadeiras acaba por tornar-se uma situação de vitória. O companheiro é visto como um herói

cujas aventuras é invejada. O medo também fascina as crianças.

CAIMA E NATURALIDADE

Se um casal chegasse a organizar uma lista completa de todos os encontros perigosos possíveis, vacilaria em apresentá-la aos filhos. E teria razão: quem é capaz de se imaginar explicando a uma criança o que é um sádico, um «mirone», um pedófilista, um exibicionista,

Continua na página três



DL/MULHER

O ESTILO CAMPESSINO



O Verão que se aproxima obedecerá em larga medida ao estilo campestre no âmbito da moda, pois nota-se uma tendência de regresso ao tempo em que havia mais campo e menos cidades.

É um reviver dos dias em que os ovos frescos, as bebidas geladas e o feno acabado de cortar faziam parte do dia-a-dia e proporcionavam um tempo inesquecível no campo. A feminilidade representará uma presença contínua nos modelos desta época, como o prova Maudie James com o seu vestido de saia bastante comprida, cheio de fitas e bordados e deixando a descoberto os bonitos ombros.



Campesino duas peças.



Na grande cidade há muitos perigos.



Todos os problemas resultantes de uma mudança no estilo de vida...

JEAN SEBERG

ESCOLHI A AVENTURA DE VIVER

Fala-se agora muito de Jean Seberg. Entrevistámo-la, pelo que lhe agradecemos o ter sido sincera como poucas vezes acontece com uma atriz de nome feito. Jean Seberg acaba de interpretar, em Itália, o filme de Bevilacqua «Questa specie d'amore». Em França, começou a ser exibido o filme do seu ex-marido, Roman Gary, intitulado «Kill», e dedicado ao problema da droga. A atriz empenhou-se a fundo, ao lado de James Mason, num papel dramático que põe em destaque todas as suas qualidades. Há quem afirme que se trata da melhor interpretação da sua já longa carreira.

Gostaria de ter mais filhos?
Muito. Se pudesse gostaria de ser mãe de mais uns tantos.
De Roman Gary? Mesmo depois de se terem divorciado?

Parecer-me-ia a coisa mais natural deste mundo, embora pense que isso não virá a acontecer. Existe, entre nós, uma ligação destinada a durar para sempre. O nosso convívio ganhou uma espécie de equilíbrio, e sentimo-nos, como nunca, mais próximos um do outro. Mas Romain organizou a sua vida a seu modo e eu fiz outro tanto. O nosso apartamento está dividido em duas partes e nós continuamos a viver lado a lado, apesar do divórcio. Há quem considere esta situação como uma coisa «maluca», mas nós sentimo-nos bem assim. Dado que, devido ao meu trabalho, me vejo, constantemente, forçada a viajar, o meu filho fica com o pai, e vice-versa. Romain tem os amigos dele, e eu os meus. Existe, entre nós, uma espécie de cumplicidade, que torna, muitas vezes, difícil o nosso convívio com os outros. Trata-se de uma coisa profunda, que durará até ao fim dos nossos dias.

O início da sua carreira já se verificou há muito tempo. A sua actividade artística parece já muito longa.

Comecei muito nova. O meu pai era farmacêutico e a minha mãe professora em Marshalltown, no Iowa. Uma família com quatro filhos. Eu era a segunda filha, depois vieram dois rapazes. Aos doze anos, depois de ter visto «The Man», com Marlon Brando, decidi que havia de ser atriz. Segui todos os cursos de teatro que podia e tomei parte num concurso do Estado, os resultados foram óptimos, de tal modo que o meu professor de arte dramática escreveu a Otto Preminger, que andava à procura de uma Joana d'Arc. Tinha dezassete anos e os meus pais acompanharam-me a Chicago, onde li o meu papel diante do realizador. Fiz também um «test», um mês mais tarde, e roubei o papel a uma jovem atriz sueca. No dia em que fiz o «test» cortaram-me os cabelos e eu penso que Preminger, ao tomar tal decisão, me ajudou a descobrir-me a mim própria.

Depois de «Joana d'Arc», você veio para a Europa...

«Joana d'Arc» foi um filme de escasso êxito. A seicula tinha sido rodada em Londres, onde vivi, durante um ano, na maior das solidões. Preminger assim o queria. E em todo aquele período apenas participei em duas ou três recepções, a que fui convidada como uma «grande». E estava presente Harry Belafonte, e toda a gente se pôs a dançar. Foi uma coisa formidável. Em geral não via ninguém. Apesar das críticas muito severas, Preminger convidou-me para protagonista de «Bonjour Tristesse». Deixei Londres e fui para Nice, a fim de aprender a falar francês antes de se iniciarem as filmagens na «Côte d'Azur».

Tinha um pequeno apartamento na «Promenade des Anglais» e lia as críticas, todas desfavoráveis, sobre «Joana d'Arc». Não tinha com quem desabafar, e era muito duro porque só tinha dezoito anos. Terminadas as filmagens de «Bonjour Tristesse», regressiei, por seis meses, a Nova Iorque, para estudar francês com Etienne Decroux, o professor de Marcel Marceau. Estava com um rapaz francês que tinha conhecido na «Côte d'Azur», um jovem advogado que queria dedicar-se ao cinema e com quem casei pouco depois: François Moreuil. Foi um casamento muito tradicional, no Iowa, com igreja, família e tudo.

Entretanto, também «Bonjour Tristesse» obtinha críticas negativas. Comecei a perguntar-me, seriamente, se devia prosseguir na carreira cinematográfica. Nos Estados Unidos, os produtores nem sequer me recebiam. Mas, ao voltar à Europa, descobri que alguns jovens tinham gostado das minhas interpretações em «Joana d'Arc» e «Bonjour Tristesse», e queriam trabalhar comigo. Tratava-se de Godard, Truffaut, Chabrol. Assim, participei em «À Bout de Souffle». Era, para mim, uma coisa nova fazer cinema sem os gritos de Preminger, actuar em plena liberdade. Comecei, de novo, a gostar do meu trabalho e comecei a satisfação de ter feito um filme

que foi um êxito, de ler críticas favoráveis, mesmo nos jornais americanos que tinham dito mal das minhas interpretações anteriores.

No entanto, não teve o mesmo êxito na sua vida particular. Divorciou-se, dois anos depois do casamento.

Menos ainda, um ano e meio. Tinha sido, na verdade, um casamento entre garotos. Eu ainda não tinha atingido a maturidade e, além disso, tive de enfrentar todos os problemas resultantes da mudança de um estilo de vida, de cultura, de atmosfera. Um autêntico turbilhão...

Encontrou-se com Romain Gary muito tempo depois?

Não, aconteceu tudo na mesma altura. Enquanto eu interpretava um filme na Califórnia, François procurou entrar em contacto com a comunidade francesa de Los Angeles. Encontrei-me, assim, um dia com o consul da França, que era precisamente Romain Gary. Nasceram, entre nós, uma atracção e uma ternura que se foram tornando cada vez mais intensas. Demo-nos conta de que se tratava de uma coisa séria. Romain foi muito importante para mim. Sabe tratar uma mulher como nenhum outro, fazê-la sentir-se suficientemente amada para poder ter confiança em si própria, descobrir-se e aceitar-se tal como é, tirando, por si, as conclusões. Além disso, vi-me a viver num mundo que desconhecia por completo, o diplomático, o literário. Conheci pessoas que, normalmente, nunca teria encontrado e que me influenciaram. Kennedy, de Gaulle, e, sobretudo, Malraux. Tornei-me uma «pessoa». Depois nasceu Diego, que tem agora oito anos e é uma criança formidável.

É verdade que comprou um ranch no Iowa?

Sim. Uma grande herdade, na minha terra natal. Realizei, assim, um dos meus sonhos de infância, o sonho do meu avô, que adoro. O meu avô tinha-se deixado enganar nuns negócios de petróleo e isso tinha-o destruído. Tornara-se uma sombra do que fora, vivia num pequeno apartamento, à espera da morte. A minha avó era uma mulher que sabia fazer frente a tudo, que aceitava o bem e o mal. Quando vivia na herdade, na altura das colheitas, cozinhava para quarenta pessoas. Era uma personagem mítica, para mim, e eu sempre sonhei poder comprar uma herdade para a família. O filho deles, o meu tio Bill, também é uma das personagens míticas da minha infância.

Lembro-me de quando domava cavalos selvagens, era um autêntico «cow-boy», duro e terno, ao mesmo tempo. Há pouco mais de um ano dormi uma noite no quarto da avó e ela pôs-se a falar, saudosa, da herdade que tinha perdido. Nessa mesma noite, disse a mim própria, «Tenho de comprar uma herdade». Falei a uma pessoa conhecida, que vendia terrenos na região. Nesse mesmo dia, veio mostrar-me as fotografias de uma esplêndida quinta que se encontrava à venda, cento e cinquenta hectares de terra, com uma bela casa de tijolos e todas as instalações agrícolas em perfeito estado de conservação. O preço era alto, mas foi vê-la nesse mesmo dia e, no seguinte, comprei-a. Depois levei lá o meu tio Bill e disse-lhe, «Se quiser pode tratar dela. É para a família. Se der lucros serão para todos. Mataremos, todos os anos, um boi, quando a família se reunir». Pôs-se a chorar, disse que sim e insta-

lou-se logo lá com a mulher. A minha avó, que mora a vinte minutos da herdade, passa lá todos os fins de semana. Descobri, nessa mesma altura, a existência, em Marshalltown, de um grave problema racial. Davam-se bolsas de estudo a estudantes negros para que jogassem na equipa de «rugby», mas, depois, as pessoas recusavam-se a alugar-lhes um quarto. Um vizinho nosso chegava a passar todo o dia à porta de casa com uma espingarda na mão. Comprei uma casa muito grande, num dos mais belos bairros da cidade, e ofereci-a aos estudantes negros.

E as coisas funcionam?
Muito bem. Os vizinhos, naturalmente, lamentam-se, música num volume demasiado alto, raparigas brancas do «college» que saem com os rapazes negros. Haverá sempre problemas. Mas, ao menos, dei-lhes um pequeno refúgio, onde ninguém lhes pode dizer o que podem ou não podem fazer.

Que pensam de si, em Marshalltown, quando lá vai?

Os que me conhecem desde a infância sabem que não mudei. Sabem que na minha vida sempre houve coisas extravagantes e coisas boas. Mas há, com certeza, gente que não gosta de mim. Eu sei. Recebo cartas ameaçadoras, e até telefonemas cheios de obscenidades. Mas também acontecem coisas emocionantes.

A trinta quilómetros da cidade existe uma reserva de índios que vivem extremamente isolados, fechados em si próprios. Pois bem, há um ano, quando perdi a minha filha, muitos dos membros da tribo foram ao funeral. Nunca ninguém tinha visto índios a participarem num funeral cristão.

Sente-se em si como que uma necessidade essencial de regressar às coisas simples.

Existe um provérbio lá nos meus sítios que sempre me impressionou. «Pode fazer-se com que a rapariga saia dos campos mas nunca os campos da rapariga». Para mim, é uma verdade. Comprei, com Romain, os seus dois sobrinhos e um amigo, uma pequena e velha quinta, com o seu celeiro, no Lot. Juntamo-nos, uma vez por outra, e, com a ajuda de amigos, fazemos os trabalhos do campo. Na Páscoa, juntamos um grupo de pessoas, que nos ajudaram a fazer as sementeiras e a preparar um jardim e uma horta. Um hectare é pouca terra, mas o sítio é muito belo.

Leva o seu filho Diego ao «ranch» nos Estados Unidos?

Claro. Tenho uma combinação com o meu tio. No «ranch» há sempre quatro ou cinco «poneys» para as crianças da família e para as de Warshálltown, que são amigas delas e vêm com os pais, desejosos, também, de andar a cavalo. E spero lá voltar, este Verão.

Diego frequenta a escola em Paris?

Sim, uma escola pública. Está na idade dos palavrões, das mentiras, das lutas. Há-de passar. E eu deixo-o desabafar, quero que tenha água e sol e muito, muito amor. É como as plantas. Descobriu-se, aliás, que as plantas crescem melhor quando se lhes fala.

Além disso, o problema do filho único é ensinar-lhe a não ser egoísta. Felizmente, Diego tem uma grande capacidade de se dar com os outros. Também é bom estudante, com uma média de dezasseis. Escreve bem, e meteu-se-lhe na

Continua na pag. seis

NOVA MODA com instruções de trabalho precisas em língua portuguesa

neue mode

C5231E
5/72

5

Esc. 30,-
MAY 1972
Deutschland
DM 3,-
US \$ 1,25
Printed in Germany

O Figurino de Ouro

A moda para o verão a praia e as férias

moda variada para senhoras fortes

especial: trabalhos manuais
tempos livres
bordados, malhas
croché e artesanato

num instante tudo para a criança

A venda em todas as Tabacarias e Livrarias do País
Distribuidores: ELECTROLIBER, LDA
Lisboa · Porto · Faro · Luanda · Lourenço Marques

HORÓSCOPO DA MODA



Está a pensar em escolher um fato de banho? Se é forte, o mais adequado será um fato de uma peça num tom escuro; se é muito magra, procure um largo, com curvas. Os calções curtos, tornam as coxas menos pronunciadas; Selecciona com cuidado a parte superior e se for estreita em cima, escolhe o tipo almofadado ou de caixa bem pronunciada.



Dê um toque diferente à sua aparência este ano na praia: escolha o estilo chinês. Uma blusa de tipo de trabalhador e calças são ótimas para usar por cima do fato de banho; pode decidir-se por um quimono também. Como «pièce de resistance», utilize um chapéu largo, tipo dos de trabalhador, para se proteger do sol.



Quer comprar um vestido de casamento já feito ou o mande fazer, pode-lhe dar um toque pessoal como, por exemplo: flores naturais ou de seda, aplicações, fitas ou pérolas. Pode dar-se um aspecto antigo às rendas, mergulhando-as em chá fraco.

Limpeza e Restauro de Carpetes

Consulte os serviços especializados da FÁBRICA DE TAPETARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritórios: Rua Conde Redondo, 64, 2.º, Dir. — Tel. 59288 Orçamentos grátis

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Snak Bar Cervejaria de Lourival João da Rosa-RÓSIO DA TRINDADE — LAGOS

CRIANÇAS EM LIBERDADE

Continuação da página um
um sequestrador? Semelhantes descrições são mais do que suficientes para a perturbar e confundir.

Que fazer, então? Correta e calmamente, evitar o drama, dominando as nossas próprias reacções e ensinando os nossos filhos a raciocinar com serenidade.

Quando se trata de crianças ainda muito pequenas (de 3 a 5 anos) a solução é simples: uma boa vigilância. Há que evitar os perigos, já que seria inútil explicar-lhes onde estão e porque existem. Em princípio, com tal idade, uma criança não pode ir sôzinha a um lugar público.

Em seguida, chega à idade (6 ou 7 anos) em que deve começar a andar sôzinha. Então, há que dar-lhe instruções simples e claras. Dizer-lhes por exemplo: «Deves ir directamente de casa à escola e da escola a casa. Nunca permitas que ninguém te desvie do teu caminho. Se alguém se oferecer para te levar ou trazer de automóvel, deves responder que, primeiro, tens de consultar a tua mãe. Se um desconhecido te oferece guloseimas, recusa imediatamente. E se alguém te atacar, grita, corre ou mete-te no primeiro taxi que encontrares.»

Aí surgirá, inevitavelmente, a pergunta: «E porque hão-de querer fazer mal?»

Uma resposta precisa e oportuna: «Porque és um menino (ou uma menina), e há pessoas que se divertem fazendo mal aos meninos, como há outras que se divertem maltratando os animais.»

Só quando o nosso filho tenha já uma boa formação sexual devemos ir mais longe: psicologicamente, não seria acertado prevenir uma criança contra os desvios sexuais, desde que ele não esteja ao corrente de tudo o que respeita à sexualidade normal.

De qualquer forma, se em casa se falar livre e serenamente acerca do sexo, talvez a criança seja capaz de raciocinar de modo adequado quando chegar a altura.

Se a sua filha regressa apavorada do colégio, dizendo que viu um senhor cometendo determinado acto, a melhor atitude consiste em não se escandalizar, nem mostrar emoção, e dar uma explicação «de mulher para mulher»: «São coisas que acontecem... Quando era menina tam-

bém me aconteceu a mesma coisa...» Sobretudo, é preciso falar-lhe sem perder a calma, e sugerir-lhe, sem atemorizá-la, nem provocar-lhe demasiada curiosidade, a conduta a tomar em tais circunstâncias.

E se o perigo passa da iminência à realidade? Se realmente acontece ao seu filho aquilo que acontece a tantas outras crianças. Antes do mais, é necessário tranquilizá-lo. Ainda que o seu filho tenda a dar uma importância excessiva ao que não passou de um simples susto, lembre-se que ele pode ter sofrido um profundo choque emocional. Ajude-o a recompor-se e, sobretudo, evite gritos, que só servirão para acentuar o seu estado de espírito.

Uma medida externa a tomar: denunciar a ocorrência à polícia. Assim, as autoridades reforçarão a vigilância naquela zona.

Diante da criança, evitar contar a terceiros o sucedido. Por outro lado, convém dar conta do que se passou ao médico do seu filho, para evitar as possíveis consequências do choque: pesadelos, nervosismo, falta de atenção na aula, medo constante. E não lhe dar a impressão de que corre perigo permanentemente. Não deixe transparecer o seu próprio temor. Só assim a criança recuperará a confiança em si própria.

Os pais devem evitar mostrar-se humilhados, para que a criança não venha a ter uma sensação de culpa. Ela não se perdoaria ter sido a causadora de uma situação penosa.

E muito importante explicar-lhe o melhor possível o que aconteceu. Fazer-lhe compreender que qualquer pessoa poderia encontrar-se nas mesmas circunstâncias. Convencê-la de que as coisas não aconteceram porque se tratava de ele, (ou ela), mas por se tratar de uma criança. Assim, não se sentirá culpada nem responsável. E há que ajudá-la a esquecer um incidente que pode acarretar-lhe uma certa vergonha irracional para toda a vida.

CAMISAS

POR MEDIDA

O seu género a seu gosto
Hirondelle

R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)

VIAGENS ACOMPANHADAS

DE LISBOA A LISBOA

UTILIZANDO AVIÃO E AUTOCARRO
ENCURSÕES EM GRUPO A PREÇOS REDUZIDOS

10 DIAS A ITALIA Esc. 6.970\$00

Lisboa, Zurique, Milão, Veneza, Florença, Roma, Pisa, Génova, Milão, Zurique, Lisboa.

11 DIAS — CAPITAIS EUROPEIAS Esc. 10.250\$00

Lisboa, Paris, Londres, Amesterdam, Bruxelas, Lisboa.

19 DIAS — PAISES DO LESTE EUROPEU Esc. 22.880\$00

Lisboa, Bruxelas, Varsóvia, Moscovo, Leninegrado, Kiev, Budapeste, Praga, Zurique, Lisboa.

7 DIAS — UMA SEMANA EM PARIS Esc. 4.860\$00

Lisboa, Paris, Lisboa.

15 DIAS — EUROPA ORIENTAL Esc. 13.950\$00

Lisboa, Bruxelas, Budapeste, Sofia, Bucareste, Beigrado, Praga, Zurique, Lisboa.

8 DIAS — TERRA SANTA Esc. 10.890\$00

Lisboa, Zurique, Tel Aviv, Tiberiades, Nazaré, Haifa, Cesarea, Jerusalém, Lugares Santos, Tel Aviv, Lisboa.

16 DIAS — BRASIL — DA AMAZONIA A S. PAULO Esc. 33.780\$00

Lisboa, Recife, Manaus, Brasília, Rio de Janeiro, Quedas do Iguaçu, S. Paulo, Lisboa.

11 DIAS — NEW YORK Esc. 11.400\$00

Lisboa, New York, Lisboa.

16 DIAS — MÉXICO E NEW YORK Esc. 28.990\$00

Lisboa, México, Taxco, Acapulco, Mérida, Uxmal, New York, Lisboa.

29 DIAS — AFRICA Esc. 36.950\$00

Lisboa, Joanesburgo, Cidade do Cabo, Ondshoorn, Wilderness, Port Elisabeth, Durban, Lourenço Marques, Kruger Park, Beira, Parque da Gorongosa, Salisbury, Joanesburgo, Luanda, Lisboa.

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar, pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:

Belos Turismo Setúbal-Av. 5 de Outubro- Tel. 23291
Evora-Rua da República-Tel. 24254

SENSACIONAL A JOVICA

por motivo de obras para ampliação das novas instalações da Av. Duque d'Ávila, de 60 para 400 m2

VENDE:

TELEVISORES	DESDE 2.500\$00
MAQUINAS DE LAVAR ROUPA	3.990\$00
MAQUINAS DE LAVAR LOIÇA	4.500\$00
FRIGORIFICOS	1.990\$00
FOGÕES	900\$00
ESQUENTADORES	990\$00
PANELAS DE PRESSÃO	290\$00

etc., etc.

Pagamento a pronto ou com facilidades até 24 meses, SEM ENCARGOS.

ATENÇÃO: Estes preços só são feitos na nossa loja da AV. DUQUE D'ÁVILA, 58 — LISBOA. APROVEITE e COMPRE HOJE as últimas unidades. AMANHÃ SERÁ TARDE.

JOVICA

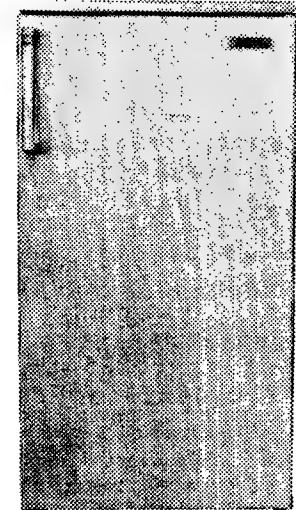
LISBOA
Avenida Duque d'Ávila, 58 — Telefone 54892
Largo de D. Estefânia, 12-D — Telefone 48856
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telefone 52970

VENDA NOVA — Rua Elias Garcia, 13-A — Telefone 975790

CASCAIS — Rua Padre Moisés da Silva, 1-C — Telefone 281395

Passé
um maxi fim-de-semana!
com um mini frigorífico!

OFERTA
em cada frigorífico
BOSCH



CONDIÇÕES
ESPECIAIS

24 prestações
sem entrada inicial
encargos

Carbur
Sede: Rua Luis de Camões, 5A-5B - Lisboa Filial: Av 5 de Outubro 182 - Setúbal
Rua de Sta Marta, 33A - Lisboa

Carochinha

MODAS

JUVENIS ATÉ

20 ANOS

Av. Guerra Junqueiro, 19-C
Telef. 72 67 31



MÉTODO ASSIMIL

Aprendizagem de Línguas por assimilação intuitiva.

Em discos microgravados, cassettes ou bobines
LIVRO DE TEXTO
LÍNGUAS ESTUDADAS:

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO
RUSSO
ITALIANO
ESPANHOL
HOLANDÊS
GREGO
PORTUGUÊS

REPRESENTANTES:
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA E C.ª SUC.
Rua do Carmo, 9 a 13
Telef. 324076 — LISBOA

GINA LOLLOBRIGIDA

A ARTE DE BEM VESTIR



uma rosa-dos-ventos, guarnição essa que fica bem sobre as cores do estampado. Na foto n.º 1, temos Gina envergando um «clássico». Pucci, uma paleta de cores que suavizam as linhas da actriz.

Gina Lollobrigida acaba de abastecer o seu guarda-roupa de noite com magníficos vestidos adquiridos em Valentino, um dos costureiros italianos mais requisitados pelas elegantes (e ricas) mulheres do cinema.

Como toque de originalidade (ou símbolo de superstição), um emblema de seda criado por Emilio Pucci representando uma rosa-dos-ventos multicolor, que poderá ser ostentada sobre qualquer traje de noite. «Emblema da felicidade» — lhe chamou Emilio Pucci. E Gina parece ter acreditado.

SOBRE UM FUNDO DE CORES VIVAS

Num intervalo das suas actividades cinematográficas Gina «posou» especialmente para apresentar alguns dos esplêndidos modelos desenhados pelo costureiro florentino. Trata-se de vestidos compridos, de tom quase «dramático» e, como se pode observar nas várias fotografias, Gina «interpreta-os» com um estilo de grande efeito. De resto, ficam bem à actriz os trajes muito elaborados, de grande luxo. Embora não seja alta (1 metro e 60), Gina tem uma figura bem proporcionada e, sobretudo, um porte que exclui um modo de vestir demasiado simples. Os maldosos dizem que a sua personalidade é «construída», e que, por isso, Gina Lollobrigida não pode





ROMÂNTICA E FATALÍSSIMA

A passagem como manequim excepcional prossegue com a apresentação de quatro modelos assinados por um dos «reis» da moda: Va-



lentino. A actriz, de resto, é uma cliente fiel do costureiro romano e só desfilou para os convidados de honra. Na foto n.º 4, vemos um vestido negro com uma faixa cor-de-rosa, e mangas quimono, que adoçam a figura. O modelo apresentado na foto n.º 5 é cor-de-rosa, de «chiffon» aos folhos plissados, com um bolero preciosamente rendado. Para este traje, Gina mudou de penteado, apanhando os cabelos num «chignon» muito suave deixando, assim, o rosto completamente descoberto. O penteado torna a actriz mais sofisticada, pois ela, normalmente, usa os cabelos soltos e tufados dos lados. Os seus penteados têm sido sempre muito discutidos e os especialistas raramente chegaram a acordo neste capítulo. Há quem seja de opinião que se deve pentear com maior desenvoltura. Outros, porém preferem vê-la com penteados mais elaborados. Nós pensamos que Gina não deve mudar de tipo, porque, embora sempre tenha procurado acompanhar os tempos (numa entrevista recente, Gina declarou: «Ora eu tenho um corpo moderno»), a actriz é uma mulher de beleza tradicional. As massagens, as dietas, as precauções não lhe afectaram as formas e seria errado que Gina procurasse ter uma figura sem relevos. Para dizer a verdade, não tem quilos a mais (pesa 53), mas apenas umas certas curvas que a fazem parecer mais jovem. Deve, ainda, acrescentar-se que a moda volta a este tipo de mulher e o próprio Valentino (confirmam-no os modelos aqui apresentados) quis sublinhar, nas suas últimas criações, a tendência para a feminilidade, voltando aos «volants», aos favos, às pregas plissadas, aos corpos trabalhados com esmero, às saias rodadas. Resulta daí que ganham grande esplendor os seus trajes quando vestidos por uma mulher com o estilo de Gina Lollobrigida. Os penteados são todos de Alba, conhecido salão de Roma.

UM TOM "DRAMÁTICO" DE PASSAR MODELOS



RECTÂNGULOS DA VIDA

MARIA JUDITE DE CARVALHO

UM FIGURINO

Dispomos de uns série de figurinos e não desejamos modificações que venham sujar a branca supérficie das folhas onde foram desenhados para a eternidade.

A velha estava encolada a uma parede, de mão estendida, e eu passei adiante. Não houve em mim um vislumbre de hesitação. Passei adiante e talvez tenha mesmo apressado o passo. Depois reflecti, comecei a reflectir. Porquê? Porque não lhe dei a moeda que, por acaso trazia ali à mão? E a verdade acabou por surgir, e estava nela, na velha-não-velhinha. Um ser gordo, despenteado, desmazelado, quase obscuro, um ser que não merecia a minha pena e a minha moeda porque manchava com a sua presença o lindo figurino tranquilizador que um dia me deram. E ste e muitos outros, claro está. Mas hoje é deste figurino que se trata, e ela, a velha, era o seu oposto. O espelho deformante, a desordem, a ameaça.

A velhinha, para merecer o diminutivo terno, a nossa pena, a nossa solidariedade de um escasso minuto, o de procurar a moeda na carteira (note-se que não estou a fazer a apologia da esmola, de modo algum, mas que fazer se há quem estenda a mão porque precisa de a estender?) deve ser sequinha, humilde e simpática, vestir de escuro e ter um ar alheado. Há dias, numa loja do Chiado, vi muitas senhoras darem o seu óbolo a uma velhinha assim, correcta, tradicional, tranquilizadora, um amor de velhinha cuja imagem não agredia ninguém, não acusava nenhuma das presentes, consumidoras entusiastas de coisas desnecessárias, da sua situação de pedinte, uma velhinha pobrete mas alegre, se me explico bem.

Agora aquela, a que deixei lá para trás, de mão estendida... Ali, a mostrar que se pode envelhecer não mirrando mas inchando, não secando mas apodrecendo, não perdendo o corpo mas exibindo-o, ofendendo pois com a sua presença despudorada e incómoda os bons princípios tradicionais, esboratando o tal figurino...

Por isso segui adiante e mal a olhei, embora a tenha visto perfeitamente.



VALERÁ A PENA?

E momentâneamente, esquecidos (só momentâneamente? Não seremos nós, tantos de nós, uns esquecidos eternos, uns distraídos crónicos, até mesmo uns ignorantes voluntários? deste tempo terrível e maravilhoso — muito mais terrível do que maravilhoso, valha a verdade — olhamos e ouvimos e pensamos no dia de amanhã. Mas onde os problemas comezinhas e tão importantes deste nosso tempo? O preço da carne e do peixe, que é o preço da nossa sobrevivência, por exemplo? Por exemplo a renda da casa que tem de ser paga com urgência ou não teremos tecto? Onde os outros problemas maiores ainda, ainda mais graves, muito mais graves? Valerá a pena trazer filhos ao mundo, neste tempo? Valerá a pena lutar corpo a corpo com a vida para que eles sejam homens e mulheres responsáveis, amanhã? Responsáveis neste manicómio que é o mundo? Mas amanhã onde estaremos nós? Valerá a pena tanto esforço?

Mas não, não pensamos em nada disso, agora. Porque neste momento o tempo que nos preocupa é outro. Esquecemos todas as grandes perguntas sem resposta, as hesitações, os receios, os medos. E is-nos sentados, frente ao pequeno écran, quietos e inquietos, atentos, levemente ansiosos, ouvindo o astrónomo de serviço que nos diz se domingo, chove ou vai fazer sol.

JEAN SEBERG

Continuação da página dois

cabeça escrever um argumento original para um filme.

Pelo Natal, recebeu uma bela máquina italiana de filmar e eu quis fazer com ele «O Capuchinho Vermelho». Mas Diego disse-me: «Não, prefiro um argumento original». Estou, agora, à espera desse tal argumento.

O que é que está a fazer para o cinema?

O último filme em que trabalhei, depois de «Kill», é italiano. Chama-se «Questa specie d'amore», e é de Bevilacqua. Trabalhei ao lado de Ugo Tognazzi. Agora, estou a trabalhar em dois argumentos, num deles, com um amigo, um realizador cubano, no outro com um actor de Godard, Laszio Kovaks. Quando se termina um filme, há sempre uma pausa, que é difícil de passar. Escreve-se, e o «ponto morto» torna-se, assim, mais fácil de suportar. E eu sempre procurei escrever. Cheguei mesmo a publicar uns poemas. Mas senti-me complexada, neste campo, diante de Romain.

Será porque pensa no que poderá fazer daqui a uns anos?

Sim, e com angústia. Existem, também, coisas práticas que me atormentam. Penso que não conseguirei acabar o pagamento da herdade, que Diego não poderá terminar os seus estudos... Tento tudo. Cheguei a querer aprender a escrever à máquina, porque pensei que sempre poderia trabalhar como secretária. Pensei em me fazer florista. E também em aprender a trabalhar a terra, como deve ser, para ir viver para a herdade.

E, depois, gosto de estudar. Segui dois cursos de História

de Arte no Louvre, e gostaria de aprender a tocar piano. Gostaria de aprender a falar Português. E enquanto trabalho nos tais argumentos, há amigos meus, do mundo do cinema, que me incitam a dedicar-me à realização. Trata-se de uma coisa que me tenta muito, mas de que tenho muito, muito medo...

Sente-se preocupada com o envelhecimento?

Não. Só me preocupei quando adoeci, há um ano, chegando a convencer-me de que nunca mais ficava boa. Agora não, porque estou convencida, graças aos meus amigos, e apesar da sociedade querer fa-

zer da juventude o fulcro de tudo, de que todas as idades têm as suas alegrias e satisfações. Agora, por exemplo, sinto vontade de me vestir de uma maneira divertida. Enfiar uns «collants» amarelos ou vestidos escoceses de tecido grosseiro, de Dorothee Bis. E, em suma, coisas um tanto frívolas. Quando penso que passei dez anos, em Paris, a procurar ter bom gosto no vestir e hoje me vejo de «jeans», meias brancas, sapatinhas de ténis, como usava quando tinha dezasseis anos, sinto uma enorme vontade de rir!

Em conclusão...

Não me sinto satisfeita. Dou-me conta de que me devia ter batido mais pelo meu trabalho. Tive, no todo, duas belas satisfações. «À Bout de Souffle», que já passa nas cinematografias, e «Lilith», um filme de Robert Rossen, pouco conhecido. O realizador Melville já o viu nove vezes, e eu gosto muito dele. Se pudesse ter uma terceira satisfação semelhante, sentir-me-ia plenamente feliz.

Mas torna-se, sem dúvida, necessário escolher entre uma bela carreira e uma vida plena, e eu escolhi a aventura da vida.

PASSAP®

MAQUINAS DE TRICOTAR
COM CÉREBRO INCORPORADO
SEM PESOS



AGORA SIM!

Mais uma extraordinária inovação

Um nunca acabar de malhas automáticas

LINDOS ARRENDADOS, AGORA AUTOMATICAMENTE

Distribuidores: ORGANIZAÇÕES CANCELA

Rua Oliveira Martins, 31-C — Lisboa 1

Filiais e Agências oficiais em todo o País

Envie-nos este cupão e receberá literatura explicativa

NOME

MORADA

CONCURSO Nº 36 TOTOBOLA

Quase seiscentos contos para cada um dos seis "trezes"

Neste 36.º concurso da 11.ª época do Totobola apenas 6 concorrentes atingiram o «alvo». Jogando em apostas «simples» (3) e em «múltiplas» (outros 3) todos chegaram, por caminhos diferentes, à meta desejada — o «treze». Aqueles que preencheram o seu boletim com apostas simples são: José Monteiro Costa Rama, do Bairro da Encarnação — Lisboa, João dos Santos de Oliveira, de Pascoal — Viseu e João Grácio, da Quinta da Presa — Mercês e têm o prémio individual de 592 183\$80 (valor provisório). Enquanto aqueles apostadores que preencheram o seu boletim com apostas «múltiplas» são: José Firmino Rodrigues, de Mora, «anónimo», do Porto e Cistóvão Mendes Guerreiro, de Setúbal, e têm o seu prémio aumentado do valor dos «dozes» correspondentes. O sr. José Firmino Rodrigues, de Mora e «anónimo», do Porto receberam cada um mais 118 436\$40, quantia equivalente a 6 dozes, por terem jogado com um sistema de 48 e 36 apostas, respectivamente. Por último, o sr. Cistóvão Mendes Guerreiro, de Setúbal, por ter apostado com uma matriz de 243 apostas receberá nada menos do que mais 197 394\$00 correspondente a 10 «dozes». Este concorrente tem

mais outros 6 segundos prémios noutras matrizes. Portanto, na totalidade, arrecadou 908 014\$20, quase atingindo a galeria dos milionários do Totobola.

Com doze resultados certos foram apuradas, no final do escrutínio, 180 apostas, sendo 159 do Continente, 1 da Madeira, 1 dos Açores, 3 da Guiné, 9 de Angola e 7 de Moçambique. A cada uma cabe o prémio de 19 739\$40 (valor provisório).

O NOVO FILME DE POITIER

Sidney Poitier dirige e interpreta o principal papel na película «Um Dezembro Quente», extraído do romance de Lawrence Sanders. A Esther Anderson foi confiada a principal interpretação feminina.

AS FÉRIAS À PORTA

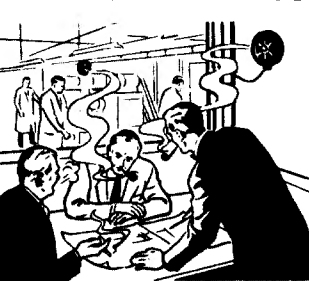


O seu corpo estará preparado para vestir o seu fato de banho ou vestidos próprios para a temporada? Num tempo «record» ele retomará o aspecto juvenil pelo mais moderno processo de emagrecimento: A GINASTICA ELECTRONICA. Tratamentos ao domicílio pelas nossas «visitadoras de beleza» especializadas. Marcação e inf. EURODINAMICA, LDA. T. 534208

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c. Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39. VENDA AO PÚBLICO

LIBERTE-SE DO AR VICIADO E CHEIROS DESAGRADÁVEIS



COM VENTILADORES



VENTILAÇÃO INDUSTRIAL — AQUECIMENTO AR CONDICIONADO

À VENDA EM TODO O PAÍS

AGENTES GERAIS PARA PORTUGAL E PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS SOC. TÉCNICA DE FOMENTO, LDA. PORTO-LISBOA

REVENDEDOR AUTORIZADO: SOC. LUSO-ELÉCTRICA, LDA. Largo Vitorino Damásio, 2-1.º-LISBOA

SEJAMOS BELAS

CUIDADOS DIARIOS

A Ciência e a cosmética, prolongam, actualmente, a juventude. Bastará não deixar passar um só dia sem tomar as medidas precisas para evitar que os estragos do tempo se manifestem, e, ter-se-á, assim, a alegria última de se verificar que não há uma idade limite para a beleza juvenil.

Os cuidados diários impõem-se. Limpeza rigorosa da pele. Uso de um ou dois tipos de loção e um ou dois tipos de creme. Insistir nas zonas vulneráveis. Massajar suavemente. E Guerlain que tem toda uma linha completa de produtos de limpeza adequados a cada caso. Crème de Nettoyage n.º 1 para peles secas; Crème de Nettoyage n.º 2 para peles gordurosas; Gelée Fluide de Nettoyage para peles normais, Huile de Nettoyage para peles sensíveis e Demaquillant Fluide para peles sem quaisquer problemas.

Na verdade, um sério tratamento à pele do rosto e pescoço deve começar, sempre, pelo limpar e tonificar. Depois eleger-se-á o creme, ou cremes, que mais convenham e as bases de tonalidade mais embelezadora.

Um creme de alimento, aplicado pela manhã, apenas se terá no rosto durante vinte a trinta minutos. O que não foi absorvido pela epiderme retirar-se-á com papel absorvente.

Com o pescoço, logo a partir dos trinta anos (e até mesmo antes) devem ter-se cuidados especiais. O pescoço é a parte do corpo que mais denuncia a verdadeira idade. Conservá-lo liso e sem duplo-queixo, exige um bom creme, uma loção e massagens, dadas de cima para baixo. Creme criado especificamente para o pescoço, tem em conta as características deste, já que a pele do pescoço deve ser flexível para permitir os movimentos, e, entretanto, suportar, também galhardamente, o peso da cabeça, que, afinal, nunca deverá ser um simples ornamento dos ombros...

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990\$00
Frigoríficos	1.900\$00
Trituradores	260\$00
Secadores de cabelo	140\$00
Cassetes	35\$00
Relógios de cozinha	300\$00

VENDAS

A

PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

massas alimentícias

itali

A MAIS MODERNA FABRICA DE MASSAS PORTUGUESA

MASSAS BOAS PARA SI

MASSAS novas!

UM SABOR MODERNO

UM SABOR ITALIANO

QUINTÃO

a casa que V. Ex.ª deve preferir para compra de

TAPETES, CARPETES E ALCATIFAS

CASA ESPECIALIZADA 30, Rua Ivens LISBOA

3 PROGRAMAS UM OBJECTIVO

ENCONTRO COM A ESCANDINÁVIA

TRIÂNGULO TURÍSTICO
ESCANDINAVO
Partidas de Lisboa - 2.ª feiras

DINAMARCA E OS
FJORDS DA NORUEGA
Partidas de Lisboa - 6.ª feiras

AS CAPITAIS
ESCANDINAVAS
Partidas de Lisboa - Sábados

PEÇA DETALHES AO SEU AGENTE
DE VIAGENS HABITUAL

SAS

AV. DA LIBERDADE, 258-6.ª LISBOA - Telef. 537001



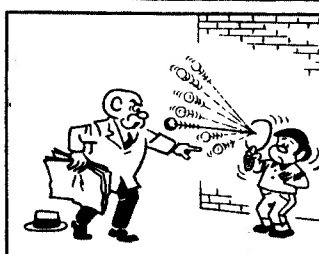
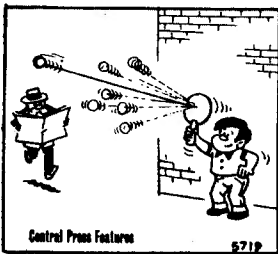
ARMA DE DEFESA

Os inventores e fabricantes parecem ter descoberto de novo o cabo dos guarda-chuvas. Há alguns meses uma firma em Wupperthal, Alemanha, lançou no mercado um guarda-chuva dotado de um aparelho de rádio no cabo, com o qual é possível sintonizar quatro emissoras. Agora, na Feira da Moda, em Hamburgo, outra firma apresentou um guarda-chuva que pode ser transformado em arma de protecção, accionando contra qualquer assaltante a ampola de gás lacrimogénico montada no cabo. Os dois guarda-chuvas são vendidos a preços absolutamente normais.



CAROL DAY — Emergency!

by David Wright

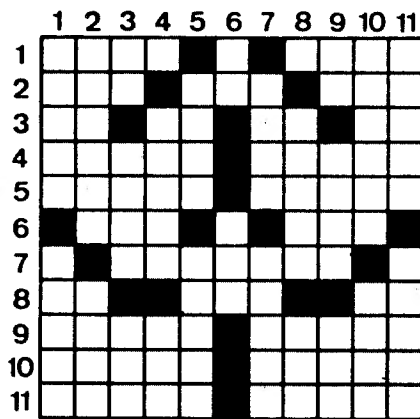


palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

HORIZONTAIS

- Aquele que. Omite (fig).
- Género de aves galináceas do Brasil. Donzela de Orleães. Alcool de melado.
- Sopro. Prefixo de privação. Abreviatura que se usa em música. Batráquio.
- Cidade da Cária. Mamário.
- Fechais as asas para descer mais depressa. Freguesia do conselho da Covilhã.
- Senhor em inglês. Irmã da mãe.
- O mesmo que oasianos.
- Artigo indefinido. O mesmo que espádua. Preposição.
- Artigo indefinido. O mesmo que espádua. Preposição.
- Conjunto das funções psíquicas. Lodos.
- Penteia. Bailarina cigana, espanhola, já falecida.
- Apelido. Escritor italiano autor de Breve História da Literatura Italiana.



VERTICAIS:

- Pronome relativo. Tomar rumo ou direcção.
- Dais urros. Cabeça (fig).
- Pronome pessoal. Broto. Viscera dupla.
- Empunhara. Guarneço de asas.
- Aniversário. Planta do pé (pl).
- Crómio (s.q). Consentimento.
- Dissipa (fig). Pegar.
- Ideia (fig). Intimo.
- Sufixo que designa estado. Em mais alto grau. Ruins.
- Fiada de malhas em toda a largura da rede. Numeral.
- Mele em mala. Considerai (fig).

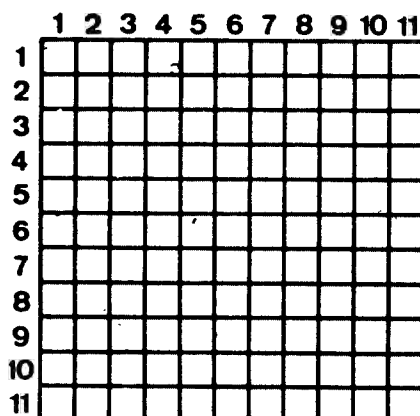
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6249

HORIZONTAIS

- Brejo formado por águas pluviais. Pequeno tumor ou verruga da pele.
- Bebedeiras (pop). Gorgulhos tropicais.
- Nome de astro. Facção.
- Rã (pop). Arsénio (s.q).
- Em partes iguais. Óxido de cálcio. Senhor.
- Preposição. Rameira (pop). Seguir.
- Terçado. Furam.
- Taçara.
- Tempo do verbo ser. Supor. ta. Brisa.
- Ratara. Fertiliza com adubos.
- Causar amuo. a. Serra de Portugal.



VERTICAIS

- Rio do estado do Rio de Janeiro. Demora.
- Tributo (ant). Ruído.
- O mesmo que outara. Bromo (s.q). Pronome pessoal.
- Envolve em pão ralado. Fundara.
- Guarneço de asas. Tostar.
- Freguesia do concelho de Esposende. Cobre (s.q).
- Cabelos brancos. Aperfeiçoaram (fig).
- Ralar. Vadia.
- Apelido. Em a. Cidade da antiga Caldeia.
- Consagraria. Falda.
- Sufixo que designa abundância (pl). Estimaráo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10090

HORIZONTAIS

- Étite. Astro.
- Sola. A. QUEM.
- Ela.
- Oo. Aviso. AT.
- Amena. Orava.
- Usa. Ari.
- MDC. DÃO. NÃO.
- Maomé. Roera.
- Lapida.
- Chio. Eirol.
- Arear. Moo.

VERTICAIS

- Escoa. MM.
- To. Omuda. Cr.
- Ilo. ESCOLHE.
- Ta. Anã. Maia.
- Eva. Depor.
- Ali. Ba.
- Qs. Or. Oaio.
- Tui. Arneiro.
- Ré. Aviar.
- Omita. Aldão.

PROVÉRBO A QUEM DÃO; NÃO ESCOLHE

SOLUÇÃO DO PORBLEMA N.º 6248

HORIZONTAIS

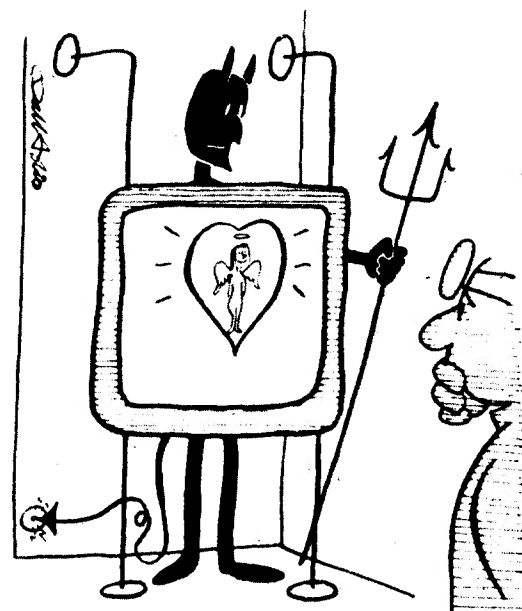
- Nhá. Man. Taá.
- Aans. Alas.
- Go. Opiar. Li.
- Clamava.
- Oledo. Salgo.
- Aro. Lia.
- Mur. Gas. Ana.
- Uropo. Oiros.
- Re. Ordem. Ia.
- Carpa. Ra. Di.
- Orças. Antes.

VERTICAIS

- Nagão. Murco.
- Hão. Laurear.
- An. Cerro. Cr.
- Soldo. Popa.
- Pão. Goras.
- Afim. Ha.
- Aas. Soera.
- Arval. Iman.
- Ti. Aliar.
- Aal. Ganóide.
- Asilo. Asais.

HISTÓRIAS DIABÓLICAS

O DIAGNÓSTICO



A PRIMAVERA



A MULHER EM FOCO

MARIA:

Um desejo forte de independência, um viver desprendido de peias e limitações, uma ambição firme e segura: ser gente no cinema que se faz nesta terra. Assim é Maria, revelação em «A Promessa» do arq. António Macedo (filme que se pensa apresentar no Festival de Veneza) e jovem actriz a caminho no estrelato na revista «P'ra frente Lisboa».

Maria, só, é pouco para quem

a pretende identificar; mas dizer quem é e donde vem, que relações lhe moldaram o carácter, que educação a transformou, é segredo que Maria guarda a todo o custo, para si. Mas nós soubemos. E dizemos como chegou ao que é e como caminha para o mais além. Antes que as trombetas a soprem aos ventos da fama, antes que os cartazes a mostrem no topo e antes que a incluam na simbologia do cinema novo português.



Maria: rosto para o cinema.

Maria entrou para o teatro no dia em que Raul Solnado pensou montar «O Vison Voador» e necessitou de um modelo grácil e elegante para passar o vison em certos momentos da peça. Foi um primeiro contacto que se manteve por dois anos, mas que a deixou ainda ignorada, já que nunca abriu a boca, nunca disse uma palavra em cena. Apenas a sua presença juvenil passando de um lado para o outro a deixar no ar a pergunta dos circunstantes. «Porquê tão pouco tempo»?!

Pois apesar de nada dizer, O Vison Voador marcou-a para o futuro.

Sempre foram dois anos em contacto directo com gente do teatro e com a agitação da cena. Comecei com dezoito anos e quando abandonei a Companhia já tinha vinte. Ora, numa fase como essa forçosamente teria de sofrer influências para o resto da vida. Ficaram muitas recordações. Aconteceram-me coisas boas e más, mas as más já as esqueci. Hoje recordo as boas e a certeza de que, como princípio, foi excelente. Na generalidade todos me tratavam bem. Com o afecto de toda a gente, sentia-me um pouco como menina na mão das bruxas.

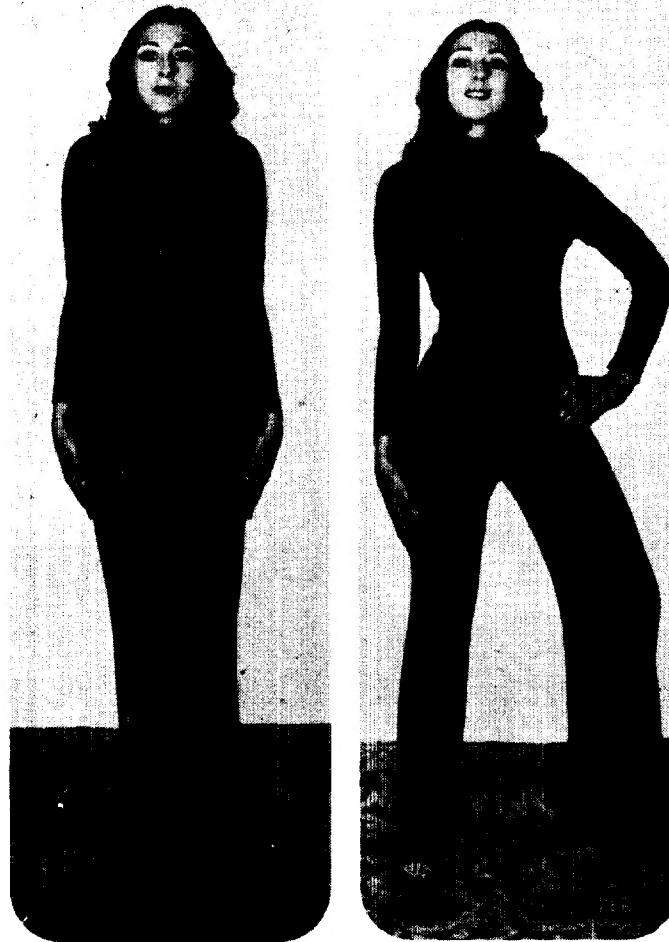
A INDEPENDÊNCIA

Maria nasceu em Lisboa, filha de gente de boas posses e posição social. Educação burguesa, curso de decoração, os estudos triviais. Seu nome completo é Maria de Lurdes Gonzaga Rodrigues, nasceu em 1951 e concorreu ao concurso «Maja de Portugal», não tendo comparecido na finalíssima (quando tudo indicava que iria vencer), pois a actividade no Vison Voador impediu-a de se deslocar a Espanha.

Mas antes de se iniciar no teatro, antes de se tornar livre e independente, e de angariar o sustento diário com as próprias mãos, muitas barreiras houve que vencer. A maioria, de índole familiar. Também as mais obstinadas. Mas tudo isso está ultrapassado. Maria faz gostosamente das suas actividades — do que fez antes da evidência actual, e para além de «O Vison Voador».

Tenho trabalhado regularmente em publicidade. Particpei em fitas publicitárias de quase todos

MENINA NA MÃO DAS BRUXAS



Maria: de corpo inteiro

os realizadores conhecidos. Só que nunca me deixaram abrir a boca. Eu sempre achei péssimo dar meu rosto a outra voz e ser dobrada até para o mais simples anúncio. Agora chegou a vez de fazer cinema a sério, com o meu corpo, com o meu rosto com a minha naturalidade e a minha voz. Para além de tudo isto trabalhei também em relações públicas e não receio o dia de amanhã. Tenho mãos para trabalhar, tenho vinte e um anos e sou optimista. E decidida a viver por mim e a pensar pela minha cabeça.

O CINEMA

— Como é que apareceu a rodar o filme de António de Macedo?

— Um tanto por acaso, pois embora eu já soubesse que andavam à procura de uma pessoa para fazer o papel de Joaquina, nada fiz para ser escolhida. Como o papel exigia uma presença física razoável (Joaquina tem de se des-

que as pessoas de teatro vulgarmente dizem, que é um horror fazer cinema, por mim achei encantador, a começar pela equipa técnica, porque todos os planos se cumpriram, o que mostra organização. Independentemente deste trabalho de equipa, gostei do meu papel. Era pequeno, não falo muito, mas senti-me perfeitamente bem. Em todas as circunstâncias me pareceu tratar-se de um daqueles trabalhos em que se sente estar tudo a correr bem. O papel tem muito a ver comigo, Joaquina é uma rapariga, muito pobre, sem maldade nenhuma, muito primitiva e desinibida. Não tem problemas de espécie nenhuma, para ela tudo é bom, tudo é bonito. Inconsciente, embora, e primitiva, Joaquina tem muito a ver com a Maria.

Soubemos que «A Promessa», segundo a peça homónima de Bernardo Santareno, está em fase de montagem e que se pensa levá-la ao Festival de Veneza. Isso implicaria uma estreia só lá para o princípio da próxima época, com o inevitável adiamento da possibilidade de verificar até que ponto Maria se integrou nos processos de trabalho dos novos do cinema português. E, também, com o inevitável adiamento da possibilidade de ser conhecida, como actriz de cinema.

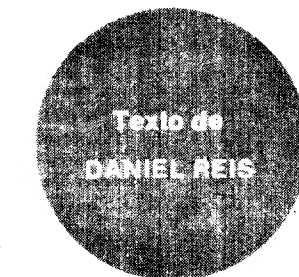
Para compensar isso, constata-se que Maria vai começar a trabalhar em publicidade com Fonseca e Costa (realizador de «O Recado») com todas as hipóteses de trabalhos futuros, nomeadamente no filme que está na forja.

O TEATRO

Publicidade, cinema, decoração, relações públicas fazem, como se viu, parte do «currículo» de Maria. Há mais as passagens de modelos («uma selva de intrigas e invejas, como nos garantiu», e agora o teatro. Com um lançamento em grande, sobretudo se atendermos a que se trata de uma estreante, como actriz de corpo e voz.

— O «Vison» foi insuficiente para me sentir à vontade sobre o palco e para encarar descontraidamente a revista que estamos a ensaiar. Sinto-me com um bocadinho de medo, pois se os grandes actores hesitam antes de cada estreia, quanto mais eu, que sou novinha! Claro que tenho as minhas ambições, mas também algum medo de me sair mal. Para já, as coisas estão a correr bem, mas só depois de me sentir devidamente dentro dos números que vou fazer é que poderei dizer se me satisfaz ou não a entrada no teatro profissional como actriz. Já nem quero sair muito bem, mas pelo menos que não fique muito mal.

Deixamos Maria no momento em que se prepara para a ascensão ao mundo acanhado do teatro e cinema indígenas. Dizem os que mais directamente se realacionam com ela que qualidades não lhe faltam. O resto fica a cargo da sua perseverança, contra os pequenos dramas e intrigas diários vividos a lá dos bastidores.



nema e depois desta experiência, fiquei ainda a gostar mais. Ao contrário do